

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
CURSO DE MESTRADO**

JOANNA LESSA FONTES SILVA

**OS SIGNIFICADOS DO FUTEBOL AMADOR RECIFENSE A PARTIR DE SUA
INTERDEPENDÊNCIA COM O FUTEBOL PROFISSIONAL**

RECIFE, 2009

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIENCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
CURSO DE MESTRADO**

JOANNA LESSA FONTES SILVA

**OS SIGNIFICADOS DO FUTEBOL AMADOR RECIFENSE A PARTIR DE SUA
INTERDEPENDÊNCIA COM O FUTEBOL PROFISSIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, para obtenção do título de mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Ventura

RECIFE, FEVEREIRO 2009

JOANNA LESSA FONTES SILVA

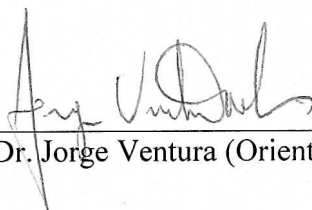
**OS SIGNIFICADOS DO FUTEBOL AMADOR RECIFENSE A PARTIR DE SUA
INTERDEPENDÊNCIA COM O FUTEBOL PROFISSIONAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco, para obtenção do título de mestre em Sociologia.

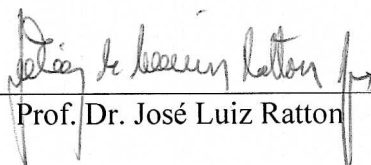
Orientador: Prof. Dr. Jorge Ventura

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida e aprovada pela Banca Examinadora em 20 de fevereiro de 2009.

BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Jorge Ventura (Orientador)



Prof. Dr. José Luiz Ratton

Prof. Dr. José Luis Simões

DEDICATÓRIA

LXXIV

Quem és tu, leitor amado, que lerás daqui a cem anos os meus poemas?
Pobre de mim, que não posso enviar-te nem uma só florzinha, desta riqueza primaveril,
nem um simples reflexo de ouro, que arrancaria às nuvens distantes.
Abre tua porta, a do coração, e olha lá fora.
Colhe do teu jardim florido as lembranças perfumadas destas flores murchas; de cem
passados anos.
Que sintas em teu coração jubiloso a alegria eterna, que cantou uma manhã de primavera,
enviando sua voz agradecida além de um centenário.

(Rabindranath Tagore – O Jardineiro do Amor)

Incenso Fosse Música

isso de querer
ser exatamente aquilo
que a gente é
ainda vai
nos levar além.

(*Paulo Leminski*)

A todos os amadores
Do futebol
e da vida.

AGRADECIMENTOS

Agradecer ...

Como agradecer aqueles e aquelas que por dois anos estiveram ao meu lado (de perto ou de longe) durante a realização deste trabalho, sem esquecer de ninguém, sem ser injusto em algo que tem maior valor do que parece ter agora? Aceitarei este desafio.

Agradeço...

Aos colegas de trabalho do Ginásio de Esportes Geraldo Magalhães, especialmente ao grupo da Diretoria de Gestão que me inspirou e me apoiou neste trabalho e ao grupo da Diretoria de Esportes que me cedeu dados sobre o tema do estudo.

Aos cronistas e às lideranças que aceitaram participar deste trabalho e me cederam, gentilmente, parte de seu tempo, de suas memórias, informações e opiniões.

Aos professores do PPGS que contribuíram com minha formação dentro e fora de sala de aula, possibilitando-me o descobrimento de novos olhares sobre o conhecimento, sobre os indivíduos, no plural e no singular.

Aos colegas do NEPS com os quais dividi momentos de trabalho, alegria e aprendizagem.

Aos colegas do NESF que me ajudaram e apoiaram durante toda a realização deste estudo, em especial ao pesquisador Túlio Velho Barreto.

Aos meus colegas de turma: Jaci, Nelson, Erli, Ester, Samtiago, Madson, Marina, Karina, Talita, Osvaldo e Murilo pelas discussões fraternas e o apoio permanente.

Às Rô's, as quais destaco de grupos já citados pela participação determinante na construção deste trabalho: Rosângela e Rosier, pela amizade, carinho e ajuda.

Ao amigo Victor Melo pelo incentivo e apoio neste estudo e nesta retomada da carreira.

Aos amigos novos e antigos; àqueles que estão sempre perto e àqueles que estão muitas vezes distantes. Com especial atenção às flores e jardineiros da minha vida (Magna, Janine, Toninho, Gisele, Rei, Demétrius, Lu, Aniele, Áureazinha, Tércio, Neidinha, Chica, Érica fulô, Érica Florzinha, Tio Beto); aos companheiros de criatividade (Antonino, Carla, Déa, Gleydson); aos que tempo e distância não apagam (Kelzinha, Flavinha, Penha, Russo, Ângela, Priscila), mesmo que seja muito tempo (Amanda, Sinaide, Jymmy) ou pouco (Carlos, Rodrigo, Adri, Paulo, Fla, Lu, Paulo Duarte). E todos aqueles que estiveram comigo nestes últimos dois anos, com muita alegria, doçura e força.

Aos meus familiares pelo incentivo e carinho, especialmente a amada Cecília.

Ao Prof. Jorge Ventura, orientador deste trabalho, pela confiança, respeito e cuidado.

Por fim, agradeço a minha mãe, Solange Lessa, pelo exemplo e pelo apoio e amor incondicionais.

RESUMO

O futebol brasileiro nasce das elites e passa por um complexo processo de difusão no território. Em pouco tempo, adquire popularidade nas várias camadas sociais e torna-se uma das grandes paixões brasileiras. Durante esse processo, vai sendo praticado em diferentes figurações sociais, as quais se consolidarão no cotidiano das cidades. Entre elas, o futebol amador. Tendo o futebol amador como objeto de estudo, o presente trabalho buscou investigar os significados desta prática na cidade do Recife, através das relações de interdependência estabelecidas com o futebol profissional, a partir da perspectiva de quem o constrói cotidianamente. Tendo como base a teoria elisiana das figurações sociais e o conceito bourdiesiano de *campo*, este estudo identifica e analisa uma das teias de relações interdependentes que se realizam na cidade em torno deste futebol, identificando diferentes significados. Ao mesmo tempo e em diferentes níveis, o futebol amador representa um “celeiro de craques” e um “celeiro de amizades”.

Palavras chaves: Futebol amador, relações de interdependência, futebol recifense

ABSTRACT

Brazilian soccer was born in the elite and went through a complex process of diffusion throughout the territory. Soon, by gaining popularity in the various social classes, soccer has become a major Brazilian passion. In this process, it has been practiced in several social figurations which have been consolidated in the everyday of Brazilian cities and towns. Among them, there is the amateur soccer. By having the amateur soccer as objects of study, this paper attempts to investigate the meanings of this practice in the city of Recife, through the interdependent relations established with professional soccer, from the perspective of those who build it daily. Based on the Eliasian theory of social figurations and on the Bourdieusian concept of field, this study identifies and analyzes one of the webs of interdependent relationships which take place around this kind of soccer, in the city, by identifying its different meanings. At the same time and at different levels, the amateur soccer is a "barn of star footballers" and a "barn of friends."

Key-words: Amateur soccer, interdependent relations, Recife's soccer

LISTA DE TABELAS E ILUSTRAÇÕES

TABELAS

<i>Tabela 1 – Quantidade de campos por anel</i>	<i>39</i>
<i>Tabela 2 - Entrevistas</i>	<i>67</i>
<i>Tabela 3 – Clubes do Campeonato Futebol Amador da Capital 2008.....</i>	<i>77</i>
<i>Tabela 4 – Semelhanças e diferenças para os cronistas</i>	<i>106</i>
<i>Tabela 5 – Semelhanças e diferenças para os gestores.....</i>	<i>107</i>
<i>Tabela 6 – Semelhanças e diferenças para as lideranças de time e esportiva.....</i>	<i>108</i>

ILUSTRAÇÕES

<i>Ilustração 1 - Escala do sentido dos futebóis</i>	<i>43</i>
<i>Ilustração 2 - Rede de Contatos.....</i>	<i>90</i>

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA	4
AGRADECIMENTOS	5
RESUMO	5
ABSTRACT	7
LISTA DE TABELAS E ILUSTRAÇÕES	8
INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I - O FUTEBOL AMADOR: DELIMITANDO O OBJETO DE ESTUDO	17
1.1 <i>DEFINIÇÕES POSSÍVEIS</i>	18
1.2 <i>AS ORIGENS – PENSANDO O CAMPO</i>	24
1.3 <i>O ESPAÇO COMO CONDICIONANTE</i>	37
1.4 <i>OS FUTEBÓIS AMADORES</i>	42
CAPÍTULO II - QUESTÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS	48
2.1 <i>ENTRE O AMADORISMO E O PROFISSIONALISMO</i>	48
2.2 <i>AS TRILHAS PERCORRIDAS</i>	65
2.3 <i>MAS POR QUE RECORDAR O FUTEBOL AMADOR?</i>	70
CAPÍTULO III - OS FUTEBÓIS AMADORES DA CIDADE DO RECIFE	74
3.1 <i>ONTEM E HOJE</i>	74
3.2 <i>QUEM SOMOS</i>	83
3.3 <i>REDE DE CONTATOS E RELAÇÕES</i>	88
3.4 <i>FUTEBOL AMADOR: DEFINIÇÃO E IMPORTÂNCIA</i>	94
3.4.1 <i>UM OLHAR EXTERNO: O CELEIRO, O PASTICHE E A ALEGRIA</i>	95
3.4.2 <i>OLHARES INSTITUCIONAIS – O PRAZER E A POBREZA</i>	98
3.4.3 <i>OLHARES DE QUEM FAZ – UM CELEIRO DE AMIZADES</i>	100
CAPÍTULO IV - AS RELAÇÕES DE INTERDEPENDÊNCIA E A TEIA DOS SIGNIFICADOS	105
4.1 <i>SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS</i>	105
4.2 <i>AS RELAÇÕES DE INTERDEPENDÊNCIA</i>	113

4.2.1 NO PASSADO	114
4.2.2 AS RELAÇÕES NO PRESENTE	116
4.3 RELAÇÕES E SIGNIFICADOS	118
CONSIDERAÇÕES FINAIS	123
BIBLIOGRAFIA	127
ANEXOS	131

INTRODUÇÃO

A esfera desce
do espaço
veloz
ele a apara
no peito
e a pára
no ar
depois
com o joelho
a dispõe a meia altura
onde
iluminada
a esfera
espera
o chute que
num relâmpago
a dispara
na direção
do nosso
coração.
(O Gol, de Ferreira Gullar.)

Falar em futebol geralmente está ligado a falar de uma paixão. Isso pode ser evidenciado nas inúmeras crônicas futebolísticas que parecem querer assegurar que os momentos marcantes dessa paixão não passem despercebidos e não se percam ao longo do tempo. Essa paixão, entretanto, também pode ser alvo de admiração, como é o caso deste trabalho. Diferentemente do que podem pensar aqueles que estiveram diante da proposta deste estudo, minha ligação com o futebol não é uma ligação de paixão, mas de admiração. É preciso admitir que não jogo futebol e nem posso ser considerada uma “entendida de futebol”, mas uma apreciadora de suas façanhas. Meu interesse pelo futebol

surgiu da admiração da paixão dos outros; da admiração por aqueles que no cotidiano da cidade se esforçam por demonstrar concretamente sua paixão por este esporte.

Meu contato mais próximo com o futebol se deu na universidade, onde, na Escola Superior de Educação Física, as disciplinas Futebol I e Futebol II são obrigatórias. Este primeiro contato se manteve distante, semelhante às Copas em que o Brasil participava, as quais acompanhei apenas pela euforia familiar com o evento. Ainda na época de faculdade fui trabalhar na Prefeitura da Cidade do Recife, com a política de esporte e lazer que era executada a partir do programa Círculos Populares de Esporte e Lazer. Neste, tive contato com a ânsia de crianças, jovens e adultos pelo futebol nos núcleos dos quais fiz parte e como apoio eventual participei do Campeonato Futebol Participativo, que reunia (e ainda reúne) várias equipes da cidade de Recife. O futebol ainda me parecia esdrúxulo, quando confrontado com minha experiência estética predominantemente da dança e da ginástica.

Alguns anos mais tarde deixei de trabalhar com núcleos de atividades esportivas e de lazer, para trabalhar com espaços e equipamentos. À frente da coordenação dos espaços de esporte e lazer das RPAs 3, 4 e 5 no Ginásio de Esportes Geraldo Magalhães – o famoso Geraldão –, órgão responsável pela política de esportes da Prefeitura da cidade do Recife, tive a oportunidade de conhecer campos de várzea, participar de reuniões com representantes de times, assistir jogos e dialogar com vários dos apaixonados pelo futebol.

Esta vivência cotidiana com o que costumamos chamar de futebol de várzea ou futebol amador, somadas ao fato do futebol me atrair muito pouco me suscitou inúmeras questões. Por que no meio de uma invasão de casas, apertadas e precárias, dois campos de

futebol foram criados no alto de um morro? Por que era tão difícil reunir as pessoas para falar do direito social ao esporte e ao lazer e tão fácil reuni-las para falar do próximo campeonato? Por que o futebol cada vez mais voltado para a profissionalização e espetacularização, numa cidade de exploração imobiliária crescente, consegue manter uma configuração específica (o futebol amador) e espaços específicos para sua prática? Talvez elas pudessem ser concentradas na seguinte questão: “Por que, por que o futebol é tão importante para essas pessoas?”.

Então, a partir da leitura dos trabalhos produzidos acerca do futebol seja por acadêmicos, seja pelos “intelectuais do futebol” – cronistas esportivos ou não, amantes que se detêm a fazer o registro histórico e sentimental deste esporte – pude entender melhor como essa importância foi se delineando no contexto brasileiro e ao mesmo tempo percebendo as lacunas que os estudos futebolísticos mantinham principalmente com relação a esta prática que acontece longe dos holofotes da mídia. Com isso em mente, nossa inquietação para a pesquisa nos levou na busca do significado desta prática na cidade do Recife. Sendo uma idéia muito ampla, procuramos colocar alguns limites: o primeiro, a delimitação de um caminho para chegar a este processo, as relações entre o futebol amador e o futebol profissional; o segundo: investigar o significado a partir de um olhar específico, daqueles que fazem o futebol de várzea.

É importante dizer que os estudos sobre o futebol – e os esportes de uma forma geral - começaram a ter relevo nas ciências humanas há pouco tempo. Essa pouca importância está diretamente relacionada com a necessidade que a sociologia teve, em início do século XX, para legitimar-se como ciência, de dar ênfase aos temas consolidados no *campo científico* (BOURDIEU, 1990a). Assim, é só a partir dos anos 1970 que os

estudos esportivos ganham relevo e caráter científico nas ciências humanas – já tendo sido reconhecidos em outras áreas. No Brasil, os esportes concentram seus estudos na área da Educação Física e a partir do final dos anos 1970 é que começam a receber maior atenção das Ciências Sociais.

No caso do futebol, como relembra o recente artigo “Estudos sobre o Futebol no Brasil” (Barreto & Moraes, 2008), é possível apontarmos a dissertação de Simoni Lahud Guedes “O futebol Brasileiro: instituição zero”, de 1977, como o estudo pioneiro na área das ciências sociais voltado para o tema. O artigo evidencia também que a partir dos anos 1980 e mais fortemente dos anos 2000 temos um interesse cada vez maior sobre o tema e um crescimento no número de trabalhos sobre ele.

Porém, como destaca Damo (2003), mesmo com esses avanços ainda prevalece na produção acadêmica uma dificuldade em romper com o “olhar midiático”. Nesse sentido, esse autor aponta a existência de um monopólio temático nos estudos, os quais se pautam prioritariamente na manifestação profissional indo na contramão da prática do futebol que se realiza cotidianamente numa diversidade de configurações sociais, constituindo-se em “vários futebolis”.

Nesse contexto, o trabalho que apresentamos aqui se constitui num esforço inicial - em conjunto com trabalhos como o de GONÇALVES (2002) e PIMENTA (2008) – de desenvolver estudos que aprofundem a compreensão do futebol amador e sua importância como objeto da investigação da realidade social. Além disso, num subsídio às políticas públicas do setor esportivo – que cada vez mais volta sua atenção para o futebol de várzea - para a realização de ações em consonância com as reais necessidades da

população, procurando não subjugar ou mesmo supervalorizar as organizações e práticas locais já existentes.

Com isso em mente, temos como objetivo nesse trabalho investigar os significados construídos pelo futebol de várzea na cidade do Recife a partir de sua interdependência com o futebol profissional na visão dos praticantes daquele. Para isso, procuramos evidenciar as principais características do futebol de várzea do Recife, as semelhanças e diferenças entre o futebol de várzea e o futebol profissional para além das regras do jogo, analisar as principais ligações entre o futebol profissional e o futebol de várzea, procurando relacioná-las com aquelas estabelecidas historicamente e analisar outras relações que se estabelecem no futebol de várzea, possibilitando sua permanência no cotidiano da cidade.

Nosso referencial de investigação e análise baseia-se num conjunto de conceitos desenvolvidos pelo sociólogo alemão Norbert Elias que se agrupam atualmente na chamada sociologia figuracional ou processual. Além disso, utilizaremos alguns conceitos elaborados pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu para análise de produções culturais. Estes conceitos serão identificados e explicados ao longo do desenvolvimento da investigação.

O trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro, intitulado “O Futebol Amador” faremos uma delimitação do objeto de estudo deste trabalho, desenvolvendo uma explicação sobre o termo “futebol amador” e seus diversos usos para explicar o fenômeno que ele designa e como iremos empregá-lo ao longo do trabalho, tendo em vista os elementos que a pesquisa empírica trouxe. Esta explicação abrangerá as transformações ocorridas ao longo do tempo entre o surgimento do futebol no Brasil e os

dias de hoje, a relevância de pensar o espaço como condicionante do desenvolvimento deste futebol é fundamental para sua compreensão e as características principais que marcam o objeto de análise deste trabalho.

No segundo capítulo intitulado “Questões teórico-metodológicas”, explicaremos o processo de esportivização a partir dos sentidos amadorismo e profissionalismo, seguiremos as trilhas percorridas pela pesquisa empírica e explicaremos alguns desafios a partir do uso da memória neste trabalho.

No terceiro capítulo intitulado “Os Futebóis Amadores da cidade do Recife”, traremos informações sobre o futebol amador recifense no passado e nos dias de hoje, faremos uma breve apresentação dos clubes pesquisados, a formação da rede de contatos e como o futebol amador é refletido a partir dos vários olhares considerados nessa pesquisa.

No quarto capítulo intitulado “As relações de interdependências: entre amador e profissional” faremos uma análise das relações que se estabelecem entre o futebol amador e o futebol profissional na cidade do Recife a partir da pesquisa realizada com os diferentes atores. Primeiramente, trazendo as semelhanças e diferenças entre estes futebóis, depois as relações entre eles no passado e no presente, para por fim analisar as relações de interdependência que se destacaram a partir de nossa investigação e os significados do futebol amador na cidade do Recife.

Concluimos nosso trabalho tecendo algumas considerações finais sobre o futebol amador no *campo* futebolístico nos dias de hoje.



CAPÍTULO I - O FUTEBOL AMADOR: DELIMITANDO O OBJETO DE ESTUDO

O futebol brasileiro nasce das elites e passa por um complexo processo de difusão ao longo desse imenso território. Em pouco tempo, adquire popularidade nas várias camadas sociais e torna-se uma das grandes paixões brasileiras, transformando-se - mesmo tendo sido trazido por estrangeiros - em uma “identidade nacional”. Durante todo esse processo, o futebol vai sendo praticado em diferentes figurações sociais, as quais irão consolidar-se no cotidiano das cidades ao longo do tempo. Entre elas está o futebol amador.

Este futebol caracteriza-se pela sua prática não-profissional, realizada em campos localizados nas ‘várzeas’ e/ou outros espaços disponíveis das cidades, com uma organização predominantemente local. Seu surgimento está vinculado à profissionalização do futebol e sua permanência na cidade acontece apesar da disputa pelos espaços e da monopolização estética de um futebol profissional e de espetáculo.

Fazendo uma visita pela cidade do Recife encontraremos o futebol amador principalmente nos campos concentrados na periferia, apertados entre os barracos e as casas populares; feitos de areia ou barro, com arquibancadas ou não – que atraem vasta e diversa platéia -, vestiários apertados (quando existem), alambrados emendados e, em alguns casos, iluminação. Apesar de reduzido diante de seu passado e de os campos deixarem de se localizar nos espaços centrais da cidade, o futebol amador continua a existir principalmente nas áreas onde reside a população mais pobre e que acaba tendo nele uma de suas poucas práticas de lazer.

Longe de querer definir o futebol amador de maneira simples, este trabalho pretende demonstrar sua diversidade, sua heterogeneidade no contexto social, a partir das inúmeras figurações que coexistem sob o nome de futebol amador. Para isso, faz-se necessário questionar: o que é esse “futebol amador”? Podemos falar de um único futebol amador? O que caracteriza o futebol amador? Apenas uma contraposição ao futebol profissional?

1.1 Definições Possíveis

Para falarmos em futebol nos dias de hoje, é importante destacarmos a que modalidade ou tipo estamos nos referindo. Como nos alerta Damo (2003), não devemos nos restringir à existência de um futebol, e sim admitirmos a existência de “futebóis”. Porém, para continuar sendo considerada como futebol, estas práticas precisam possuir uma estrutura comum, através da qual são conhecidas e reconhecidas socialmente. Segundo Damo (2007), esta estrutura constitui uma espécie de “unidade futebolística”, que se caracteriza por:

a) duas equipes (princípio da coletividade); b) perseguindo objetivos idênticos (princípio do conflito); c) sendo a disputa mediada por um objeto (princípio da evitação, mas não da interdição do corpo a corpo); d) um conjunto de regras (circunscrevendo o espaço, o tempo e o ilícito, dentre o qual se destaca o uso das mãos, salvo exceções, sendo esta uma modalidade de marca diacrítica em relação a outros esportes). (p.39-40)

A partir desta unidade se organizam diferentes maneiras de praticar o futebol, que são agrupadas pelo autor em quatro matrizes: escolar, bricolada, espetacularizada ou profissional e comunitária.

Por futebol escolar, Damo (2007) “*considera aquele futebol praticado nas escolas, integrado aos conteúdos da educação física, como parte das disciplinas legalmente constituídas*” (p.37); poderíamos acrescentar também o futebol praticado nas “escolinhas esportivas” dentro das escolas e o futebol praticado no âmbito universitário. Ambos possuem uma dinâmica própria de organização e campeonatos específicos entre as instituições educativas. Esta matriz se desenvolve a partir do contexto de instituições específicas – a escola e a universidade – e sobre ela não nos deteremos neste trabalho.

Sob a denominação de matriz bricolada ou futebol de bricolagem, para Damo (2007), “*são compreendidas as configurações nas quais se admite as mais diversas variações a partir da “unidade futebolística”. Como não há agências para controlá-lo, não há limites para a invenção e/ou adequação de códigos situacionais, destacando-se, sobretudo, as distorções em relação ao football association*” (p.40). Esta matriz contempla a diversidade de práticas do dia-a-dia. Seja o futebol de rua, onde horário, espaço, códigos de conduta, entre outros, são adequados à necessidade/vontade dos praticantes e se constroem a partir do conhecimento existente no grupo sobre a prática; seja a pelada, onde geralmente um mesmo grupo define horário, espaço e padrões de conduta que se repetirão periodicamente nos encontros para o jogo. Neste último caso, podemos situar o conceito de “jogos abertos” desenvolvido por Gonçalves (2002) em seu trabalho etnográfico sobre o futebol amador de Juazeiro do Norte. Segundo a autora:

Nos jogos abertos não há times previamente formados, os jogadores vão chegando, alguns do trabalho, outros de casa, alguns já se encontram na rua, eles vão surgindo como se tivessem marcado um encontro uns com os outros. É certo, o encontro foi marcado sim, porém os candidatos a jogadores somente ali, no momento imediatamente anterior ao jogo é que vão decidir quem irá jogar primeiro, ou em que times irão atuar. A escolha dos jogadores de cada time é feita da seguinte forma: os responsáveis pelo campo, ou algum jogador veterano, escolhem alternadamente, quem vai compor o time e cada um, fica responsável por uma equipe. (p. 43)

Buscando demonstrar a diversidade de práticas do que se convencionou chamar de futebol amador em Juazeiro do Norte, Gonçalves (2002) também estabelece um outro conceito: “jogos fechados”. Este, no entanto, situa-se numa outra matriz da divisão criada por Damo (2003; 2007), que encontraremos mais adiante.

A matriz espetacularizada ou de alto-rendimento é caracterizada por Damo (2007) de forma geral, por particularidades dentre as quais três se destacam: a organização monopolista, globalizada e centralizada através da Fifa-IB¹; a divisão social do trabalho, dentro e fora de campo aliada à distinção clara e precisa entre quem pratica e assiste; e a excelência performática exigida dos participantes.

É importante ressaltarmos aqui uma outra característica que se incorpora a essa matriz: o trabalho institucionalizado. Do ponto de vista de quem pratica, a matriz espetacularizada é caracterizada pela ação de atletas profissionais, que estabelecem relações institucionalizadas de trabalho com instituições específicas (os clubes), sendo reguladas pela legislação esportiva. Esta é uma característica específica importante a ser

¹ *Fédération Internationale de Football Association* e *International Football Association Board*, instituições responsáveis pela organização do futebol a nível mundial, sendo esta última específica para as alterações do jogo propriamente dito.

destacada e que subsidia a denominação de “profissional” para esta matriz e de “amador” para as demais.

Por último, propositalmente, chegamos à matriz denominada por Damo (2007) de comunitária. Segundo ele, esta matriz seria caracterizada pela *“presença de quase todos os componentes do espetáculo, mas diferindo em escala. A divisão social do trabalho não é nula, mas é precária”* (p.45). O autor define esta matriz como um futebol intermediário entre o espetacularizado e o bricolado. Usualmente, esta matriz pode ser chamada pelo nome abrangente de “futebol amador”, por não possuir a característica destacada anteriormente da relação de trabalho institucionalizada. A opção diferenciada que o autor emprega justifica-se pelas outras matrizes que também podem ser consideradas amadoras, tendo em vista que nelas também não se estabelecem relações formais de trabalho. Por outro lado, é importante percebermos que o termo comunitário destaca um território específico da cidade onde geralmente encontraremos este futebol: as comunidades. Assim, a matriz comunitária abrange um conjunto de figurações sociais do futebol que tem uma história própria – que se propaga de forma oral, documental e iconográfica – ocupa territórios específicos na cidade – em geral, as comunidades da periferia – e é construída por diferentes grupos que se agrupam em torno do futebol pelos mais diferentes motivos e de forma organizada.

É nesta matriz que os “jogos fechados” descritos por Gonçalves (2002) podem ser situados. Segundo a autora:

Nos jogos “fechados” os times já se encontram formados anteriormente, tendo inclusive um nome. Existe uma pessoa responsável pelo time, conhecida popularmente como “dono do time”, geralmente um ex-jogador, um aficionado por futebol.

Pode ainda figurar como “dono do time”, jogadores, embora não seja muito comum este caso, pois comumente o “dono do time” não joga. Ele é a pessoa responsável por agendar os jogos com outros times, comunicar a seus jogadores os horários e dias de jogo, buscar patrocínios, distribuir e recolher o uniforme do jogo, providenciar água durante a partida, entre outros encargos. (p.45)

Os conceitos de jogos “abertos” e “fechados” são interessantes para demonstrarem a diversidade de práticas que estão agrupadas sob o título de futebol amador. Com o devido cuidado de não generalizar características que são eminentemente locais, as descrições realizadas apontam direcionamentos diferenciados para a prática futebolística: um no sentido de uma prática liberta dos padrões estabelecidos pela FIFA, onde impera o prazer do jogo – ou a busca de excitação, segundo a teoria elisiana; outro no sentido de ir ao encontro a estes padrões estáticos, que serão mais ou menos alcançados de acordo com a mediação de fatores como: condições materiais, disponibilidade do grupo, teia de relações, entre outros.

Neste sentido, podemos evidenciar dois níveis de análise para pensar o futebol: um, que enfatiza o sentido em que se direcionam as práticas futebolísticas: os jogos “abertos”, voltados para a prática do lazer, a busca da excitação, e que denominaremos aqui como amadorismo; e os jogos “fechados”, que destacam a busca por um “futebol modelo” - que seria aquele que atende aos padrões reconhecidos socialmente - e que se adaptará às condições objetivas e subjetivas dos indivíduos que constroem/realizam a prática, e que denominaremos aqui de profissionalismo.

É importante destacar que amadorismo e profissionalismo, como sentidos aos quais se direcionam as práticas futebolísticas, devem ser considerados como pontos extremos de uma escala de predominância de características da organização social dos

grupos. Assim, em ambas tanto o prazer do jogo, como a procura por chegar o mais próximo de um modelo, coexistem.

O outro nível de análise procura perceber o fenômeno na sua globalidade, considerando as relações e características das práticas e agrupando-as segundo atributos comuns. Este outro nível se desenvolve a partir das matrizes formuladas por Damo (2003; 2007) e explicadas anteriormente. Ambos os níveis de análise são utilizados neste trabalho para ajudar a delimitar o objeto de estudo.

É importante ressaltar que estas figurações que agora aparecem consolidadas na realidade social são fruto de uma história e possuem condicionantes que delimitam suas práticas.

Segundo Bourdieu (1990a), *"para compreender um esporte, qualquer que seja ele, é preciso reconhecer a posição que ele ocupa no espaço dos esportes"* (p.208). Neste sentido, partiremos aqui para outras análises que subsidiarão a melhor delimitação do objeto de estudo deste trabalho. É importante, então, situarmos como estes futebolis se desenvolvem historicamente no Brasil. Para isso, identificaremos primeiramente os conceitos que vamos usar durante nossa exposição.

A idéia de *campo* que aqui utilizaremos corresponde ao conceito desenvolvido pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu para o estudo de práticas culturais distintas como a ciência, a arte, a alta costura e o próprio esporte, mas que mantém entre si como fenômenos sociais, simultaneamente autonomia e dependência. Segundo o autor, trata-se de um espaço social constituído de regras, onde instituições ou indivíduos estão em disputa pelo mesmo objeto e existe uma constante relação entre si e com os outros *campos*; ao mesmo tempo em que possui leis gerais – que podem ser encontradas em

todos os *campos* - possui suas especificidades a partir das relações, posições e interesses dos agentes neles (BOURDIEU, 1983; 1990).

Durante todo o nosso trabalho a noção bourdesiana de *campo* será empregada de forma complementar ao conceito de figuração social do sociólogo alemão Norbert Elias, o qual podemos definir como as várias relações interdependentes construídas pelos indivíduos (ELIAS, 2006). Esta definição está ligada à compreensão que o autor tem da vida em sociedade, a qual só existe pela rede de relações interdependentes que os indivíduos formam.

A complementariedade dos conceitos apresentados está na possibilidade de tratarmos do espaço social em diferentes níveis. O *campo* bourdesiano sendo melhor empregado para designar o espaço social num nível mais estrutural, pensado a partir das forças que constroem os indivíduos e a figuração social elisiana para percebermos o espaço social na dimensão das interações sociais, das forças empregadas pelos indivíduos que considerando a rede de interdependência levam àquele constrangimento².

1.2 As origens – pensando o campo

Do Catiapoã à Vila Voturuá, da praia ao Parque Bitaru, o fim de semana transfigurava o dia-a-dia numa festa de cores e convertia uma população de operários, empregados do comércio, biscateiros e funcionários em seres algo míticos, embora irrecusavelmente terrenos no choque dos corpos com o capotão, eclodindo na potência sonora dos chutes, em meio à lama preta, seu cheiro penetrante como o da grama – tudo a uma distância curtíssima de tirar o fôlego. (WISNIK, 2008, p.31)

² Esta complementariedade já foi utilizada por outros autores a exemplo de Damo (2003).

De acordo com a história oficial, o futebol chega ao Brasil a partir do paulistano Charles Miller que, ao retornar da Inglaterra, em 1894, traz na mala: “...um livro de regras do association football, uma camisa do Banister School e outra do St. Mary, duas bolas, uma bomba para enchê-las e um par de chuteiras” e socializa entre seus colegas, “jovens de boa família” a modalidade que viria a tornar-se uma paixão nacional (MÁXIMO, 1999; SANTOS NETO, 2002).

Esta é considerada a história oficial, mas recentes estudos demonstram a multiplicidade para o início deste esporte no país. O trabalho de Santos Neto (2002) aponta para os tradicionais colégios paulistas São Luiz e Pedro II, onde já em 1882, a partir da necessidade de inovação gerada pelas reformas educacionais da época, despontavam no currículo de educação física destes colégios modalidades esportivas que se voltassem para “revigorar, virilizar e aguerrir o corpo dos meninos e dos moços”. Entre estas, trazidas da Europa, está o futebol. A princípio apenas com o bate bolão, com a participação de professores e alunos juntos, sem divisão de times. Aos poucos, chegando ao *football association* e suas regras organizadas. Assim, naqueles colégios inicia-se a prática do futebol um pouco antes da chegada de Miller.

Outras possibilidades são indicadas por Máximo (1999):

(...) os nascimentos não documentados, que nos falam de holandeses jogando bola nas areias de Recife em 1870, de ingleses improvisando rachas na praia da Glória carioca em 1874, dos marinheiros do Criméia fazendo o mesmo num capinzal próximo da residência da princesa Isabel em 1878, de funcionários de uma firma paraense de navegação enfrentando os de uma companhia de gás na Belém de 1890, além de empresários ingleses que muito antes, em 1876, já haviam ensaiado seus dribles no interior de São Paulo (p.180).

Ou ainda Giulianotti (2002, p.24) ao discorrer sobre o início do futebol no Brasil: “*A primeira experiência no Brasil chegou com os marinheiros ingleses em 1864*”.

Estes fatos não retiram a importância de Charles Miller para a difusão do futebol no Brasil; segundo Santos Neto (2002): “*o pioneirismo de Miller reside no fato de ter iniciado a prática do futebol dentro de um clube, estimulando os outros a praticá-lo também*”(p.30).³ Demonstra, por outro lado, que a difusão do futebol no Brasil teve vários agentes e rotas. Segundo Jesus (2000), a difusão espacial do futebol está diretamente relacionada ao imperialismo inglês e sua grande área de influência. Assim, marinheiros, técnicos de ferrovias ou operários de minas, professores dos estabelecimentos educacionais das colônias inglesas, jovens bacharéis egressos das universidades européias e missionários europeus são alguns dos possíveis agentes difusores desse esporte. É importante ressaltar que num território vasto como o Brasil, isso implica também na diversidade de lugares que começaram a praticar o futebol quase que simultaneamente (Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Recife, Belém), ainda que com velocidades diferentes na adoção e popularização deste esporte.

Um ambiente cosmopolita e industrial, aliado a um desejo de modernidade foram ingredientes fundamentais para que o futebol germinasse velozmente em São Paulo, ao contrário de Belém do Pará, a despeito da intensa conexão desta cidade com a Inglaterra, enquanto animado porto exportador da borracha (JESUS, 2000).

³ Em Pernambuco também teremos nossas diferentes possibilidades quanto à chegada do jogo. Segundo os cronistas Givanildo Alves e Haroldo Praça o futebol chega ao estado através de um pernambucano que voltara da Inglaterra: Guilherme de Aquino, que mais tarde participará diretamente da organização do Sport Club do Recife. No livro de Givanildo encontramos também que a empresa Great Western já praticava este esporte sendo a primeira a ajudar Aquino para realização da primeira partida (ALVES, 1978; GUIMARÃES, 2001).

Além dessa difusão espacialmente diversificada, é importante lembrarmos da configuração histórico-social em que o futebol e outras práticas esportivas foram acolhidas. Segundo Elias & Dunning (1985), os esportes se desenvolvem na Inglaterra entre os séculos XVIII e XIX, surgindo a partir de um processo de esportivização dos passatempos britânicos. Esse processo se insere num estágio desse país no processo civilizador que corresponde à alteração dos estágios em que se encontrava a Inglaterra quanto à organização do Estado, à formação da consciência, ao nível de violência física socialmente permitido e ao limiar de repugnância contra o seu uso (ELIAS, 1994b). Aliado a isso, em fins de século XIX, um quarto do mundo era controlado pela monarquia britânica, e quase um terço estava sob sua influência não só econômica, mas também cultural (HOBSBAWN, 1988). Não será por acaso, então, que as elites brasileiras adotarão os esportes britânicos, iniciando com o turfe e o remo, e mais tarde o futebol⁴.

É válido dizer, então, que a chegada do futebol ao Brasil insere-se na terceira fase⁵ do processo de esportivização elaborado por Maguire (2002), como continuidade ao trabalho de Elias e Dunning. Segundo o autor, *“essa fase engloba o processo de difusão dos esportes ingleses pela Europa e por ambos - o formal e o informal - império britânico. Isto está intimamente ligado a dois processos inter-relacionados: a emergência de formas mais intensas de nacionalismo e um vigoroso impulso nos processos de globalização”* (p.10).

⁴ Ver MELO (2001). Em Recife não contamos ainda com um trabalho específico sobre a história dos esportes na cidade, contando apenas com referências ao turfe e ao remo em trabalhos como os de COUCEIRO (2003) e ALVES (1978), em período anterior à chegada dos demais esportes.

⁵ As primeira e segunda fases estão relacionadas à gênese do esporte moderno na Inglaterra. A primeira relacionada a esportes como a caça à raposa, o boxe, o turfe, e a segunda ligada aos esportes como críquete, rúgbi e o próprio futebol (MAGUIRE, 2002).

A entrada deste esporte no país através das elites vai ser evidenciada por vários autores nas diferentes cidades brasileiras: Pereira (2000) e Lopes (1998) no futebol carioca, Santos Neto (2002) no futebol paulista, Couceiro (2003) e Alves (1978) no futebol recifense, entre outros. Cada local com suas peculiaridades transformará os momentos do jogo em espaços de encontro da alta sociedade. Segundo Couceiro (2003): *“Introduzido no país como um jogo de elite, o futebol era freqüentado no início do século no Recife por uma assistência de famílias elegantes, que se deslocavam para os campos em automóveis e usavam toaletes especiais para torcer pelos seus times preferidos”* (p.16). Ao que podemos complementar com a observação de Alves (1978):

Ele [o futebol] continuou tímido e vagaroso durante 4 anos, ao longo dos quais somente três clubes jogavam: Sport, Great Western e Western Telegraph. Os encontros pareciam mais sociais do que esportivos. Terminado um jogo, fosse qual fosse o resultado, os jogadores saíam incorporados ao “bufet”, bebiam a vontade, cantavam, davam “hurras” e depois se dispersavam (p.22).

Esse movimento, porém, não durará mais de uma década, ganhando em pouco tempo outros espaços. Nas várias cidades, passado o estranhamento que “onze homens correndo atrás de uma bola” trazia, com sua apropriação pelas elites e a criação de um discurso sobre os esportes como boa prática para conservação do corpo saudável, o futebol logo se espalhará pela cidade. No Rio de Janeiro, esse processo terá início pelos locais próximos a clubes, chegando em pouco tempo ao subúrbio. Num primeiro momento, as famílias mais ricas destes bairros mais distantes irão apropriar-se desta prática; com a realização de espetáculos públicos ao ar livre pelas cidades, aos poucos teremos outros agentes a utilizar o futebol como prática de lazer: a camada popular (PEREIRA, 2000).

Em Recife, este processo se dará de forma semelhante – guardadas as peculiaridades de tempo e desenvolvimento de cada cidade:

A partir do final dos anos 1910, a paixão pelo futebol vai crescendo rapidamente, fazendo com que as medidas administrativas dos clubes, no sentido de organizar campeonatos, melhorar e ampliar estádios, não acompanhem a popularização do esporte. Dessa forma, a prática do jogo estende-se dos campos oficiais dos clubes para as ruas e terrenos baldios da cidade, gerando grande número de queixas. Um novo e diferente público aderiu ao futebol, imprimindo sua marca na prática do esporte (COUCEIRO, 2003, p.116).

Espacialmente, esse espraiamento do futebol reflete o surgimento dos famosos campos de ‘várzea’. Segundo Sevcenko (1994), as várzeas alagáveis e de pouco valor econômico às margens dos rios urbanos e suburbanos, onde em geral se concentram os bairros operários, sempre foram as áreas favoritas para a proliferação dos campos do futebol popular.

Essa apropriação pelos “novos agentes” evidenciará claramente a desigualdade social e o preconceito da época, como nos aponta Santos Neto (2002) na cidade de São Paulo:

Para os primeiros jornalistas esportivos, assim como para os primeiros dirigentes, havia o “grande futebol”, o das elites, e o “pequeno futebol”, dos times de várzea. Uns eram os dignos representantes do nobre esporte bretão, e os outros não estavam à altura do reconhecimento oficial e da igualdade na forma de tratamento. Os times populares eram vistos como brutos, incapazes de seguir as regras de conduta do futebol e dos **gentlemen** ingleses, e por várias vezes foram até mesmo ridicularizados pelas folhas como um bando de jogadores que davam chutões para o alto, sendo chamados de “canelas negras” (p.53).

No trabalho de Pereira (2000) encontraremos outras evidências dessa diferenciação, como a restrição expressa nos estatutos dos clubes cariocas à participação

de negros e pobres. Além disso, os valores altos cobrados para participação nos clubes já eram delimitadores de classe.

Essa fase, predominantemente elitista, mas também sujeita à curiosidade e à ressignificação por parte das camadas populares, como nos mostram Pereira (2000), Santos Neto (2002) e Couceiro (2003), será caracterizada por um sentimento esportivo miscigenado com as antigas e novas práticas esportivas do país e ainda não submetida à profissionalização. Assim, o futebol que chega ao Brasil, com regras prontas que uniformizam não só a dinâmica do jogo, mas suas condições de espaço, tempo e material, será praticado predominantemente como forma de divertimento. Podemos perceber isso explicitamente no trabalho de Couceiro (2003), quando investiga os divertimentos públicos da década de 1920 da cidade do Recife, baseada na imprensa, no trabalho de memorialistas e em documentos legais da época:

De acordo com as fontes pesquisadas, os divertimentos públicos nos anos vinte englobavam desde corridas de touros, brigas de galo, festas de igreja, manifestações diversas, como fandangos, pastoris e mamulengos, passando por bailes públicos, comemorações de datas cívicas, festejos de época - carnaval, “Ano Bom”, São João e Semana Santa -, esportes como futebol, remo, corridas de cavalo, até formas de entretenimento como parques de diversões, sociedades recreativas, circos, cinemas, teatros, cabarets e cafés-concerto. O modo como a expressão era usada na época sugere que os contemporâneos consideravam “divertimentos públicos” qualquer tipo de manifestação lúdica e recreativa que, não sendo proibida por lei, gerasse uma aglomeração de pessoas em determinado espaço da cidade (p.83).

Este sentido atribuído não será ao acaso. Esta orientação da prática futebolística, como vimos anteriormente nos campos ingleses, será característica de um momento de resistência a mudanças no equilíbrio de poder que será evidenciado também

pelas atividades de lazer. No Brasil, o mesmo quadro delineia-se de forma semelhante, com as respectivas peculiaridades que tentaremos apontar aqui.

O contexto brasileiro da Primeira República é marcado pelo projeto de modernização do país, sob as influências européias e ao mesmo tempo as resistências de um movimento regionalista. Esse par conceitual – para usar um termo elisiano de análise dos processos sociais – moderno e tradicional rivalizam nos mais variados temas: na política, com a busca da superação das oligarquias que se alternavam no poder; nos meios intelectuais, na busca por um projeto de modernização brasileira; na economia, com a industrialização e novas formas de relacionar-se com o mercado externo. No ambiente cultural e esportivo não seria diferente. Os últimos anos do século XVIII e primeiros anos do século XIX marcam a chegada das inovações européias: esportes como a corrida de cavalos e o remo; linguagens culturais como o cinema e o teatro, serão, juntamente com as mudanças estruturais (luz elétrica, bonde elétrico, automóvel, entre outros), evidências do momento efervescente num país próximo dos seus cem anos de independência e que havia há pouco abolido a escravidão.

Trazendo esse momento para uma análise sociológica, utilizaremos a reflexão florestaniana sobre a revolução burguesa brasileira polarizando dois agentes essenciais do contexto brasileiro⁶: o fazendeiro do café e o imigrante. Através da análise destes dois personagens, Fernandes (2006) nos demonstra as mudanças que extrapolam o viés econômico na conformação de uma burguesia brasileira. O fazendeiro do café que deixou de ser o senhor de engenho para ser parte de uma aristocracia agrária, vê-se de frente com

⁶ O trabalho de Fernandes (2006) é utilizado como ilustração, mas devem ser destacadas aqui outras obras que também se debruçaram sobre o desenvolvimento brasileiro neste período, tais como: *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda e *Formação do Brasil Contemporâneo*, de Caio Prado Junior.

uma nova realidade que o incita a tornar-se o “homem de negócios” urbano, devendo despir-se de um *status* senhorial. De outro lado, o imigrante que se instala no país em busca de riqueza traz perspectivas mais abertas, ainda que imbricadas por culturas diferenciadas, mas que dialogam mais facilmente com a necessidade comercial que emerge no país. Essa polarização longe de ser uma alegoria, é uma representação de tipos humanos que interagem e disputam no *campo* econômico, para a formação de uma nova elite.

Esta análise é importante para pensarmos o futebol brasileiro na medida em que os times “suburbanos” e “pequenos” destacados por alguns autores como populares correspondem, na verdade, a uma nova elite que emerge às margens do *status* senhorial. Fruto das novas configurações nos *campos* social e econômico brasileiros, essa nova elite em que prevalecem os valores relacionados à busca da riqueza e ao acúmulo do lucro, serão menos resistentes a mudanças no *campo* esportivo que privilegiem esses valores em detrimento daqueles de manutenção de uma distinção de classe⁷.

É possível evidenciarmos isso quando pensamos na institucionalização crescente do futebol no país. A criação de instituições como Ligas e Associações Esportivas nas cidades (Liga Paulista de Futebol (SANTOS NETO, 2002, p.65), Liga Metropolitana de Foot-ball (PEREIRA, 2000, p.63), Liga Recifense (GUIMARÃES, 2001)), mais tarde englobando os estados, dá-nos um indício do que está por vir. As disputas deixarão de ser locais para rapidamente tornarem-se nacionais e internacionais, como no exemplo da capital federal. Já em 1908 a Liga carioca organizava um jogo com a

⁷ É importante ressaltar que tratamos aqui de elementos de predominância. A busca da riqueza também era feita pelas elites aristocráticas, mas somente até o limite em que não pudessem ferir os preceitos que lhe conferiam distinção de classe. Esse limiar vai variar de figuração para figuração e transformar-se ao longo da história.

Argentina. Essa institucionalização atingirá também o futebol suburbano⁸. Este, formado pelas equipes consideradas não “dignas” de fazer parte das ligas “oficiais”, tem critérios de participação mais abertos e por isso dão um passo no sentido da democratização desse esporte⁹. São os clubes das fábricas que exibirão realmente uma configuração social diferenciada no que tange à presença de populares (PEREIRA, 2000).

Essas instituições formadas, oficiais e suburbanas, vão ser espaços de disputa do *campo* futebolístico: de um lado, os dominantes, os clubes tradicionais, legítimos representantes do esporte europeu, os verdadeiros *sportmen* defensores da prática amadora orientada para o divertimento; de outro, os recém chegados, que buscam conquistar espaço no *campo* através da vitória em campo, utilizando para isso estratégias que vão de encontro aos valores amadores¹⁰.

As disputas pelos valores que devem prevalecer no futebol são evidenciadas neste período com a constante criação e (re)criação de instituições para organizar o futebol. Encontramos um bom exemplo no trabalho de FRANCO JÚNIOR (2007):

Em 1906, o São Paulo Athletic Club retirou-se do torneio [da Liga Paulista de Football (LPF)] devido a sua péssima campanha e a AA das Palmeiras foi eliminada por cobrança de ingressos em suas partidas. Em 1909, o Germânia contava em seu time com o jovem mulato Arthur Friedenreich (...). Em 1911, o clube campeão do ano anterior, o AA das Palmeiras se retirou da disputa alegando que o Germânia escalara um jogador de forma irregular e recusou-se a entregar o troféu ao São Paulo Athletic Club, o novo campeão. (...) Ainda em 1911, o Ypiranga, clube que contava com operários em suas fileiras, disputava seu

⁸ Podemos citar os exemplos da Liga de Futebol Suburbano criada em 1907 no Rio de Janeiro (PEREIRA, 2006) e a Associação Suburbana de Desportos Terrestres (ASDT) criada em 1929 no Recife (GUIMARÃES, 2001).

⁹ Outra possibilidade de democratização advém dos curiosos que assistiam aos jogos nos campos cariocas – ainda naquele momento de várzea e os reproduziam na rua.

¹⁰ Esta análise baseia-se na teoria bourdesiana de *campo*. Mais detalhes ver Bourdieu (1983).

primeiro campeonato. Sob protestos, o pioneiro São Paulo Athletic Club dissolvia seu departamento de futebol e o Paulistano abandonava a liga, formando com o Mackenzie e a AA das Palmeiras, a Associação Paulista de Sports Athléticos (APSA).

Em 1912, a situação agravou-se com a entrada na liga do mais popular clube da várzea, o Corinthians, e pela contratação de jogadores profissionais uruguaios, os irmãos Antonio e Julio Bertone, por parte do Americano. (...) Gradativamente, clubes tradicionais abandonavam a LPF e incorporavam-se à APSA, que se fortalecia. Germânia e Internacional, porém, permaneceram na liga até 1915. Por outro lado, o Ypiranga disputaria os certames da associação a partir de 1913 e o Corinthians, campeão da Liga em 1914, vincular-se-ia à APSA em 1915, retornando à LPF no ano seguinte. Em 1916, com a LPF esvaziada, o campeonato foi interrompido antes do término. No ano seguinte as duas entidades eram unificadas sob o comando da fortalecida APSA. Da antiga liga, apenas o Internacional e o Corinthians foram admitidos na primeira divisão. Os demais formaram a segunda divisão (p.66,67).

Essa descrição é interessante para demonstrar um pouco de como se deu o processo de consolidação do *campo* futebolístico no Brasil, evidenciando conflitos de classe e raça, assim como dos valores anteriormente indicados. A criação de divisões, a unificação das instituições e uma maior flexibilidade em relação aos valores que confrontam o futebol como um divertimento, nos demonstram uma paulatina mudança de direção neste processo.

A chamada “crise do amadorismo” do futebol brasileiro terá entre os anos 1920 e 1930 seu ápice. Um amadorismo “marrom” já era visto em vários clubes através de recompensas e empregos. Os jogadores dos times menores que se destacavam (inclusive negros e mestiços¹¹) começam a ser admitidos nos times grandes, assim como nos

¹¹ A presença dos negros e mestiços será alegada, por muito tempo, como a razão dos defeitos e derrotas que o futebol brasileiro vai ter (confirma LOPES, 1998). Segundo NEGREIROS (2003): “Ao mesmo tempo que o futebol foi perdendo seu caráter branco e elitista, veio o seu desprestígio social. A essas elites só restou

selecionados estaduais e brasileiro (SANTOS NETO, 2002; LOPES, 1994, 1998; PEREIRA, 2000).

Simultaneamente, o problema da nacionalidade se destacava no país, dividindo os intelectuais entre amantes e inimigos do futebol. Lima Barreto criará a “Liga contra o football”, sendo parte de um movimento de crítica ao esporte estrangeiro (PEREIRA, 2000; FRANCO JÚNIOR, 2007). As buscas por símbolos que representem a “brasilidade” fizeram com que os intelectuais buscassem nos jogos indígenas e na capoeira, alternativas, mas a popularidade que o futebol havia alcançado faz com que ele passe a ser “abrasileirado”, tendo início por meio da mudança dos termos ingleses utilizados até então para palavras brasileiras (PEREIRA, 2000).

No cotidiano das cidades, essa popularização destitui o futebol do seu antigo posto de esporte como elemento de distinção:

A popularização do futebol e sua difusão pelas ruas dos subúrbios e do centro da cidade começaram a incomodar alguns segmentos das elites, que passaram, aos poucos, a mudar o discurso com relação ao esporte. Torcidas apaixonadas, brigas e discussões nos campos, bondes lotados de jogadores suados em direção aos subúrbios transformaram a representação que fora construída sobre o futebol. De empolgante, elegante e apropriado para o exercício e saúde corporal, o esporte passa a ser referido nos periódicos como *o violento sport bretão*, *o inconveniente jogo de futebol*, cujos jogadores precisavam ser controlados pela polícia. (COUCEIRO, 2003, p.118)

Pereira (2000) indica-nos uma alteração nos valores do futebol brasileiro, a qual estaria sendo alimentada pelo “profissionalismo oculto”, mantendo sob a aparência dos princípios amadores equipes constituídas em grande parte por jogadores remunerados.

desdenhá-lo como uma manifestação da irracionalidade, do atraso, da desordem, da violência, da ausência de caráter educativo. Em última análise, demonstrava-se a capacidade de o futebol estar nas mãos dos setores populares” (p.4).

A ida de jogadores brasileiros para times do exterior em busca de reconhecimento profissional e melhor remuneração¹² e a inclusão do jogador de futebol entre as profissões que deveriam ser regulamentadas pela legislação trabalhista no Governo Vargas podem ser considerados marcos anunciadores do profissionalismo no Brasil.

O novo sentido que anos antes o futebol – e outros esportes – adquiriam na Inglaterra e Europa de forma geral, consolida-se no Brasil. O *ethos amador* dava lugar agora a um *ethos profissional* fazendo com que paulatinamente o *campo* dos esportes passasse a estabelecer relações cada vez mais fortes com o *campo* do trabalho institucionalizado.

Há, a partir da profissionalização deste esporte, uma ênfase na matriz espetacularizada. As outras matrizes (a escolar, a bricolada e a comunitária) se desenvolvem concomitantemente, mas ainda são poucos os estudos que buscam evidenciá-las. Deslocadas das práticas das novas elites do país, elas passam a vigorar socialmente como elemento secundário - de suporte ou reflexo do futebol profissional - e quase inexistente - passando praticamente despercebidas pelas crônicas esportivas e resgates históricos da modalidade. Sob novas configurações sociais e em consonância com os significados sociais construídos e atribuídos ao futebol, elas seguem seus percursos no processo de desenvolvimento deste esporte ocupando novos espaços e sentidos no *campo* futebolístico brasileiro.

¹² Franco Júnior (2007) tece uma lista destes jogadores: “Fausto (1931, Barcelona), Leônidas (1931, Peñarol), Tupi, Vani, Ramon, Teixeira e Petronilho (1931, Lazio), Ministrinho (1931, Juventus), Rato e Filó (1932, Lazio) – este último se tornaria campeão mundial jogando pela Itália na Copa de 1934 – e Domingos da Guia (1933, Nacional do Uruguai) (p.75,76).

1.3 O espaço como condicionante

Dentro do alambrado, os limites do campo são marcados com cal na terra vermelha. Os bancos de reserva são de alvenaria, cobertos, e há uma mesinha plástica com duas cadeiras e guarda-sol para os responsáveis pela súmula. Poucos metros ao lado do campo, em uma vala revestida de concreto escorre água cinzenta (...) Pelo menos cinco vezes por jogo a trajetória da bola produz um splash nesse caldo cinza

(Carta Capital - Especial: Vida na Várzea -p.10).

É incontestável a transformação que os esportes – e no caso deste estudo, especificamente o futebol – causam no espaço. É interessante ressaltar as modificações causadas por eventos como: Jogos Olímpicos, Jogos Paraolímpicos, Copa do Mundo, entre outros, nas cidades em que são realizados.

No caso específico do futebol, ressalta Jesus (2004):

Na condição de elemento central na cultura brasileira, o futebol tem sido capaz de gerar objetos marcantes na paisagem urbana, como os estádios, dotados de notável centralidade funcional e simbólica. Também se espacializa na proliferação de campos de futebol e na intensa apropriação de espaços públicos (ruas, praças, parques, praias) para a prática informal deste esporte”. (p.1).

A afirmação do autor demonstra como a diversidade de práticas – as matrizes futebolísticas – modificam e/ou ressignificam os espaços e equipamentos das cidades. No caso da matriz do futebol de alto-rendimento, os grandes estádios são um bom exemplo, sendo planejados com atenção ao grande fluxo de torcedores, em áreas bem servidas de meios e vias de transporte (ou muitas vezes gerando esta necessidade) (Jesus, 1999), de forma a manter o espetáculo.

Um outro exemplo, que não tem os mesmos privilégios, mas, ao contrário, com os recursos disponíveis possíveis, são os campos de várzea onde se mantém, predominantemente, as matrizes bricolada e comunitária. Acreditamos, aqui, que os estudos da importância dos estádios – que demonstram a monopolização estética da matriz espetacularizada também nos estudos geográficos – podem ser relacionados com os campos de várzea, para demonstrar características importantes que também se encontram nestes equipamentos. Segundo Jesus (2005), o futebol:

Enquanto paisagem simbólica, não apenas têm sua inscrição formal na configuração do território, mas precisam se reproduzir através de rituais públicos regulares (Cosgrove, 1998:115). Tal função nos estádios é cumprida pelos duelos clássicos entre grandes clubes rivais, que periodicamente aglomeram multidões e condensam tensões e conflitos identitários, compondo o calendário festivo e cultural local (p.62)

Assim, fazendo um ponto comum com os apontamentos de Jesus (1999) no estudo da geografia dos esportes a partir dos estádios, acreditamos que os campos de várzea também contemplam a função de paisagem simbólica, mantendo “os rituais públicos regulares” do futebol em várias regiões das cidades, a partir dos campeonatos de bairro e/ou daqueles promovidos pelo poder público. A maior ou menor ritualização se dará de local para local na medida em que a difusão do futebol obedeceu às condições que tornaram favorável ou não a sua adesão.

Fazendo-se uma análise da cidade do Recife a partir da divisão espacial de Bitoun (2005) em anéis central, intermediário e periférico, junto com o estudo dos espaços livres (selecionando especificamente os campos) de Sá Carneiro (2000) teremos uma representação de como se acomodam hoje os campos de várzea na cidade do Recife.

Tabela 1 – Quantidade de campos por anel

Anéis	Campos de Várzea
Anel Central	31
Anel Intermediário	42
Anel Periférico	74
TOTAL	147

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos trabalhos de Bittoun (2005) e Sá Carneiro (2000)

Como identifica Jesus (2004), quando do estudo da popularização do futebol na cidade de São Paulo:

Nas últimas três décadas, fatores diversos como expansão brutal do tráfego de veículos e especulação imobiliária proporcionaram uma forte redução no número de campos de várzea na cidade de São Paulo, embora se note uma quantidade expressiva destes na periferia metropolitana. (p.6)

A partir de relatos existentes, acreditamos que este mesmo processo se dá no Recife. No anel central - que corresponde ao centro funcional da cidade, concentrando as principais atividades da cidade e da aglomeração - teremos o menor número de campos. Já no anel intermediário, onde se concentram as áreas que se urbanizaram logo após o centro, mudando as feições de área rural (engenhos, sítios, povoados) para abrigar os principais eixos viários, teremos um número de campos um pouco maior do que no anel central. E no Anel Periférico - que se caracteriza pelos trechos ocupados pela população oriunda do êxodo rural e dos bairros pobres e superpovoados da cidade, onde predomina a

autoconstrução em precárias condições, os loteamentos clandestinos e alguns trechos de vilas edificadas pela iniciativa pública – teremos o maior número de campos.

O relato de lideranças esportivas mostra que isso nem sempre foi assim. Como é o caso do bairro de Joanna Bezerra, localizado no anel central, onde existiam cerca de nove campos de futebol e hoje apenas dois. Num contraponto, a área do bairro da Várzea, distribuída nos anéis intermediário e periférico, ainda abriga 18 campos.

Esta análise evidencia como o processo de urbanização refletiu na reorganização dos espaços das práticas futebolísticas. A matriz espetacularizada, manteve seus grandes espaços que se consolidaram na paisagem da cidade a partir de sua história. Já as matrizes comunitária e bricolada foram aos poucos empurradas para as periferias das cidades ou foram adaptadas com outras alternativas – estas referem-se as outras modalidades tais como o futsal, o futvôlei, entre outros que requerem espaços menores. Ainda assim, nas grandes cidades em que a questão habitacional ainda é crítica, os espaços futebolísticos resistem graças ao esforço dos indivíduos que lutam para mantê-los. No caso de Recife, a Câmara de Vereadores, por meio de projeto do Vereador Josenildo Sinésio, busca criar uma lei que delimite e proteja áreas de interesse esportivo, as quais não poderiam ser destruídas. O projeto já tramita há alguns anos e aguarda aprovação¹³.

Já em São Paulo, como nos mostra Magnani & Morgado (1996), temos a afirmação concreta de que “Futebol de Várzea também é patrimônio”. Sob este título, os autores contam a longa trajetória de mobilização que foi necessária para a preservação do Parque do Povo, *“uma área de 150 mil metros, localizada em região nobre e das mais valorizadas da cidade. Dividida em vários campos de terra, é ocupada por times*

¹³ Projeto de lei nº 247/2005, que dispõe sobre a criação de áreas de preservação esportivas e de lazer.

conhecidos como “de várzea” (...) abriga também um circo e um teatro” (p.175). O espaço foi disputado para a realização de construções modernas, e até o final do processo se discutia sua real necessidade de preservação, principalmente pelo seu uso. A medida de tombamento foi conseguida em 1994 e representa, não o congelamento de um bem cultural popular, mas possibilitar a sua realização como prática coletiva e diversa. Como afirmam Magnani & Morgado (1996):

O Parque do Povo conserva – em seu traçado, nas múltiplas passagens internas, nos intrincados trajetos, no formato e disposição dos campos e das cercas vivas etc. – as marcas não apenas do futebol, mas de uma forma de sociabilidade que é ao mesmo tempo resultado de uma prática coletiva e condição de seu exercício.

O tombamento permitiu a continuidade dessa malha de relações, no lugar onde vem sendo tecida, há anos: é um *ponto de* referência na cidade, portanto já era patrimônio antes mesmo de receber o aval oficial. (p.184)

Estas reflexões geram a necessidade de admitirmos o lugar como condicionante de todo o processo de adesão e difusão do futebol – lugar de sociabilidade e representação das condições sócio-histórico-culturais onde são construídos os diversos significados do futebol. Ainda que em menor quantidade e diferente configuração espacial, os campos permanecem nas cidades. Se hoje não são primordialmente o espaço da seleção de jogadores para integrar os times profissionais (existindo para isso escolinhas esportivas nos times profissionais que já recebem os “craques da periferia”), continuam sendo espaços importantes de encontro e socialização entre as diferentes gerações, etnias e gêneros onde o futebol não é apenas assistido, mas produzido e reproduzido como bem cultural e apropriado de forma heterogênea e complexa.

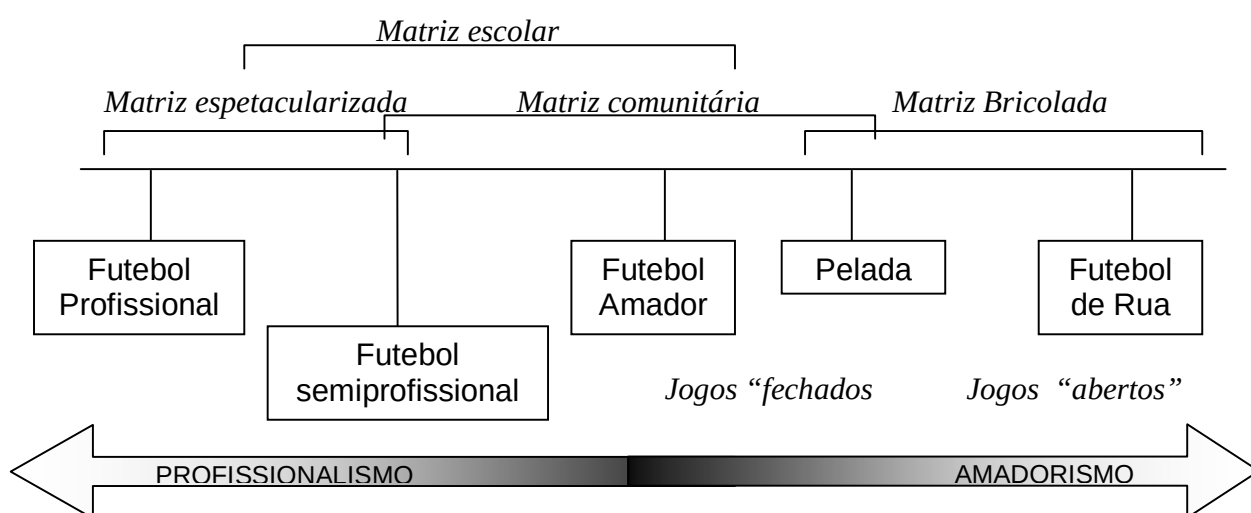
Não discutiremos aqui os motivos da extinção dos campos de várzea, já detectado e comunicado em alguns estudos sobre o futebol, mas sim a sua permanência.

Por que os campos de várzea ainda permanecem mesmo com toda a redefinição que a cidade sofre frente à urbanização acelerada e à exploração imobiliária? A resposta a esta pergunta está imersa em nosso trabalho, sendo possível arriscar uma afirmação: está nos significados dos “futebóis amadores” para as cidades e seus cidadãos.

1.4 Os Futebóis Amadores

Vimos anteriormente que podemos analisar o futebol a partir de dois níveis: um que determina o sentido a que se direciona predominantemente a prática futebolística, utilizando os conceitos de amadorismo e profissionalismo; e outro a partir de uma análise mais geral que procura perceber as diferentes formas de organização e prática do futebol como figurações sociais, utilizando os conceitos de matrizes futebolísticas desenvolvido por Damo (2003; 2007). Buscando agrupar estes dois níveis, poderíamos imaginar uma escala que tem como seus extremos o futebol profissional e o futebol de rua, e entre os quais se distribuem as demais formas de práticas futebolísticas. Ilustrativamente teríamos o seguinte:

Ilustração 1 - Escala do sentido dos futebolis



Fonte: Elaborado pela autora deste trabalho

Na ilustração, o profissionalismo e o amadorismo são sentidos possíveis para as práticas, predominantes em algumas delas e que se fundem de forma a termos algumas destas práticas nas fronteiras fluidas entre um e outro sentido. As matrizes futebolísticas constituem espaços sociais abrangentes que abarcam algumas figurações, estabelecendo pontos de intersecção, onde as matrizes se relacionam (ou os indivíduos que as formam). Os jogos abertos e fechados propostos por Gonçalves (2002) estão dispostos no sentido do amadorismo, podendo ser aplicados a algumas práticas.

Esta escala, longe de querer ser uma lógica geral para o futebol como fenômeno, expõe uma realidade específica: a brasileira. E nos permite delimitar melhor o nosso objeto de estudo, sem, entretanto, colocá-lo restrito a limites que na verdade são

tênuas e flexíveis. Neste sentido, a idéia de escala onde dispomos práticas consolidadas na realidade social – ainda que muitas vezes identificadas de maneiras próximas ou diferentes de local para local – indica um sem número possível de figurações que se realizam entre estas práticas.

Desta forma, entre o futebol amador e a pelada, existe um sem número de figurações que se formam a partir das relações entre os indivíduos e que variam de acordo com vários fatores, como por exemplo, o capital futebolístico.

Este termo, cunhado por Damo (2007) a partir da teoria bourdesiana, para delimitar a “constelação de atributos” necessários a um atleta para inserir-se na atividade profissional do *campo* futebolístico, pode constituir-se como um dos fatores que permitem a diversidade de futebolis existentes. Segundo Damo (2007):

os capitais futebolísticos perfazem um leque amplo e variado de disposições físicas, psíquicas e sociais que extrapolam, significativamente, a dimensão técnica e, sobretudo, uma dada dimensão particular, muito valorizada pelo senso comum, associada ao controle da bola – malabarismos, floreios, etc. (p.112)

Estes capitais, num quadro de valores com suas devidas diferenças, constituem também elementos de disputa dentro da atividade amadora do *campo* futebolístico, se aproximando ou distanciando de acordo com o sentido da prática. Por exemplo, a pelada terá menos pontos de intersecção nos capitais futebolísticos, em disputa no *campo*, com o futebol profissional do que o futebol amador.

Mas, de forma geral, o que representam estes futebolis que estamos delimitando aqui como formações reconhecidas socialmente? Vamos defini-los a partir das relações que se estabelecem, do ponto de vista de quem joga:

- ⚽ Futebol profissional – figuração social onde se estabelecem predominantemente relações formais de trabalho, prevalece o sentido do profissionalismo e sua forma de organização segue as normas previamente estabelecidas¹⁴. Ex. Sport Clube do Recife.
- ⚽ Futebol semiprofissional – figuração social onde se estabelecem predominantemente relações formais de trabalho, mas com aqueles indivíduos que não atingiram o grau ou faixa etária necessária para participar do futebol profissional; prevalece o sentido do profissionalismo e sua forma de organização segue as normas previamente estabelecidas (regras da FIFA). Ex. Categoria Juniores da divisão de base do Náutico.
- ⚽ Futebol Amador – figuração social onde se estabelecem predominantemente relações de parceria, onde pode haver relações informais de trabalho e coexistem em graus próximos os sentidos do profissionalismo e do amadorismo. Sua forma de organização segue as normas previamente estabelecidas de forma adaptada. Ex. Barcelona F. C. (Barcelona do Jordão), Grêmio Recreativo Real (Real da Mustardinha).
- ⚽ Pelada – figuração social onde se estabelecem predominantemente relações de parceria e/ou amizade, onde prevalece o sentido do amadorismo. Sua forma de organização segue apenas as normas previamente estabelecidas para realização do jogo, ainda assim podendo adaptá-las. Ex. Pelada da Amizade (Macaxeira).

¹⁴ Referimo-nos aqui às regras da FIFA, as quais estabelecem as normas para o jogo e sua realização.

É importante destacar aqui que as figurações tratadas até o momento, consistem naquelas que possuem um tempo de duração mais longo e com isso uma velocidade de mudança mais lenta, podendo variar de acordo com a realidade de cada figuração, mas guiando-se por formas de organização com padrões delimitados, que podem ser mais rígidos ou mais flexíveis.

Por último, vale destacar o futebol de rua que possui um tempo de duração curto e uma forma de organização fluida.

- ⚽ Futebol de Rua – figuração social onde se estabelecem predominantemente relações de parceria e/ou amizade, prevalece o sentido do amadorismo e sua forma de organização é muito distante das regras estabelecidas, podendo manter apenas o mínimo para ser caracterizada como futebol.

Diante disso, destacamos que nosso trabalho refere-se ao futebol amador – por vezes também chamado de futebol de várzea ou futebol comunitário, que pode ser situado historicamente como futebol suburbano. Situado entre o futebol profissional e a pelada, possui figurações muito próximas de ambos. Como um futebol praticamente intermediário entre os sentidos do profissionalismo e do amadorismo, pode ser caracterizado por figurações muito variáveis. Sua forma de organização ora chega o mais próximo possível do futebol profissional, ora da pelada, pelos mais diversos fatores, coexistindo uma diversidade de “futebóis amadores” como aponta nosso estudo. Suas figurações constituem a matriz comunitária formulada por Damo (2007) e algumas delas de aproximam dos jogos “fechados” descritos por Guimarães (2002).

Em nossa investigação, buscaremos mostrar algumas figurações sociais que formam esta figuração mais ampla, identificando as características mais gerais e outras mais específicas que a formam. Além disso, buscaremos analisar as relações de interdependência que se estabelecem entre os “futebóis amadores” e, por que não, “os futebóis profissionais”, na figuração mais ampla, que aqui chamamos de *campo* futebolístico. Para isso, buscaremos entender como os sentidos do amadorismo e do profissionalismo numa análise ampliada se constituem em direções opostas de um processo social e contribuem na formação das diferentes figurações futebolísticas debatidas até aqui.



CAPÍTULO II - QUESTÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

2.1 Entre o amadorismo e o profissionalismo

Surgido na Inglaterra do século XIX, o futebol é, assim como outras modalidades esportivas, originário das transformações dos passatempos ingleses. Emerge do que Elias (1985; 2003) chamou de processo de esportivização, o qual dará origem a todos os esportes modernos que conhecemos hoje.

O termo esporte abrange um conjunto de atividades específicas que se diferencia dos jogos e práticas lúdicas que encontraremos desde os primórdios da história da humanidade. Para Elias:

(...) um desporto, seja ele qual for, é uma actividade de grupo organizada, centrada num confronto entre, pelo menos duas partes. Exige esforços físicos de certo tipo e é disputado de acordo com regras conhecidas, incluindo, onde se revelar apropriado, regras que definem os limites autorizados de força física. O grupo de participante é organizado de tal maneira que em cada encontro ocorre um padrão específico de dinâmica de grupo – um padrão que é flexível, umas vezes mais, outras vezes menos, e, por isso, variável e, de preferência, não inteiramente previsível no seu curso e nos seus resultados (ELIAS, 1985, p.232).

Segundo as análises deste autor, os esportes são atividades que se desenvolvem nos séculos XVII e XIX na Inglaterra, mas não como consequência de processos sociais como industrialização e urbanização, e sim, junto com eles, no processo de mudança do padrão de comportamento dos indivíduos em sociedade em determinada direção, a qual o autor denomina civilização. O sentido da civilização - dentro do processo social chamado

civilizador¹⁵ - terá nas atividades de ocupação do tempo livre a característica de busca do equilíbrio de tensão entre prazer e restrição, organizando estas atividades sob regras e normas direcionadas no sentido do controle da violência e da pacificação (ELIAS, 1985).

Utilizando a caça à raposa como uma das primeiras atividades inglesas a se transformarem, adquirindo as características ligadas ao que denominamos como esportes, Elias (1985) demonstra a existência de afinidades entre as mudanças que se desenvolveram nos passatempos britânicos e aquelas que se desenvolveram em outras esferas: como na política com o desenvolvimento do regime parlamentar. Ambos, política e esportes, são exemplos de um avanço pacificador que pode ser percebido na Inglaterra.

Neste contexto, o esporte emerge sob a perspectiva de uma experiência de excitação agradável que responde às necessidades dos indivíduos - em uma sociedade cada vez mais regulamentada – de busca do prazer em momentos compartilhados, mas sem se arriscar à violência ou à desordem.

Segundo o autor:

A interiorização das regras que regulam de forma mais elaborada todas as esferas da vida, garantem às pessoas, nas suas relações entre si, maior segurança e estabilidade, mas implicaram também uma perda das satisfações agradáveis que se associavam a formas de comportamento mais simples e espontâneas. O desporto era uma das soluções para este problema (ELIAS, 1985, p.244).

É importante destacar, entretanto, que este processo de esportivização não pode ser visto numa perspectiva de evolução linear. Para Elias (2006), os processos sociais referem-se a “*transformações amplas, contínuas, de longa duração – ou seja, em geral não aquém de três gerações – de figurações formadas por seres humanos, ou de seus*

¹⁵ Esse processo social é analisado minuciosamente em: ELIAS (1994b).

aspectos, em uma de duas direções opostas” (p.28). De acordo com o autor, os processos são sempre bipolares, reversíveis e não-planejados. As direções podem configurar-se em forma de dominação - uma tornando-se dominante em relação à outra – ou em forma de equilíbrio. Vale ressaltar que esse direcionamento do processo em uma direção específica não é definitivo e nem subtrai a existência completa da outra direção, sendo plausíveis surtos simultâneos na direção oposta. Ainda segundo este autor, a investigação dos processos sociais deve ser feita a partir de pares conceituais como integração e desintegração, engajamento e distanciamento, entre outros. Estes podem servir não apenas para indicar o sentido do processo social, mas também para a *“determinação de oposições e tensões estruturais no interior de um movimento processual em cada época considerada”* ou mesmo *“a determinação de fases ou estágios de um processo social”* (ELIAS, 2006, p.29). Entre as direções que emergem quando pensamos no processo de esportivização devemos destacar aqui o par conceitual amadorismo e profissionalismo.

O amadorismo e o profissionalismo nos esportes estão relacionados às intencionalidades subjacentes a estas práticas que são atribuídas pelos indivíduos durante o processo de esportivização. De forma geral, o primeiro enfatiza a perspectiva de lazer, tendo no prazer e divertimento seus principais objetivos; o segundo enfatiza a perspectiva do trabalho, tendo na busca de resultados e num meio de sobrevivência seus objetivos principais.

As relações entre amadorismo e profissionalismo podem ser referidas aos primórdios dos esportes. Segundo Elias & Dunning (1985):

(...) esta mobilização dos valores amadores, com o acento tónico no prazer, como um ingrediente essencial do desporto surgiu num

estádio inicial do desenvolvimento das modernas formas de desporto, num tempo em que, acima de tudo, o desporto profissional, tal como o conhecemos hoje, dificilmente existia. Então era possível a alguns homens ganhar a vida de um modo precário, como pugilistas profissionais, jôqueis e jogadores de críquete (p.313).

Neste, que podemos definir como o primeiro estágio do processo de esportivização, há uma mudança da ênfase das atividades de ocupação do tempo livre do desejo de vencer um confronto para a aspiração à vivência de uma agradável excitação prolongada (ELIAS, 1985). Este novo direcionamento situa-se no âmbito do amadorismo, mas mesmo nele encontraremos indícios de um profissionalismo. Sendo as atividades esportivas o privilégio de uma pequena elite, sob esse *ethos* em que predominava o jogo propriamente dito e não a vitória, a “profissão desportiva” se desenvolve, segundo Elias & Dunning (1985), baseada na “*subordinação inequívoca do profissional ao seu patrono e na total dependência quanto aos riscos de vida que ligavam o primeiro ao último*” (p.321). Ainda segundo este autor, o esporte como profissão¹⁶, nem moral, nem socialmente, correspondiam a uma ameaça à estrutura de poder da época, não sendo necessário, portanto, esconder a obtenção de benefícios a partir dos jogos esportivos, seja a partir de salários ou através das apostas com base nos resultados das disputas. O par conceitual amadorismo/profissionalismo expressa aqui a grande desigualdade social que caracteriza este período.

É importante chamarmos a atenção para o fato de que este primeiro estágio caracteriza o período de desenvolvimento dos esportes numa Grã-Bretanha pré-industrial,

¹⁶ A idéia de profissão aqui está mais ligada à idéia de ofício, ocupação do que ao conceito que profissão recebe nos estudos sociológicos atuais como demonstra Diniz (2001), ao expor uma definição “mínima” do termo para os estudiosos da área, definindo profissões como: “ocupações não-manuais que requerem funcionalmente para seu exercício um alto nível de educação formal usualmente testado em exames e confirmado por algum tipo de credencial” (p.18).

sob uma configuração social onde o nível de formação do Estado era reduzido (sendo a aristocracia e a nobreza o próprio Estado) e o equilíbrio de poder entre classes extremamente desigual. A mudança para uma Inglaterra industrial, com o desenvolvimento dos transportes e das comunicações e, sobretudo, a mudança no equilíbrio de poder com a formação do Estado, nos leva a um novo estágio do processo de esportivização, voltado para os resultados e a vitória (Elias & Dunning, 1985).

Esse sentido é considerado por Elias & Dunning (1985) como uma tendência dos esportes à seriedade, que terá sua realização plena no profissionalismo. Segundo ele, com a industrialização e a nova configuração social inglesa teremos o desenvolvimento de um *ethos amador* numa perspectiva ideológica, ou seja, uma moral amadora que será transformada em um discurso de combate à crescente profissionalização dos novos esportes, como o rúgbi e o futebol. Um processo importante para essa ideologização é a popularização dos esportes. Ao serem apropriados pela classe média e pelas classes operárias, os esportes gradativamente começam a deixar de ser um elemento de diferenciação entre as camadas sociais. As tensões que envolvem esta alteração podem ser identificadas na polarização entre os que defendem a manutenção da prática esportiva amadora, como forma apenas de divertimento; e os que defendem a prática esportiva como, além de divertimento, um meio de sobrevivência. Essas primeiras disputas respaldam a consideração deste espaço social dos esportes como um *campo* esportivo.

A noção bourdieusiana de *campo* começa a ser empregada aqui propositalmente, pois ajuda-nos a destacar esse momento dos esportes que sinaliza a autonomia do fenômeno em relação a outros. Ainda que exista um diálogo constante com outras esferas sociais, como a economia e a política, o espaço social dos esportes começa a

abrigar disputas próprias nesse segundo momento do processo de esportivização que aponta para uma nova direção.

Afirma Hobsbawn (1988):

Os novos esportes abriram caminho até a classe operária, e, mesmo antes de 1914, alguns deles eram entusiasticamente praticados por operários – havia, na Inglaterra, talvez um milhão de jogadores de futebol – que eram observados e seguidos com paixão por grandes multidões. Este fato incorporou ao esporte um critério de classe próprio, o amadorismo, ou antes a proibição ou a estrita segregação da casta dos “profissionais”. Nenhum amador poderia distinguir-se de modo genuíno nos esportes, a não ser que pudesse dedicar a eles mais tempo do que os operários dispunham exceto se fossem pagos (p.256).

A reflexão do autor nos traz informações importantes sobre a dinâmica de um *campo* em construção. A existência de um grupo que ocupa a posição dominante, detentor de um maior capital específico e um grupo de recém-chegados, que buscam a entrada no *campo* sem possuir muito deste capital. Ao contrário do que possa demonstrar a citação anterior, é importante destacar que os recém-chegados não constituem apenas os trabalhadores e operários, mas todos aqueles “não-nobres”, o que nos leva a perceber a relação direta com o contexto social da época. O que parece ser predominante neste grupo de recém-chegados é a defesa de um quadro de valores diferente para o *campo* em questão.

O desenvolvimento cada vez maior de torneios que abrangem cidades, estados e mais tarde países, desenvolvem competições internas ao *campo* esportivo, por uma posição própria neste espaço. Aqueles que conquistam os melhores resultados e mais especificamente a vitória, detêm a posição dominante. Isso nos faz refletir como, diferentemente do momento anterior, neste novo contexto, o profissionalismo se torna

uma ameaça às classes dirigentes, que em campo podem perder sua posição no *campo*. Isso faz com que entrem em disputa pela posição dominante no *campo* esportivo, transformando o *ethos* amador em uma ideologia.

Esta reação ideológica, entretanto, não consegue prevalecer graças à “tendência à seriedade” dos esportes destacada por Elias & Dunning (1985). A reação das elites, ao invés de contradizer este novo direcionamento, também pode ser lido como uma demonstração dele, pois não é apenas a manutenção do divertimento como princípio que faz as elites dirigentes rejeitarem o profissionalismo, mas também a possibilidade de serem derrotados pelos times dos “recém-chegados”. Esta nova orientação da prática esportiva para os resultados gerará cada vez mais a necessidade de esportistas de alto-rendimento que são obrigados a se dirigirem aos outros e a participar do esporte de maneira séria (Elias & Dunning, 1985). O tempo livre não é mais suficiente para alcançar o rendimento necessário à vitória.

Concomitantemente, uma nova etapa se inicia no processo de esportivização dos passatempos ingleses: a difusão e popularização global. Segundo Elias (2003), práticas como o boxe, o turfe e o remo, foram difundidas pelo mundo para em seguida termos a chegada dos jogos com bola. É importante destacar aqui que mesmo chegando depois de outros esportes, o futebol terá uma posição de destaque no *campo* esportivo devido a sua grande popularidade.

Esta nova etapa do processo de esportivização marca a chegada dos primeiros esportes britânicos ao Brasil, delineando-se o que chamaremos um *campo* esportivo brasileiro. Chegando ao mesmo tempo em que alguns novos processos se desenvolvem no país, como a industrialização, a urbanização, o desenvolvimento de meios de transporte e

comunicação, entre outros, os esportes espraíam-se por todo o território. No caso particular do futebol, a especificidade da realidade brasileira de um país em adaptação à recém abolida escravidão, de economia dependente e uma revolução burguesa tardia¹⁷, ao mesmo tempo, com uma nação que se construía atenta às inovações européias, será responsável pelo desenvolvimento peculiar deste esporte, que em pouco tempo reunirá milhares de pessoas em torno de sua prática e outras tantas nos torneios internacionais como o sul-americano e as copas. Este desenvolvimento peculiar está relacionado com o que Maguire (2002) nos chama atenção como processos correlatos com esta fase da esportivização: “*a emergência de formas mais intensas de nacionalismo e um vigoroso impulso nos processos de globalização*” (p.10)¹⁸.

Trazido pelos ingleses em finais de século XIX e início do século XX, o futebol vai exigir a princípio uma bola, o conhecimento das regras, um espaço e agentes predispostos a sua prática. Num primeiro momento, isto estará sob posse apenas das elites: seja representada pelos jovens que retornavam de seus estudos em universidades européias, dos dirigentes das fábricas ou dos professores das escolas (estas existiam apenas para esta camada social). Com a sua popularização, teremos a formação de clubes suburbanos ou populares que consistiam naqueles formados por trabalhadores, comerciantes, entre outros indivíduos que não atendessem aos critérios da elite aristocrática do país¹⁹. A constituição de clubes de elite e clubes suburbanos demarca as

¹⁷ As especificidades da realidade brasileira podem ser aprofundadas na obra de FERNANDES (2006).

¹⁸ Tradução minha do original: “the emergence of intense forms of nationalism and a spurt in globalisation processes”.

¹⁹ As informações sobre a história do futebol, sua difusão e adoção no Brasil são baseadas nas obras dos historiadores PEREIRA (2000), SANTOS NETO (2002), FRANCO JÚNIOR (2007) e COUCEIRO (2003).

primeiras disputas na dinâmica do desenvolvimento de um *campo* futebolístico brasileiro²⁰.

Segundo o conceito bourdesiano, podemos definir a estrutura social das práticas futebolísticas “*como um espaço de jogo, um campo de relações objetivas entre indivíduos ou instituições que competem por um mesmo objeto*” (BOURDIEU, 1983, p.155). O *campo* pressupõe a existência de agentes e instituições em disputa, “...os detentores da posição dominante, os que têm maior capital específico, se opõem por uma série de meios aos entrantes, recém chegados, chegados tarde, arrivistas que chegaram sem possuir muito capital específico” (BOURDIEU, 1983, p.155).

É na luta por este capital que instituições e agentes buscarão meios para manter-se no *campo*, definidos, segundo Bourdieu (1983), em estratégias de conservação e estratégias de subversão. As primeiras serão utilizadas por aqueles que monopolizam o capital do *campo* e buscam conservar as regras e relações existentes; as segundas serão utilizadas pelos recém-chegados, que na busca de acumular capital específico ressignificarão o quadro de valores daquele *campo*.

As transformações no quadro de valores do *campo* futebolístico brasileiro, almejadas pelos recém-chegados clubes suburbanos, podem ser evidenciadas se empreendermos uma análise das *figurações sociais* específicas que caracterizam este *campo*. A noção elisiana de *figuração social* faz-se necessária para chegarmos a um ponto específico de relações entre os agentes que constituem/constróem o *campo* em questão. Segundo Elias (2006), “os seres humanos, em virtude de sua interdependência

²⁰ A aplicação do conceito à modalidade esportiva específica do futebol é possível graças ao desenvolvimento acelerado desta prática que possibilitará a identificação de uma autonomia em relação às outras em pouco tempo.

fundamental uns dos outros, agrupam-se sempre na forma de figurações específicas” (p.26)²¹. A figuração no *campo* esportivo pode ser pensada tanto na forma de posicionamento dos indivíduos no jogo, como dentro ou entre as instituições que eles formam. Para nosso estudo, é importante empreender uma análise do segundo caso, no qual a *figuração social* que destacamos é o clube.

Segundo Melo (2007):

Os clubs chegaram ao Brasil com os imigrantes, que começam a se tornar mais comuns no país a partir de 1808, com a chegada de dom João VI. Antes de criação de clubes esportivos, havia muitos outros de caráter recreativo, literário, político. (...) Desde sua criação, os clubes foram importantes instituições na sociedade brasileira, extrapolando suas supostas funções recreativas. (...) Eram um espaço privilegiado de encontro e de auto-identificação entre os membros das elites. (...) Os primeiros clubes esportivos de importância, ligados ao turfe, eram basicamente dirigidos por latifundiários e comerciantes vinculados à agricultura (meados do século XIX), enquanto os de remo, que sucederam os anteriores em importância, eram dirigidos por engenheiros, médicos e militares de alta patente e empresários da indústria nacional em formação (fim do século XIX). No final do século XIX, surgem os primeiros clubes criados por uma classe média urbana em formação, uma nova configuração das elites nacionais, curiosamente os que mais tempo sobreviveram (no caso do Rio de Janeiro, este é o caso dos quatro “grandes clubes”: Flamengo, Vasco, Botafogo e Fluminense) (verbete clube, p.36-37).

Os clubes, que após certa resistência adotam o futebol²², são espaços constituídos sob estatutos - documentos que delimitam os objetivos e as regras de participação – e reúnem dentro de si os agentes que realizam as disputas próprias deste

²¹ A idéia de interdependência é fundamental na teoria elisiana, constituindo-se no mecanismo utilizado pelo autor para superar o problema sociológico de fundo de inúmeras teorias: a relação entre agente e estrutura. Para Elias (1994; 2005), indivíduo e sociedade só podem ser encarados de uma perspectiva relacional e de dependência mútua.

²² A resistência dos clubes esportivos existentes à adoção da nova modalidade é sempre citada nos estudos históricos. Espaços das elites, eles são sempre citados como os primeiros locais a que os jovens que retornavam da Europa e traziam o jogo de bola como uma novidade, recorriam tentando implementá-lo.

campo. Entender o clube como uma *figuração social* que os agentes formam na relação entre si e perceber algumas características principais que diferenciam esta figuração de outras do mesmo tipo é uma forma de demonstrar as estratégias de conservação e subversão empreendidas pelos agentes nas disputas travadas no *campo* futebolístico. Para isso, nos basearemos no minucioso estudo de Pereira (2000) sobre o surgimento e consolidação do futebol na cidade do Rio de Janeiro.

No início do século, os clubes não se constituíam em espaços exclusivos do futebol, mas de várias opções de divertimentos públicos. Segundo Pereira (2000), os primeiros clubes futebolísticos são organizados pelas elites. Geralmente, clubes já existentes em que os jovens brasileiros, egressos de universidades européias, lutavam pela disseminação do jogo. As partidas eram realizadas entre os clubes e não despertavam muitas atenções da imprensa que centrava sua atenção no turfe²³.

Com a popularização do futebol e a boa imagem que sua prática ia adquirindo, ocorreu a proliferação de clubes pela cidade do Rio de Janeiro chegando aos lugares mais remotos e ao acesso das diversas camadas sociais (Pereira, 2000). Um dos exemplos mais marcantes dos estudos da história do futebol carioca concentra-se no Bangu *Atletic Club*. Representante do surgimento dos times populares, o Bangu nasce a partir da Companhia Progresso Industrial do Brasil, tendo a fábrica e a vila operária sediada no bairro Bangu, subúrbio do Rio de Janeiro. Segundo Lopes (1998), o clube permitirá a entrada de operários no time devido a seu isolamento geográfico, não tendo nos cargos superiores pessoas suficientes para a formação do clube. Outro argumento é destacado por Pereira

²³ A importância do turfe como modalidade esportiva no Brasil pode ser aprofundada em MELO (2001).

(2000) que aponta a necessidade de obter maior apoio da direção da fábrica como o motivo para a abertura aos trabalhadores.

Fundado em abril desse ano na distante estação do mesmo nome, o Bangu, como outros clubes da cidade, teve também nos estrangeiros seus precursores. Chegados à cidade ainda em fins do século XIX para trabalhar para a Companhia Progresso Industrial, que administraria a fábrica de tecidos fundada no bairro em 1892, um grupo de técnicos ingleses logo começou ali a prática do novo esporte. A princípio, a direção da fábrica não parecia muito disposta a apoiar a iniciativa de seus empregados, que desejavam fundar um clube nos moldes daqueles que conheciam em seu país de origem; a imagem fidalga que clubes como o Fluminense iam construindo para o jogo parece, porém, ter mudado sua opinião. Foi assim que, no dia 17 de abril de 1904, reuniam-se em uma casa emprestada pela companhia nove rapazes para fundar o Bangu *Athletic Club*. O apoio da direção da empresa já parecia, nesse momento, evidente. Além da sede por ela emprestada, decidiu-se nessa reunião que o sr. Stack fosse encarregado de pedir ao diretor da fábrica, João Ferrer, o pano de cores branca e encarnada que seria usado no uniforme do time. Significativamente, era o mesmo João Ferrer o presidente honorário escolhido na eleição da diretoria do clube.

De início, o clube congregava parcelas muito restritas dos empregados da fábrica, compondo-se somente de trabalhadores especializados de origem estrangeira que ocupavam cargos de chefia – como Thomas Hellowell e James Hartley, diretores respectivamente das seções de dobração e teares, e de alvejamento. Tendo por fim a prática de esportes como o *football*, o *cricket* e o *lawn tennis*, todos de origem inglesa, mostrava ter como objetivos principais a diversão do numeroso contingente de trabalhadores britânicos da empresa. A redação de suas primeiras atas indicava, de forma cabal, a hegemonia estrangeira no novo clube: escritas com boa letra por John Starck, apresentam inúmeros erros de concordância e de ortografia – tais como “foram eleitos para servirão” e “quem quiser dará a sua nome” – evidenciando que mesmo o secretário escolhido na reunião tinha ainda dificuldades com o português.

A necessidade de apoio por parte da fábrica fez, porém, com que os fundadores do clube logo ampliassem esse impulso inicial, atendendo aos interesses da companhia. Já na reunião de fundação os participantes designaram um representante para convidar “os

rapazes de entrar como sócio” – abrindo a possibilidade de aceitação de operários de outras origens. O próprio valor da mensalidade proposta – 2\$000 como jóia para ingresso e 1\$000 mensais, contra os 5\$000 cobrados no Fluminense nesse período – abria a possibilidade de participação de trabalhadores menos especializados. Quando sua fundação é noticiada pela imprensa, afirmar-se que ele se destina à prática de “todos os *sports* tendentes a desenvolver o físico e o moral dos operários da companhia a que pertencem” – em uma indicação clara do interesse da fábrica de que o jogo fosse praticado também por outros grupos de operários”. (p.32-33)”.

A longa citação é necessária para evidenciarmos algumas características da configuração do Bangu que constituem elementos básicos das *figurações sociais* formadas pelos agentes nos vários clubes. O primeiro é a própria gênese do clube. A formação que se dá por imigrantes trabalhadores será diferente daquela que se dá pelos jovens de famílias da elite tradicional, como no caso do Fluminense. Estes últimos tinham como objetivo o prazer do jogo e o reforço a sua posição social; os primeiros, além do prazer, tinham uma prática caracterizada pela predominância de valores voltados para os resultados e a busca pela vitória, mais do que a manutenção de um *status* exterior ao *campo* esportivo.

Um segundo elemento é o aparato necessário para o reconhecimento como clube: sede, uniforme do time, constituição de um estatuto e um corpo dirigente e o pagamento de jóia (um tipo de matrícula) e mensalidade. Essas características mais concretas serão variáveis de um clube para outro retratando a posição social dos clubes no *campo* esportivo. Um ponto interessante que podemos destacar são os pagamentos. Nos estudos de Pereira (2000) é evidenciada a utilização deles como forma de diferenciação, a partir de exemplos como o do Fluminense.

Já em agosto de 1904, o clube de Oscar Cox realizava uma assembléia para tratar da necessidade do aumento da jóia de ingresso paga pelos novos associados. Contando no período com 170 componentes, o clube já teria, segundo Costa Santos, “muitos sócios”. Por ser sua finalidade justamente a de “ter um número limitado de sócios”, como lembrava Luís Nóbrega, era necessário controlar o ingresso para impedir a entrada no clube de “rapazes que não são dignos” – como já estaria acontecendo, segundo a denúncia de outro participante da assembléia. Era, portanto, proposto pela diretoria o exorbitante valor de 50\$000 – valor mais que 15 vezes superior, por exemplo, à mensalidade paga pelos trabalhadores que quisessem associar-se à União Caixeiral (p.62).

Um último elemento a ser destacado é a existência de um discurso que será apropriado em diferentes contextos com diferentes fins. Neste sentido, Pereira (2000) nos mostra como o futebol foi inserido num contexto em que predominava o discurso das teorias higiênicas, em que a educação física era essencial para a educação completa de crianças e jovens nos quais se deveria inculcar o hábito do exercício físico para combater a “inoperância corporal”. Defendido por seus praticantes, o futebol será exaltado não só como o mais higiênico para o corpo juvenil – pela coordenação dos movimentos – mas também importante ao desenvolvimento moral, devendo ser considerado o mais completo. Esse discurso será utilizado pelos clubes de elite para legitimar o futebol no *campo* esportivo, atribuindo-lhe os valores necessários para ser um verdadeiro *sport*. Já os clubes suburbanos utilizarão este discurso em seus estatutos para legitimar-se dentro do *campo* futebolístico, sendo um dos instrumentos para acesso a torneios, campeonatos e ligas.

As diferenças e predominâncias entre os elementos aqui evidenciados podem dar-nos uma idéia das diferentes figurações clubísticas que irão disputar um capital específico ao mesmo tempo em que formam o novo *campo*. Em pouco tempo, o futebol irá tornar-se interesse sistemático da imprensa, do estado e da escola formando outras

figurações sociais específicas e aumentando o número de cadeias de interdependência do *campo* futebolístico. Semelhante ao que apontamos sobre o surgimento dos esportes ingleses, com disputas que consolidam o *campo* esportivo de modo geral, o *campo* futebolístico será marcado pelas tensões entre amadorismo e profissionalismo, transformando-se o *ethos* amador em uma ideologia, ou, pensando sob o prisma *bourdieusiano*, em uma estratégia de conservação da posição ainda dominante no *campo* futebolístico de então.

A organização dos clubes em Ligas que visavam à manutenção de competições, dinâmica própria do *campo* futebolístico, a princípio respondia a necessidade de distinção entre os diversos clubes que surgiam e, aos poucos, eram espaços de afirmação da tendência à seriedade dos esportes agregando as equipes que tinham desempenho destacado. As resistências estarão sempre presentes. A criação de divisões demarca a necessidade de diferenciação. Os clubes suburbanos poderiam permanecer na Liga, mas não “misturados” aos clubes de elite.

Com a crescente seriedade como uma tendência dos esportes de forma geral (Elias & Dunning (1985), a busca pela vitória e pelos resultados trará um ponto de vantagem aos recém-chegados. Emerge a necessidade de atletas cada vez mais preparados e treinados, não sendo suficiente o tempo livre disposto pelos amadores para alcançar a vitória, que em certo momento terá sua representatividade relacionada não a um clube, mas a uma nação²⁴. O processo de esportivização, que no Brasil, direciona-se ao futebol amador, em pouco tempo tomará uma nova direção: o futebol profissional.

²⁴ Os estudos históricos costumam referir-se a construção do selecionado (equipe) brasileiro e crescente identificação social do brasileiro com o futebol. Algumas das análises realizadas sobre este processo e as

Ao mesmo tempo em que equipes como o Bangu possibilitam a entrada de trabalhadores, o destaque deles em campo gera premiações e contrapartidas que aos poucos vão se tornando mais freqüentes e algumas se relacionam à transferência do tempo de trabalho na fábrica para o tempo de trabalho em campo. A busca pela vitória por parte dos clubes vai abrindo espaço ao exercício do futebol como um meio de sobrevivência, com grande resistência.

O momento histórico que destaca a disputa entre amadores e profissionais está na vitória do Vasco da Gama em 1923, na primeira divisão do campeonato da Liga carioca, considerado o primeiro clube de “profissionais” a vencer um campeonato (LOPES 1994; 1998, SANTOS NETOS, 2002). Segundo PEREIRA (2000):

(...) O Vasco levava a campo uma equipe que não correspondia ao padrão social de seus sócios. Radicalizando um impulso que já se fazia presente em muitos outros clubes da liga, o clube montava uma equipe composta por atletas que, ao contrário do que seria o padrão entre os amadores que disputavam até então o campeonato, faziam claramente do futebol sua profissão. Dedicando-se integralmente ao esporte, os jogadores - muitos deles negros – conseguiam grande vantagem sobre os adversários, que dividiam seus afazeres entre a bola e o trabalho, sagrando-se campeões naquele ano após uma vitória contra o São Cristóvão (p.309).

A catarse desta contenda se dará na efetivação do atleta como profissional na legislação trabalhista aprovada no governo Vargas.

Como um processo social de longa duração e que no Brasil desenvolve-se no início do século passado, é possível dizer que o direcionamento ao profissionalismo ainda está se consolidando nos dias de hoje. Uma série de mudanças e construções vai se

possíveis razões para o desenvolvimento do futebol como “identidade da nação” estão presentes nos estudos de GUEDES (1977, 1998) e NEGREIROS (2003).

desenvolvendo aliada ao desenvolvimento do próprio jogo, como a função de espetáculo desenvolvida concomitante ao processo de profissionalismo. O amadorismo não desaparece, mas vai se distanciando cada vez mais do profissional, como nos alerta Bourdieu (1990a):

Eu gostaria de lembrar, mesmo superficialmente, todo o programa de pesquisas que está implicado na idéia de que um campo de profissionais da produção de bens e serviços esportivos está se constituindo progressivamente (entre os quais, por exemplo, os espetáculos esportivos), no interior do qual se desenvolvem interesses específicos ligados à concorrência, relações de força específica, etc. Eu me contentarei em mencionar, entre outras, uma consequência da constituição desse campo [esportivo] relativamente autônomo, a saber, o contínuo aumento da ruptura entre profissionais e amadores, que vai *pari passu* com o desenvolvimento de um esporte-espetáculo totalmente separado do esporte comum (p.127).

Na cidade do Recife, os poucos trabalhos existentes apontam no mesmo sentido. Tanto ALVES (1978), quanto GUIMARÃES (2001), apontarão em seus relatos os primórdios de um profissionalismo, principalmente nos clubes que viriam a tornar-se “os profissionais”. Entretanto, a figuração social do clube também presente no futebol amador evidenciada no trabalho empírico, alerta-nos para um processo de distanciamento entre amadores e profissionais ainda em desenvolvimento nesta cidade.

2.2 As trilhas percorridas

A bola não é a inimiga
como o touro, numa corrida;
e, embora seja um utensílio
caseiro e que se usa sem risco,
não é o utensílio impessoal,
sempre manso, de gesto usual:
é um utensílio semivivo,
de reações próprias como bicho
e que, como bicho, é mister
(mais que bicho, como mulher)
usar com malícia e atenção
dando aos pés astúcias de mão
(O Futebol brasileiro evocado da Europa,
de João Cabral de Melo Neto).

O ponto de partida de nossa pesquisa de campo se constituiu numa sessão exploratória de entrevistas com os cronistas e “intelectuais do futebol” – sugestão dada na qualificação do projeto. Este primeiro momento tinha como objetivo constituir-se no que Minayo (1994) denomina de fase exploratória da pesquisa, *“tempo dedicado a interrogar-nos preliminarmente sobre o objeto, os pressupostos, as teorias pertinentes, a metodologia apropriada e as questões operacionais para levar a cabo o trabalho de campo”* (p.26). Essa primeira etapa foi de suma importância para consolidarmos nossas questões e termos o ponto de vista de quem veicula os discursos sobre os futebolis. Seu resultado, porém, fez com que este primeiro ciclo de entrevistas se incorporasse à pesquisa de campo. Ainda que nossa opção tenha sido buscar os significados do futebol amador a partir daqueles que o constroem no cotidiano, emergiu a necessidade de um olhar externo, de como o futebol amador é percebido por agentes que conhecem e lidam com o futebol.

Com este grupo foram realizadas dez entrevistas, sendo nove registradas em forma de vídeo, com uma média de 24'05'' e uma registrada de forma escrita. A escolha dos entrevistados se deu, a partir das relações existentes com o NESF (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Sociologia do Futebol), por dois critérios: reconhecimento no *campo* futebolístico e a faixa etária ou tempo de relação com o tema futebol. Neste sentido, buscamos abarcar diferentes gerações que nos possibilitassem pontos de vistas diversos, a partir de diferentes momentos históricos e experiências profissionais.

Concluído este primeiro ciclo de entrevistas, seguimos para uma nova etapa com aqueles que diretamente se envolvem no cotidiano do futebol amador na cidade do Recife. A escolha da entrevista como método de coleta de dados se deu pelo fato dela fornecer “*os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação. O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos*” (GASKELL, 2002, p.65). Através dela pudemos identificar as peculiaridades de cada *figuração social*, suas relações e perceber as interdependências entre os futebolis amador e profissional ao longo da história sob o prisma daqueles que fazem o futebol amador.

Nesta segunda fase, para tentarmos perceber o funcionamento do *campo* como um todo, sentimos que existia uma pluralidade de indivíduos que não poderiam deixar de ser ouvidos na realização de nossa pesquisa. Assim, não nos restringimos apenas às equipes. Realizamos entrevistas com os seguintes agentes do futebol amador:

- 🕒 Gestores → responsáveis na Prefeitura do Recife e na Federação Pernambucana de Futebol pela organização de campeonatos específicos para o futebol amador;

- ❶ Lideranças de time → presidentes dos clubes de várzea ou pessoas de referência indicadas por eles;
- ❷ Lideranças esportivas → pessoas que atualmente não são diretamente ligadas a um time, mas possuem reconhecimento no meio futebolístico e realizam conhecidos torneios e campeonatos.

Com este grupo foram realizadas treze entrevistas, divididas da seguinte maneira:

Tabela 2 - Entrevistas

Quantidade de entrevistas	Grupo entrevistado	Média de duração
3	Gestores	24'
9	Lideranças de time	50'46''
1	Liderança esportiva	51'19''

Fonte: Elaborado pela autora

A forma de seleção dos entrevistados se deu a partir da relação estabelecida diretamente com o futebol amador. Os gestores entrevistados são as pessoas responsáveis das instituições pelos campeonatos específicos do futebol amador. Dos entrevistados, dois foram do Ginásio de Esportes Geraldo Magalhães, órgão responsável pela política de esportes da Prefeitura da Cidade do Recife e um da Federação Pernambucana de Futebol, sendo ele o responsável pela organização do Campeonato de Futebol Amador da Capital²⁵.

²⁵ Como nosso trabalho é específico da cidade do Recife, não realizamos entrevista com o responsável do Campeonato de Futebol Amador do Interior.

A partir do contato com estes gestores, passamos a realizar o que chamamos de “rede de contatos”. A “rede de contatos” consiste na forma que utilizamos para selecionar as equipes a serem entrevistadas, com o objetivo de contemplar na pesquisa empírica as características do nosso referencial de análise, que se baseia na teoria elisiana, especialmente no conceito de figuração social, apresentando parentesco com o método de coleta de dados *snow ball sampling*.

A idéia central do conceito está no aspecto relacional que embasa toda a teoria elisiana. De forma que, as múltiplas relações entre os indivíduos constituem a teia de interdependência de que é formada a sociedade humana, a qual, caracterizada pela mutabilidade, caminha através de processos e figurações (ELIAS, 2005). Utilizando-se do modelo de pronomes pessoais, Elias (2005) procura explicar a interdependência a partir do uso da linguagem.

a função que o pronome <<eu>> desempenha na comunicação humana só pode ser compreendida no contexto de todas as outras posições relativamente às quais se referem os outros termos da série. As seis outras proposições são absolutamente inseparáveis pois não conseguimos imaginar um <<eu>> sem um <<tu>>, sem um <<ele>> ou uma <<ela>>, sem nós, vós, ou eles (p.134).

Este exemplo demonstra a interdependência como conceito fundamental à teoria elisiana. Destarte, a vida em sociedade só existe pela rede de relações interdependentes que os indivíduos formam e as várias relações interdependentes construídas pelos indivíduos serão chamadas figurações sociais.

Partindo deste conceito de figurações sociais, a “rede de contatos” funcionou como uma reconstrução da figuração (ou parte dela) que nas relações entre as

equipes/clubes formadas pelos indivíduos é construída e a convenciamos chamar aqui de futebol amador.

Neste sentido, partindo do relato do primeiro cronista entrevistado, que mencionou um time de várzea muito organizado, demos início à rede. O prosseguimento de sua constituição ocorreu a partir da entrevista com cada equipe, que em sua grande parte citaram durante a entrevista times com os quais tinham alguma relação. Em cada entrevista, colhíamos um dos times que se destacava na conversa e buscávamos o contato.

Faz-se importante ressaltar aqui a percepção que as lideranças tiveram das entrevistas. Num primeiro momento a confusão entre uma entrevista para pesquisa e uma entrevista para imprensa, apareceu na maioria dos casos. Com a explicação, a palavra universidade parecia familiar a alguns. Deixar de ser para a imprensa – algo considerado de importância – passando a ser para a universidade – uma palavra um pouco distante, mas ainda assim importante – manteve a valorização do momento da entrevista pelos sujeitos. Com isso, gostaríamos de ressaltar que as equipes indicadas sempre foram aquelas com relações de parceria e algum tipo de admiração. Aquelas consideradas desagradáveis pelos entrevistados foram evitadas ou não mencionadas, mesmo sob questionamento da entrevistadora.

Considerando isso, é importante ressaltar que as relações também foram consideradas um dado, a ser organizado e analisado. O motivo da indicação, a forma como foi indicado, foram também registrados e transformados em objeto de análise, sendo importantes para a construção da rede de contatos. Assim, formamos uma teia que procura aproximar-se da figuração social que hoje formam entre si os indivíduos no meio futebolístico amador e que deve ser lida à luz de um momento histórico-social específico,

respeitando assim a idéia do movimento como parte da natureza humana – e conseqüentemente social -, tão importante à teoria elisiana.

É importante destacar que as entrevistas foram marcadas nos espaços do futebol: sedes, clubes, campos. O espaço, no futebol e mais especificamente no futebol amador, é um grande condicionante para a permanência na cidade. Com isso, mais do que apenas receber as informações nas entrevistas, empreendemos verdadeiras “viagens” pelo campo de pesquisa. Estas “viagens” constituíram-se como observações simples, registradas posteriormente no diário de campo. Complementarmente, assistimos alguns jogos onde os times entrevistados estavam participando.

2.3 Mas por que recordar o futebol amador?

O que se passou ali tem pouco registro em vídeo. Pelé é um ser de transição entre o futebol de rádio e o futebol da televisão, cujos teipes contribuíram para torná-lo o símbolo de alcance planetário que ele é. Mas, no que se tem para ver, falta a massa do dia-a-dia do futebol da Vila. Ali, aconteceu de tudo o que se pode e o que não se pode imaginar em matéria de criação futebolística. Como um fabuloso time que pôde jogar junto muito tempo, o que não acontece mais, a combinação dos talentos e da genialidade se decantou e quintessenciou fantasticamente (WISNIK, 2008, p.37)

As reflexões de pensadores como Pierre Bourdieu e Norbert Elias deram grande impulso a uma nova percepção do futebol e dos esportes de forma geral nos estudos das ciências humanas, provando a importância do entendimento deste fenômeno para a compreensão da realidade social. Os estudos do futebol, no entanto, ainda precisam

avancar no alcance das suas várias dimensões para além do que se passa no esporte de alto rendimento.

Assim, é importante refletirmos o significado da história e da memória do futebol no Brasil sem a consideração do futebol de várzea, como prática de fundamental importância para parte significativa da população. Como podem ser interpretados os diversos significados do futebol sem considerar suas vozes?

Para além da importância dos estudos sobre o futebol que vêm se desenvolvendo, a preservação da memória do futebol realizada por cronistas esportivos, colecionadores e os próprios clubes de futebol nos dão uma grande possibilidade de reconstrução e reflexão sobre a trajetória deste esporte no Brasil. Destacamos, porém, que dentro do percurso do trabalho histórico e de memória ao longo do século XX, vamos encontrar as vozes das elites, sejam econômicas, intelectuais ou de outra ordem, deixando pouco ou nenhum espaço à fala daqueles que constroem no dia-a-dia o futebol nos vários espaços das cidades.

A presença do futebol de várzea restrita aos estudos históricos da origem do futebol no Brasil ou da experiência de políticas públicas de esporte aponta-nos para alguns problemas: o risco de cairmos numa amnésia daqueles que não possuem os canais adequados para se expressar, uma limitação da memória coletiva, que como um construto social mediado entre as várias memórias individuais, está incompleta, restrita (MONTESPERELLI, 2004); além do que, desconsiderando estes sujeitos, suas equipes, suas práticas, não atinge longo alcance e distancia-se do objetivo - utópico - da memória e da história: a verdade. A decisão sobre o que recordar e o que esquecer é cada vez mais uma aposta nos conflitos entre distintas estratégias de legitimação. Neste sentido, segundo

Montesperelli (2004), *“a memória coletiva é o resultado nunca definitivamente adquirido, de conflitos e compromissos entre distintas escolhas de memória [...] Distintos grupos competem pela hegemonia sobre os discursos plausíveis e relevantes dentro da sociedade em seu conjunto”* (p.45-46).

Couceiro (2003), em seu estudo sobre os divertimentos públicos no Recife, baseado em documentos escritos, reflete:

Pela precariedade das fontes, muito pouco podemos detalhar acerca das elaborações e do imaginário de cidade construído por alguns desses grupos, ou pelo que Michel de Certeau chamou de “homem ordinário”. Os “homens comuns, personagens disseminadas, caminhanter inumeráveis... multidão de heróis quantificados que perderam nomes e rostos”, que passavam anônimos pelas ruas e praças reformadas para perambular, trabalhar, conversar, pedir esmolas ou descansar, pouco deixaram registrado sobre as suas representações da cidade, uma vez que sua principal prática de transmissão do conhecimento se fazia sobretudo por meio da oralidade, registro que se perde com mais facilidade no tempo. Se as representações mais fáceis de recuperar são aquelas que derivam de atitudes ligadas ao exercício do poder, mais difícil será a apreensão das contra-imagens construídas pelos usuários da cidade, retiradas em parte de tradições imemoriais, desejos não realizados ou metabolização e tradução dos valores impostos. (p.45-46)

Neste sentido, trazemos um primeiro limite (e desafio) que perpassou nosso estudo, quando nos defrontamos com a memória do futebol amador: ele é feito pelos homens comuns, que trabalham diariamente – formal ou informalmente – para sobreviver em condições básicas e não abrem mão da prática do futebol em seu tempo disponível. Com pouco acesso à escrita (ou mesmo à fotografia, ao vídeo, etc.) esses homens têm registrado em atas de fundação de times, algumas vezes retratos, recortes de jornais, troféus e muita oralidade, os acontecimentos cotidianos desse nosso objeto de estudo.

Objeto este que nos impõe limites e nos chama a atenção para as “tramas” da memória, sua sempre parcialidade e seletividade, assim como a influencia do presente nos relatos sobre o passado. Provoca-nos a interpretar as poucas fontes escritas e, principalmente, as falas daqueles que constroem o futebol amador cotidianamente, não com uma simples percepção linear dos fatos, mas desvelar o processo social, a teia de interdependências, o significado desta modalidade na realidade social.



CAPÍTULO III - OS FUTEBÓIS AMADORES DA CIDADE DO RECIFE

3.1 Ontem e hoje

Para iniciarmos nossa análise sobre o futebol amador é preciso antes situá-lo quanto ao seu momento na cidade do Recife, suas regularidades e particularidades. Como são poucos os trabalhos ligados a esse futebol ainda hoje – especialmente este que é o nosso objeto de estudo, situado entre o futebol profissional e a pelada – não será possível apontar diferenciações de outros lugares do país, mas apenas dentro da própria cidade do Recife, na diversidade de figurações que encontramos durante o trabalho de campo. Cabe também, aqui, realizar algumas explicações de termos e formas de organização que foram encontradas no decorrer desse estudo.

Historicamente, o futebol amador tem como seu ancestral mais próximo o futebol suburbano. Num tempo em que todo o futebol era amador, a sua divisão preponderante estava relacionada a critérios de *status* social. Da Liga Sportiva Pernambucana (LSP), criada em 1915 – mais tarde Liga Pernambucana de Desportos Terrestres (LPDT) -, só poderiam participar os times formados por indivíduos das elites ou que fossem aceitos por eles. Paralelamente, com a popularização do futebol, nos subúrbios da cidade do Recife, outros grupos se formavam culminando na criação da Associação Suburbana de Desportos Terrestres (ASDT), em 1929. Paralelamente à LPDT, a ASDT realizava seus próprios campeonatos, inclusive sendo um deles considerado o maior do

Brasil à época, com 38 clubes. Neste período em especial, quando não existia um futebol profissional, os campeonatos suburbanos roubavam a atenção. Segundo Alves (1978):

No ano seguinte [à fundação da ASDT], o futebol suburbano cresceu assustadoramente. A tal ponto que os campos da primeira divisão ficavam praticamente vazios, quando, no mesmo dia, se realizava um clássico suburbano. (...) Os jornais foram obrigados a criar uma página dedicada única e exclusivamente ao campeonato da ASDT. Pela força do seu bom futebol e das suas torcidas, alguns clubes terminaram ingressando na primeira divisão (p.150).

Essa incorporação à primeira divisão acontece em um momento já preliminar à profissionalização do futebol. Os suburbanos de destaque passaram a fazer parte do grupo que mais tarde corresponderia ao futebol profissional e os demais permaneceram nos arrabaldes da cidade formando o que hoje temos como futebol amador. A ASDT que tinha a idéia primeira de ser uma associação autônoma durou pouco tempo, subordinando-se à LPDT tempos depois. Infelizmente, os registros históricos do futebol recifense ainda são esparsos e por isso encontramos apenas algumas menções ao suburbano.

Com a profissionalização chegamos à delimitação mais comum de hoje: amador e profissional. Mas para emitir quaisquer opiniões ou análises sobre como se deu esse processo seria necessário um estudo mais aprofundado.

De lá para cá, do futebol suburbano para o futebol amador, com a incorporação da ASDT à LPDT - que mais tarde viria a se tornar a atual Federação Pernambucana de Futebol -, temos alguns relatos de campeonatos de bairro, ou promovidos por jornais e empresas, especificamente para times amadores. Apenas em anos mais recentes teremos notícias da organização de campeonatos pela Federação e pelo Poder Público voltado especificamente para o futebol amador.

Nos dias de hoje, de acordo com a nossa investigação, podemos dizer que a figuração do futebol amador recifense se organiza, num nível macro, a partir de três instâncias: Federação Pernambucana de Futebol (FPF), Prefeitura da Cidade do Recife (PCR) e localmente, nos próprios bairros.

Na primeira instância, a FPF, encontramos um setor específico para o futebol amador, responsável por sua organização na capital e no interior. Na capital, é organizado diretamente pela federação, no interior e região metropolitana, a partir de Ligas Municipais. Sendo nosso estudo na cidade do Recife, nos deteremos no Futebol Amador da Capital.

Este setor possui apenas uma pessoa atualmente, Romildo Correia, mais conhecido como Seu Roma, que está à frente do evento de referência desta instituição para o futebol amador: o Campeonato Futebol Amador da Capital. Este campeonato acontece todos os anos, entre os meses de setembro e novembro, e é dividido em primeira e segunda divisões. Segundo os relatos, no passado não existia um campeonato de futebol amador e sim a terceira divisão do profissional. A modificação parece ter sido realizada a partir da mudança do presidente da instituição.

As equipes que compõem atualmente este Campeonato são os times que hoje estão filiados à federação. Para ser filiado não existe um procedimento padronizado de seleção dos times, sendo preponderante a relação com os dirigentes da Federação de forma geral. Em se tornando filiado, o procedimento é semelhante ao profissional: organização do estatuto, registro em cartório, inscrição dos torcedores. As equipes não pagam nenhuma taxa à federação por serem filiadas.

As equipes filiadas, ou seja, aquelas que participaram do Campeonato de Futebol Amador 2008 são:

Tabela 3 – Clubes do Campeonato Futebol Amador da Capital 2008

1ª divisão	2ª divisão
Barcelona Futebol Clube	Caxangá Atlético Clube
Botafogo Sport Clube	Continental Futebol Clube
Centro Esportivo do Pina	Bacurau Futebol Clube
Palmeiras Futebol Clube de Boa Viagem	Odeon Futebol Clube
Escolinha Futebol Clube do Engenho do Meio	Criciúma Futebol Clube
Flamengo Clube do Jordão	Ideal Esporte Clube
Cacique Futebol Clube	
Futebol Clube Estrela	
Santos da Praia do Pina F. Clube	
Internacional Futebol Clube	

* Os times destacados são aqueles que foram pesquisados nesse estudo.

Fonte: www.fpf-pe.com.br

O Campeonato é todo organizado pela Federação. Para participar as equipes não pagam nenhuma taxa. Os custos de arbitragem são bancados pela federação, ficando

para os times a responsabilidade pelo transporte para os locais de jogo. Cada equipe recebe um conjunto de padrão completo antes de iniciar o campeonato com: camisa, calção, meião e chuteira. As camisas vêm com as cores e escudos de cada time. A faixa etária dos jogadores para participar do campeonato é até os 22 anos.

Além deste campeonato, existe também o Campeonato Infantil e Juvenil Aberto em que competem crianças e adolescentes tanto das categorias de base dos grandes clubes quanto dos clubes amadores.

Na segunda instância, a PCR, o órgão responsável pelo futebol amador – e pela política de esportes de uma forma geral – é a Autarquia Ginásio de Esportes Geraldo Magalhães, conhecido como Geraldão. Nele encontramos a Diretoria de Esporte Amador, que é subdividida em duas gerências: a gerência de Atividades Sistemáticas e a gerência de Esporte Comunitário. Esta última conta com três coordenadores e onze agentes de mobilização e articulação, sendo eles os responsáveis pela organização do evento que é referência para o futebol amador neste órgão: o Campeonato Futebol Participativo²⁶.

Este campeonato acontece desde 2003, anualmente, entre os meses de maio e novembro, e conta com competições nas categorias: sub-15, sub 17, aberto, veterano e feminino. É dividido em duas etapas: uma nas regiões político-administrativas (RPAs) da cidade do Recife e a outra com os quatro melhores colocados de cada RPA, a chamada Copa dos Campeões.

²⁶ Este campeonato consiste num projeto do governo municipal da gestão do Prefeito João Paulo (2001 – 2008). Segundo os relatos, em governos anteriores existiu um campeonato chamado Peladão, de muito destaque na cidade. Muitos dos nossos entrevistados consideram este campeonato semelhante ao Futebol Participativo. Não encontramos, entretanto, um estudo sistematizado que pudesse nos apontar as diferenças e semelhanças entre esses campeonatos.

O Campeonato Futebol Participativo é aberto a todas as equipes que quiserem participar tendo como pré-requisitos apenas as condições mínimas para jogo (padronização, quantidade de jogadores, fichas de inscrição etc.). Possui uma média de 600 equipes – em todas as categorias – participando do campeonato anualmente, num total aproximado de 18 mil pessoas envolvidas.

O Campeonato é organizado conjuntamente com as equipes, com a realização de reuniões nas regiões do campeonato, baseadas nas RPAs e nas micro-regiões. Nestas reuniões são discutidos o regulamento da competição e seu funcionamento. Os campos são os dos bairros ou clubes da comunidade, cedidos sem custo para a realização do Campeonato. Os custos de arbitragem são bancados pela autarquia, assim como os custos de transporte quando da Copa dos Campeões.

Na terceira instância, os próprios bairros, a organização fica a cargo dos próprios clubes e equipes ou de lideranças esportivas. São organizados torneios e campeonatos, com rateamento dos custos pela arbitragem e outras despesas entre as equipes participantes. Segundo os relatos, não há uma periodicidade desses campeonatos, e sim bairros que tradicionalmente os realizam, tais como: Torre, Ibura, Casa Amarela e Macaxeira.

Num outro nível, interno às equipes, encontraremos uma organização em torno de categorias, semelhante ao que acontece no futebol profissional, mas com algumas especificidades. As categorias são:

- o Mirim ou infantil – vai até os 15 anos. Semelhante às categorias de base dos clubes profissionais, é tratada como a escolinha do clube.

- o Juvenil – vai até os 18 anos ou 22 anos. Mistura-se muitas vezes com o chamado juniores, que é o semi-profissional nos grandes clubes.
- o Aberto ou adulto – também chamada de titular, varia em cada clube da participação em campeonatos, já que o Campeonato Futebol Amador da Capital aceita jogadores apenas até 22 anos. Em geral, são equipes a partir dos 18 anos até os 35.
- o Veterano – é um grupo específico para aqueles que “já passaram da idade”, no que seria o ideal do futebol profissional. Pode ser subdividido em outras categorias de acordo com as faixas etárias, que delimitam geralmente a idade mínima: trinta e cinco, quarentão, cinquentão, sessenta anos.

O que precisamos ressaltar nesta organização interna é a condição das categorias infantil, juvenil e veterano. São elas as que, sob o nosso olhar, possuem responsabilidade mais fortes nas relações de interdependência entre o futebol amador e o futebol profissional, em sentidos que se cruzam e que estão relacionados tanto ao processo de desenvolvimento do futebol, quanto à manutenção da paixão pelo futebol – a qual parece estar sob responsabilidade nos dias atuais do futebol amador, de várzea.

Além das categorias de organização interna, entre essas equipes e clubes que fazem parte deste contexto geral do futebol amador recifense, vamos encontrar características que nos possibilitam agrupá-las em torno de duas figurações principais, as quais denominaremos: clube e time organizado.

⚽ Os clubes

Os clubes são figurações que pela sua constituição histórica levam um pouco mais de tempo para sofrer alterações, geralmente possuindo uma estrutura física diferenciada, com sede e campos próprios. Dentro da escala que apresentamos anteriormente, eles estariam situados nas proximidades do profissionalismo. Sua organização se inspira nos clubes futebolísticos tradicionais, tanto no aspecto administrativo (registro em cartório, estatuto, eleição de um corpo de dirigentes, associados, estrutura física), quanto no aspecto social (distância entre o corpo de dirigentes e o corpo de jogadores e torcedores). Apesar da diferença ser gritante se pensarmos nos clubes profissionais mais desenvolvidos, ela diminui diante dos clubes de segunda divisão. Baseada num certo *status* que permeia a idéia do clube, alguns grupos se mantêm porque são considerados tradicionais, ou “clubes de tradição. A referência do clube é respalda pelo seu tempo de existência e o número de vitórias acumulado durante este percurso. Assim, mesmo não participando das principais competições do time adulto – considerada, ainda, a categoria principal – sua imagem de clube de tradição se mantêm pela sua história e pelas relações que estabelece no *campo* futebolístico²⁷.

⚽ Os times organizados

Os times organizados são figurações mais flexíveis e mutáveis. Dentro daquela escala apresentada antes, eles estariam situados nas proximidades da pelada, no centro do amadorismo, no extremo direito dos jogos fechados. Sua organização distancia-se dos

²⁷ Não utilizaremos aqui a idéia de *campo* futebolístico amador, devido a poucas informações da realidade que indiquem o grau de autonomia necessário para considerarmos como *campo*, no entendimento bourdesiano do termo.

clubes propriamente ditos, mas sua organização na área futebolística seja seu ponto de destaque (padronização, organização do time, participação em competições). No aspecto administrativo (registro em cartório, estatuto, eleição de um corpo de dirigentes, associados, estrutura física) tem pouco capital acumulado; no aspecto social, caracteriza-se pela proximidade maior entre jogadores, dirigentes (ou por vezes o “treinador” ou o “responsável” pelo time) e torcedores. Em geral, são grupos novos, que não dispõem de estrutura física própria como campo e sede – esta por vezes na casa de um dos componentes, em bares de amigos -, mas que mantém um certo *status* pelo seu desenvolvimento em campo, presença e vitória nas competições. Mantém proximidade da pelada, mas sua distinção reside no padrão de organização da equipe, que é mais rígido e aproximado dos clubes e seu envolvimento permanente em competições.

Estas duas figurações se misturam na realidade social, formando os diversos grupos de indivíduos do futebol amador. Elas devem ser consideradas a partir da mutabilidade, propriedade característica das figurações sociais, como afirma Elias (2005). Sendo assim, os dois consistem em variações de grupos organizados para a prática do futebol amador e sua maior ou menor presença na realidade social está ligada às condições histórico-sociais. Os clubes como figurações mais ligadas ao passado e os times organizados como figurações mais ligadas ao presente.

Pensando a teia de relações interdependentes, com auxílio do conceito bourdiesiano de *campo*, ambas as figurações – clube e times organizados – disputam o capital deste *campo*. O que teremos, porém, é cada vez mais a presença de times organizados graças às condições dadas na sociedade contemporânea, tanto no que diz respeito ao espaço, quanto às novas relações que emergem entre os indivíduos no singular

e os indivíduos no plural (as instituições como GEGM e FPF, os clubes, os times organizados, entre outras).

3.2 Quem somos

A análise empreendida neste trabalho parte de uma figuração específica que se forma entre grupos que nas suas relações formam o que denominamos de futebol amador. Dito isso, achamos importante apresentar aqueles clubes que o constroem cotidianamente e que foram aqui pesquisados. As equipes investigadas mesclam-se entre as figurações apresentadas anteriormente de “clubes” e “times organizados”. Traremos aqui um resumo com algumas informações principais sobre cada equipe.

- ⚽ O Barcelona Futebol Clube, ou Barcelona do Jordão, como é mais conhecido, é um time situado no bairro do Jardim Jordão, na cidade de Jaboatão (por ser na divisa entre Recife e Jaboatão, a equipe tem referência como sendo de Recife). Surge a partir de uma pelada de amigos, em 1971, que vai se organizando, até ser registrada em 1979 e em 1990, aproximadamente, se filia à federação. Segundo Maurício, o atual responsável pela divulgação do clube, o nome surge por causa de um cachorrinho pequinês, chamado bacé, mascote da equipe e presença permanente nos desfiles do time. O clube surge dentro de um família de vários irmãos e assim permanece até hoje. Curiosamente, nossa entrevista com esta equipe terminou contando com vários participantes, todos parentes, que mantêm

relação direta (treinador, dirigente etc) ou indireta (escola, igreja do bairro etc). O clube possui sede e campos próprios. A primeira foi comprada a partir da organização de seus dirigentes com rifas, bingos, ajuda de políticos e comerciantes (prêmios para o bingo); o segundo, trata-se de um dos poucos terrenos que sobraram de uma série de campos que existiam no bairro e agora são construções comerciais. Possui as equipes: infantil, juvenil, titular (aberto ou adulto), trinta e cinco anos, quarentão e cinquentão. Participa de diversos torneios, incluindo o Futebol Participativo e o Futebol Amador da Capital. Mantém-se através de rifas, cotas e um apoio não sistemático da Frevo – empresa de refrigerantes.

- ⚽ Centro Esportivo do Pina – como o próprio nome já diz, localiza-se no bairro do Pina. Surgiu a partir da dissidência de um time do Pina, em 1934. Por causa da distância temporal é difícil saber mais detalhes sobre sua origem. Possui sede e campo próprios, ambos no mesmo local – entre a Ponte do Pina e o Atacado da Construção - desde 1988. Antes disso, localizavam-se na comunidade de Brasília Teimosa (também bairro do Pina). Com a solicitação da Prefeitura do Recife para construção de moradias, o clube se mudou para este novo espaço onde está até o momento. Possui as equipes infantil, juvenil e os times de veteranos: trinta, quarenta, cinquenta e sessenta anos – este último apenas em festas. Já participou de vários torneios, principalmente do bairro. Atualmente participa do Campeonato Futebol Amador da Capital e organiza campeonatos da categoria de veteranos. Mantém-se a partir do aluguel do campo para jogos, aluguel do outdoor existente no local e ajuda dos dirigentes.

⚽ Santos Futebol Clube – esta equipe se situa no bairro do Pina. Pode ser considerado um time “repassado”, pois após a morte do seu responsável, a estrutura da equipe passou para a responsabilidade de Dílson, um treinador da comunidade. Segundo ele, o clube surgiu no final dos anos 1990, desfazendo-se 11 anos depois devido à morte do responsável pelo time. Por indicação da Federação, foi assumido por ele em 2006, que procura dar continuidade ao trabalho. No momento, é constituído apenas por ele e os jogadores. Não possui sede e campos próprios, realizando treinamentos no campo do Centro Esportivo do Pina. Possui a equipe juvenil. Participa do Campeonato Futebol Amador da Capital. Mantém-se com cotas entre o treinador e os jogadores.

⚽ Grêmio Recreativo Real, ou Real da Mustardinha como é mais conhecido, situa-se no bairro da Mustardinha. Surgiu em 1966 a partir de uma pelada de amigos que foi progressivamente se organizando. Seu nome tem origem durante uma conversa, quando a equipe avistou um avião passando. Nele estava escrito a palavra Real, nome que despertou o interesse do grupo e passou a denominar a equipe. Durante sua história, possuiu apoio de várias pessoas e organizou-se não apenas como clube futebolístico, mas como clube de lazer, com realização de festas, participação em desfiles de escolas, organização de bloco de carnaval, entre outros. Possui um laço forte com a comunidade, fazendo-o se tornar referência por toda a cidade. Não realiza treinos periódicos, organiza times quando da proximidade de competições. Possui sede própria, comprada a partir de cotas, realização de festas,

rifas, entre outros, mas não possui campo. Possui atualmente equipe de juvenil, quarentão e cinquentão. Participa de vários torneios, incluindo o Campeonato Futebol Participativo. Mantém-se através de cotas entre os dirigentes, bingos e festas.

- ⚽ 10 de Novembro de Tejipió, como é conhecido o clube, situa-se no bairro do Totó. Surgiu em 1945, a partir de uma turma de amigos que se reuniram na antiga Rua 10 de Novembro – de onde provém o nome do clube -, e que hoje tem outro nome. Possui sede e campos próprios, localizados no mesmo local e conhecido como Boca da Mata, por ser próximo a um matagal, mas que hoje não existe mais. Sua estrutura, dentre todos os clubes pesquisados, é a que mais se assemelha a um clube profissional. Durante nossa entrevista tivemos a presença de um dirigente e do treinador da equipe infantil e juvenil. Possui as categorias infantil, juvenil e veterano (composto por aqueles que jogaram no time de adultos anteriormente). Participa de torneios, inclusive o Campeonato Futebol Participativo. Mantém-se através do aluguel do campo para peladas, da área social para eventos, realização de serestas, colaboração dos dirigentes e da organização para assistir jogos do brasileiro (antena da Sky).

- ⚽ Cacique Futebol Clube – situa-se no bairro do Cordeiro. Surgiu em 1946, a partir de um grupo de amigos, entre eles muitos empresários, já surgindo com uma boa organização. Tem origem do nome Sapucaji, passando a se chamar Cacique quando da necessidade de registrar o time. Teve mudança na direção do time

recentemente, devido ao falecimento do presidente – com isso se destaca uma intenção por parte dos novos dirigentes de mudar a relação do clube com a comunidade e com as instâncias do futebol amador. Possui sede e campos próprios, situados no mesmo local, separados apenas por uma rua estreita. Possui as equipes aberto, juvenil e sub-15. Participa do Campeonato Futebol Amador da Capital. Mantém-se através do aluguel do campo para peladas e contribuição dos sócios do clube.

⚽ Botafogo Futebol Clube, ou Botafogo do Barro, como é mais conhecido. Localiza-se no bairro do Barro. Fundado em 1932, com o nome de São Paulo, teve que disputar o nome em jogo com outra equipe de mesmo nome. Com a perda da disputa em meados dos anos 1940, modificou para Botafogo devido a suas cores preto e branco. É considerado o time mais antigo da cidade. Ao longo de sua trajetória, nunca teve campo próprio, jogando no campo da comunidade. No passado teve sede, mas atualmente esta está na casa do responsável pela equipe, Nelson. Possui a equipe de amador. Participa do Campeonato Futebol Amador da Capital. Mantém-se por cotas e pelo dinheiro dos dirigentes.

⚽ Floresta – situa-se no bairro do Barro. Surgiu em 1956 a partir de um grupo de amigos da Rua Floresta que se reuniam para jogar. Chegou a tentar trocar o nome do bairro de Barro para Floresta, sem sucesso, modificando o próprio nome da rua que hoje se chama Araçaji. Passou um bom tempo parado, depois que a sede foi vendida à Prefeitura pelo último presidente que comprou os títulos dos sócios.

Possui campo e atualmente tem como sede um bar e para os jogadores trocarem de roupa utiliza a Associação de Moradores do Barro. Possui a equipe do aberto. Não disputava torneios, apenas amistosos, até iniciar sua participação no Campeonato Futebol Participativo em 2005. Mantém-se de cotas e ajuda da comunidade.

- ⚽ Ramezzoni de Santo Amaro – situa-se no bairro de Santo Amaro. Surge a partir de um grupo de amigos, com apoio da fábrica de chapéus Ramezzoni, separando-se dela em 1978. A equipe é composta principalmente por jogadores ex-profissionais. Não possui sede e campo próprios, treinando principalmente no Campo do Onze, em Santo Amaro. Possui as equipes: mirim, infantil, juvenil (estas são os filhos e netos das categorias adultas), cinquentão (a equipe vai mudando de faixa etária de acordo com o grupo de jogadores; iniciou com o grupo de 35 anos). Participa de campeonatos de bairro e já participou do Campeonato Futebol Participativo. Mantem-se através de cota – cada um dá R\$10,00.

Estes foram os clubes pesquisados neste estudo. Juntos eles formam, a partir das suas relações, uma das figurações que hoje constituem o *campo* futebolístico e é a partir dela que buscaremos perceber as relações de interdependência entre os futebolis amador e profissional na cidade do Recife.

3.3 Rede de contatos e relações

Partindo do embasamento teórico deste trabalho no conceito de figurações sociais, buscamos identificar o mais próximo possível uma parte da figuração social que

forma o futebol amador hoje. Procuramos fazer isso a partir da construção de uma rede de contatos durante a investigação com as equipes anteriormente descritas.

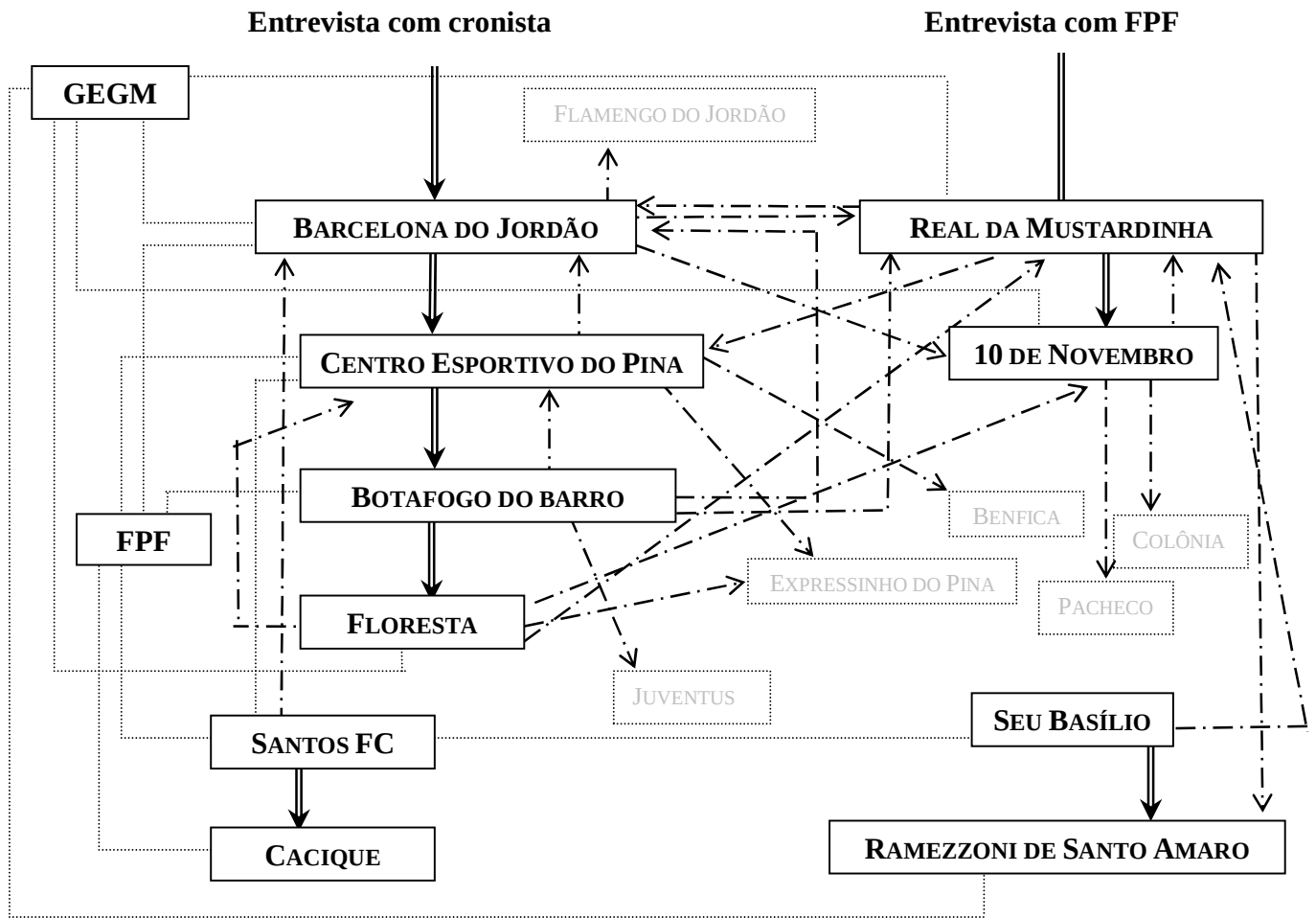
Vejamos a definição de figuração segundo Elias (2005), a partir da analogia com um jogo de futebol.

Tomando como exemplo o futebol, podemos ver que uma configuração é uma estrutura de jogo que pode ter uma hierarquia de várias relações de “eu” e “ele”, “nós” ou “eles”. Torna-se evidente que dois grupos de adversários, que têm entre si uma relação de “nós” e de “eles”, formam uma configuração singular. Só podemos compreender o fluxo constante do agrupamento dos jogadores de um dos lados, se virmos que o grupo de jogadores do outro lado também está num fluxo constante. Se se pretende que os espectadores compreendam e gostem do jogo, terão que estar aptos a compreender o modo como estão relacionadas as disposições mutáveis de cada lado – para seguir a configuração fluida de cada uma das equipas (p.142).

Neste estudo, nós somos os espectadores que precisamos conhecer como estão relacionadas as várias disposições mutáveis que formam o futebol amador. A diferença, é que num nível mais estrutural – que Elias (2005) enfatiza que não deve deixar de ser compreendida como uma formação de indivíduos – a mutabilidade se apresenta num padrão de tempo diferenciado. E é a partir das várias relações exemplificadas pelo autor – “eu” e “ele”, “nós” ou “eles” – que daremos início a nossa análise.

A partir das descrições apresentadas no tópico anterior, situaremos as equipes na rede de contatos. Nela, poderemos perceber como se dá a teia de relações entre estes times e com as instituições principais do futebol amador. A indicação por parte de um time, a partir da rivalidade ou da amizade, expressa reconhecimento quanto à organização da equipe. Em nenhum momento, durante a pesquisa, recebemos uma indicação que não fosse fruto de um acúmulo da equipe: seja de tempo ou de vitórias em campo.

Ilustração 2 - Rede de Contatos



..... Relação identificada por mim no estudo

⇓ Relação de indicação para entrevista

-----> Indicações durante a entrevista

Fonte: Elaborado pela autora deste trabalho

Os motivos para a indicação surgiram durante a conversa, falando de organização, de destaque, de amizade, dando um exemplo, ou, em último caso, pelo pedido da pesquisadora.

O primeiro momento em nossa investigação buscou analisar a rede de contatos construída durante o trabalho de campo com as equipes, a partir de suas lideranças de times, de forma que nos permitisse perceber as principais relações que se dão na dinâmica da figuração do futebol amador recifense atual. Solicitando a indicação de outras equipes, ou apenas explorando um comentário espontâneo durante a entrevista, foi possível identificar algumas dessas relações. Entre as principais, destacamos:

1. Rivalidade
2. Respeito ao tempo / tradição
3. Admiração pelo bom desempenho nos campeonatos
4. Amizade

Nenhuma delas aparece desconectada das outras; há aqui um sentido de predominância. É importante ressaltar que as relações tratadas aqui são aquelas que se dão entre os grupos a partir do ponto de vista dos dirigentes e/ou responsáveis pelos clubes amadores.

Segundo Elias (2005), ao exemplificar o conceito de configuração a partir de quatro indivíduos num jogo de cartas, *“a interdependência dos jogadores, que é uma condição prévia para que formem uma configuração, pode ser uma interdependência de aliados ou de adversários”* (p.143). Em nossa investigação, sob um nível de análise mais estrutural, prevaleceram nas relações interdependências de aliados. Às indicações e às menções aos clubes no estudo subjaz a idéia de algum tipo de parceria, pois os comentários eram sempre favoráveis. Existiu uma tendência nas entrevistas a valorizar os clubes parceiros e a não mencionar aqueles com os quais houvesse algum tipo de relação desagradável. Mesmo provocadas, as lideranças preferiram evitar fazer comentários sobre

equipes com uma relação pouca amistosa. Assim, mesmo que durante um jogo estas equipes tenham sido adversárias, no contexto mais geral delas, no momento do estudo, apresentaram relações de aliadas. Isto nos remete diretamente à primeira relação: a rivalidade.

Esta relação é considerada como parte inerente ao futebol existindo na realidade em duas formas: uma rivalidade sadia e uma “outra” rivalidade – que seria “não sadia”. A rivalidade sadia está relacionada à rivalidade em campo, à disputa entre as equipes, à vontade de ganhar, e a uma “violência permitida” – que seriam ações como xingamentos, gritos, e discussões durante o momento de jogo. A “outra” rivalidade está ligada a uma “violência não permitida”, que extrapola os limites do que é considerado sadio. Esta está diretamente relacionada a atitudes de violência física como agressões e brigas.

Segundo os dirigentes, a rivalidade é mais forte entre os times do mesmo bairro, que disputariam o reconhecimento da mesma comunidade. Pudemos perceber que isso é mais forte naqueles clubes que têm uma relação com a comunidade fortalecida, que se legitimam no meio futebolístico não só pelo seu desempenho em jogo, mas pela sua popularidade, pela sua capacidade de mobilização. Já em clubes em que a relação com a comunidade é pequena, ou nula, a relação com times do mesmo bairro é menos tensa. Também foi possível perceber que a priorização de diferentes espaços de competição (por exemplo, o Campeonato da Federação, em detrimento do Campeonato da Prefeitura) também surge como um elemento apaziguador da rivalidade. Assim, por exemplo, o Botafogo e o Floresta que fazem parte do mesmo bairro e disputam campeonatos

diferentes tendem a possuir menos rivalidade do que o Real da Mustardinha e outros times da mesma região que disputam o Campeonato Futebol Participativo.

A segunda relação a ser destacada é o respeito ao tempo de existência e à tradição. Ela aparece principalmente nos times que possuem mais tempo de existência, como uma marca importante principalmente ao considerar a rotatividade²⁸ de times do futebol amador. Manter um clube amador está presente em todas as falas como algo difícil e que exige muito trabalho e sacrifício. Assim, ter um clube com 60, 70 anos de existência é considerado por si só uma grande vitória e um elemento de reconhecimento.

A terceira, a admiração pelo bom desempenho nos campeonatos, é parte do futebol de forma geral e esteve presente permanentemente nesse estudo, agregado a outras relações. Aqueles times que se mantêm entre os primeiros colocados nas competições são reconhecidos por isso. Esse reconhecimento ultrapassa a relação temporal. Assim, aqueles clubes que foram campeões ou estiveram entre os primeiros colocados nas competições durante um período de tempo são considerados por isso; quanto maior este tempo, mais reconhecimento. A proximidade temporal é um fator importante, mas a partir de nossa investigação não é possível precisar até quantos anos de distância isso é considerado. Temos o exemplo do clube 10 de Novembro que não disputa a categoria adulto desde 2006, mas é lembrado pelos seus destaques de outrora.

A quarta é a amizade. A relação amigável entre duas equipes – principalmente na relação entre seus dirigentes – parece estabelecer um padrão de reconhecimento, tendo

²⁸ Esta rotatividade está principalmente relacionada à morte do responsável, de forma mais forte no caso dos times que se organizam com um dono e não com um corpo de dirigentes – ainda assim podendo ser repassado como no caso do Santos F. C.. No caso daqueles que se organizam por dirigentes e têm uma estrutura física construída, eles tendem a se desfazer quando os dirigentes perdem o interesse e permitem que seja desfeito. Contudo, se tiverem marcado a história da comunidade, podem ser retomados mais tarde como no exemplo do Floresta. Um time extinto indicado na rede é o Expressinho do Pina.

em vista que esta de forma geral é uma relação muito enfatizada no futebol amador e que tem estreita relação com o surgimento das equipes e sua manutenção. A amizade é parte da rivalidade sadia que vimos anteriormente. Com ela garante-se o limite permitido de violência durante o jogo e as celebrações posteriores, as quais algumas vezes – principalmente nos amistosos – são realizadas em conjunto. Além disso, a amizade é responsável pelo aumento da teia de relações que cada equipe desenvolve, ampliando a atuação das equipes, que extrapola os limites territoriais do bairro, muitas vezes das cidades e até mesmo do Estado.

Além destas quatro relações que integram a figuração do futebol amador, ressaltamos aqui as equipes do Real da Mustardinha e do Barcelona do Jordão como as mais mencionadas, evidenciando o reconhecimento que existe na atualidade do *campo* futebolístico para com esses times.

3.4 Futebol Amador: definição e importância

Um segundo momento de nosso trabalho é relativo à apresentação e à análise dos olhares sobre o futebol amador, de como esta figuração social é percebida a partir de diferentes perspectivas exprimindo possíveis significados e sua importância para a cidade de Recife.

Estes dois pontos serão evidenciados de forma separada. Os significados a partir de como nossos informantes definem o futebol amador e a importância a partir do valor que este futebol tem para a cidade do Recife.

3.4.1 *Um olhar externo: o celeiro, o pastiche e a alegria*

Iniciaremos com a reflexão feita pelos cronistas. Ela é bastante diversificada permitindo uma interessante análise a partir de diferentes focos. Uma primeira definição a ser destacada é a descritiva e direta, que pôde ser encontrada na definição de Lucídio Oliveira:

O futebol de várzea é o futebol do subúrbio, reunindo em competições amistosas times de um mesmo bairro ou de bairros vizinhos. Não deve ser confundido com as peladas suburbanas de fim de semana. É um futebol que obedece a uma determinada organização, praticado com as mesmas regras do “foot-ball association”. Campo marcado com as linhas da cal, com juiz e bandeirinha (entrevista da pesquisa).

Sua definição nos mostra que, mesmo para aqueles que não estão cotidianamente lidando com o futebol amador, existe uma diferenciação quanto à organização deste futebol, a qual é destacada nos estudos de Damo (2007) e sob a qual nós delimitamos nosso objeto de estudo. Além disso, a questão de uma organização predominantemente local e que busca seguir o mais próximo possível às regras da FIFA são elementos marcantes que se destacam como característica deste futebol por parte de quem o observa.

Outras definições seguem um entendimento comum quando falamos de futebol amador. A primeira está relacionada ao descobrimento e fornecimento de jogadores para o futebol profissional. Presente em algumas falas, ela reafirma a idéia deste futebol como “celeiro de craques”. Esta idéia acompanha o futebol brasileiro durante toda sua história e está ligado às grandes conquistas de futebolistas – trabalhadores e negros - que vieram dos

subúrbios de todo o Brasil. Nomes como Pelé, Garrincha, entre outros, são marcas do futebol brasileiro e dão ao futebol amador um *status* que o aproxima historicamente do futebol profissional. Este elemento, porém, vem sofrendo modificações na medida em que estes futebolistas se distanciam, como já previa Bourdieu (1990a) quando nos indicou um afastamento progressivo entre amadores e profissionais nas práticas esportivas.

Uma segunda definição entende o futebol de várzea como uma prática de lazer – entre tantas outras - para ocupação do tempo e com isso prevenção da marginalidade, principalmente entre crianças e jovens dos subúrbios. Diretamente ligada a esta definição está uma terceira, que entende o futebol de várzea como um mecanismo de ascensão social não planejado e que ajuda a prevenir a criminalidade. Ambas parecem emergir de uma preocupação do momento histórico atual da cidade do Recife que é a violência, creditando à desigualdade social a causa principal para este problema. Juntas, essas três definições apontam as tarefas e/ou funções que o futebol amador tem como fenômeno social. Se no passado era o discurso da saúde que justificava a presença do futebol nas cidades, como nos mostra Pereira (2000) – quando ele ainda era no seu todo uma prática amadora –, agora é a prevenção da criminalidade e a possibilidade de ascender socialmente que legitimam sua existência.

Uma quarta definição que encontramos está ligada à alegria e ao prazer do jogo de futebol, junto com a idéia de sonho. Mais associada às crianças, enfatiza o elemento lúdico do jogo e sua função idealizadora na relação com o sonho que acompanha o menino de “se tornar profissional”.

Uma última definição presente é a de pastiche. O termo pastiche (ou pasticho), geralmente utilizado para obras artísticas, significa uma imitação grosseira. Aqui, o

futebol amador é percebido como uma imitação do futebol profissional, que com menos estrutura, de forma precária, busca se aproximar de sua organização. Esta idéia surge de uma reflexão mais ampla, realizada pelo cronista Álvaro Filho durante nossa entrevista.

Eu tenho uma versão fantasiosa sobre o futebol de várzea e uma versão concreta, uma versão mitológica e uma versão real sobre o futebol de várzea. Então quando eu ouço a palavra futebol de várzea vem à cabeça um local idílico, onde as crianças começam a treinar futebol livre de algumas amarras, amarras táticas, técnicas e até mesmo de regras.

(...) o futebol de várzea na minha vertente fantasiosa, ele nunca vai querer ser o profissional; na amadora, o sonho dela é ser o profissional; a amadora é um simulacro.

A reflexão realizada pelo cronista é interessante para percebermos duas idéias que se polarizam na realidade social do futebol amador: de um lado, o nostálgico futebol que guarda a essência lúdica e apaixonante deste esporte, e que se realiza unicamente pelo amor a esta prática; de outro, o futebol menor, técnica e esteticamente inferior, que por não conseguir ser profissional se contenta com a função de revelar jogadores para os times profissionais. Tanto uma como outra fazem parte deste fenômeno que é o futebol amador, não como algo estático, mas na dinamicidade da sua construção cotidiana, entrecruzando-se nas várias figurações que os indivíduos constroem.

A importância deste futebol para a cidade no entendimento dos cronistas segue as funções apontadas anteriormente, diferenciando-se apenas “a molecagem”, a influência desta prática no considerado “estilo do futebol brasileiro”. Este elemento “a mais”, que percorre a história do futebol brasileiro, principalmente quando do chamado “futebol-arte”, seria de responsabilidade das peladas e jogos da várzea, não podendo ser ensinadas nas escolinhas esportivas dos clubes.

3.4.2 Olhares institucionais – o prazer e a pobreza

As reflexões feitas em torno deste tipo de futebol a partir das entrevistas com os responsáveis institucionais pela organização desta prática na cidade não se afastam muito dos olhares dos cronistas.

No caso da Federação, as funções de “celeiro de craques” e de uma assistência aos mais pobres, com possibilidade de prevenir a marginalidade são os argumentos centrais.

Como entidade do sistema FIFA e oficialmente responsável pelo desenvolvimento do futebol no estado, a vinculação com o futebol profissional parece ser inevitável. Neste sentido, o futebol amador funciona como um espaço de revelação de jogadores para os clubes grandes, já que eles são os mantenedores de toda a estrutura do *campo* futebolístico. A assistência aos mais pobres destaca a precariedade existente no espaço onde o futebol amador se realiza, tanto por parte da estrutura física quanto pela condição de quem pratica. É importante, porém, que isto não seja encarado de forma homogênea.

No caso do Geraldão encontramos aqui também idéias aproximadas. Uma explicação mais descritiva situando o campo de várzea como o espaço de prática e apontando a precariedade dele, precede o argumento da melhoria da qualidade de vida das pessoas e conseqüentemente, um combate à ociosidade que previne práticas consideradas não-salutares como a bebida e o fumo.

Também é destacado o caráter de “essência do futebol”, guardando dentro de si o prazer do jogo e da liberdade de criar, argumentos que são confrontados diretamente

com a realidade do futebol profissional atual. Este, visto na atualidade como uma mera questão de negócios, que desapropria o futebol da “paixão”. Ainda que o prazer do jogo seja admitido como possível na prática de rendimento, a questão financeira é considerada predominante.

A importância deste futebol para as entidades é que apontam diferenciações em relação aos olhares dos cronistas. Para a FPF, o futebol amador não é uma obrigatoriedade, é uma opção e será atendido de acordo com a percepção do dirigente que estiver à frente desta entidade. Sua obrigação legítima estaria ligada ao futebol profissional. Com isso, mesmo que entendido de forma diferenciada, o futebol amador permanece atrelado ao futebol profissional. A função de celeiro parece óbvia e sem a qual o futebol amador perderia um certo *status*. Já para o GEGM, o futebol amador é encarado como uma obrigação, na medida em que esta entidade entende que o esporte e o lazer são direitos constitucionais e devem ser garantidos pelo poder público a toda a população. Com isso, o futebol amador é encarado como uma das práticas que possibilitam esse acesso ampliado. Um ponto interessante, é o fato dessa autarquia procurar desvincular o futebol de várzea do futebol profissional, entendendo o primeiro numa perspectiva de lazer. A questão da revelação de jogadores é entendida como um fato possível de acontecer, mas que não está presente no objetivo do trabalho desenvolvido pelo órgão.

Esse caráter do campeonato é reforçado na fala de Rogério Petersburgo, do Ramezzoni:

Agora tem o futebol participativo, mas antigamente o futebol de várzea era o começo para a vida profissional. (...) Colocavam três olheiros e tiravam jogadores pro profissional. Agora não se preocupa de olhar uma pelada (...) Agora é mais diversão. Jogar

pelada e saber que tem duas grades de cerveja depois (Ramezzoni de Santo Amaro).

A fala de Rogério indica uma mudança de sentido na percepção sobre o futebol de várzea, de um espaço predominantemente encarado como etapa para o futebol profissional, para um espaço de vivência de uma atividade prazerosa.

É possível perceber essa diferenciação também a partir dos campeonatos desenvolvidos pelas duas entidades. Um exemplo está na faixa etária. No Campeonato Futebol Amador da Capital a idade limite estipulada para um jogador participar é de 22 anos. Essa idade consiste numa média aproximada de até quantos anos um jogador da várzea pode conseguir ter acesso, caso se destaque, a um clube de futebol profissional. No campeonato Futebol Participativo existe uma amplitude maior pelo atendimento às diversas categorias, atendendo desde crianças (sub-15) até idosos (veterano).

3.4.3 Olhares de quem faz – um celeiro de amizades

Apresentamos agora as definições de futebol amador e sua importância para a cidade pelo olhar daqueles que o fazem, representados pelas lideranças de time que entrevistamos. Elas apresentaram semelhanças com algumas das definições tratadas até aqui, mas também uma diferença importante. Esta consiste num entendimento diferenciado entre o que é o futebol amador e sua importância. Diferente do que vimos até aqui, em que definição e importância se mesclaram com pouca distinção entre “o que é” e

“para que serve”, na fala daqueles que fazem, há uma diferença que nos parece importante destacar aqui.

Quando pensamos o significado deste futebol, uma primeira definição que emerge é a relação com o espaço de prática, sendo uma definição mais descritiva: futebol amador é aquele formado pelas equipes que jogam no subúrbio. Esta definição merece destaque na medida em que durante todo o estudo o subúrbio apareceu como o endereço do futebol amador. Este local remete necessariamente à precariedade estrutural desta prática apontada por Damo (2007) na matriz comunitária e evidenciada por todos os entrevistados. Esta condição fortalece e embasa, numa relação mais complexa que a de causa ou efeito, outro significado: o amor.

O amor pela prática é uma questão que emerge a partir do sentimento que envolve esta prática e de sua realização sem interesses financeiros.

É o futebol do coração, do amador; só faz por amor, ninguém faz por interesse (...) Você sai de casa pra vir jogar, gasta dinheiro, volta pra casa, briga com a namorada ou esposa. Você não está fazendo por dinheiro, está fazendo por amor. (Antônio Pereira, entrevista da pesquisa)

Neste argumento fica evidenciada a idéia de esforço, sacrifício para manutenção dessa prática, através de atitudes como brigar com a namorada/esposa, economizar no remédio para comprar material, entre outras situações que são dadas como exemplo para demonstrar o empenho necessário para se manter neste espaço social do *campo* futebolístico.

O amor pela prática parece ser reforçado pela falta material, mas sem estabelecer uma relação determinante, de causa ou efeito. A dificuldade estrutural aparece para nós como uma das demonstrações do que é capaz de se submeter aquele que ama.

Uma outra definição trazida é a amizade. Esta se relaciona à possibilidade de conhecer outras pessoas, não só no bairro como em outras cidades e tem relação direta com a festa.

futebol de várzea é isso, é amizade, a gente faz um tira-gosto; termina, é aquela festa, que ganha ou que perca, independente do resultado (Elias Gonçalves, entrevista da pesquisa).

A festa é um dos momentos que não podem faltar no futebol amador, sendo por vezes a mais esperada. Tanto no jogo como na festa, a interação social e a construção de uma rede de sociabilidade são importantes e se relacionam diretamente a um outro significado: a busca da emoção.

Também está presente em nosso estudo a emoção como um dos elementos definidores do futebol amador. Adjetivos como emocionante e empolgantes definiram uma série de sensações presentes no contexto geral da prática deste futebol, tanto no jogo, onde teríamos um equilíbrio de tensão que, como afirmam Elias & Dunning (1985), promovem uma excitação agradável, quanto na festa, onde outros tipos de capitais além do futebolístico são disputados e celebrados, tais como: reconhecimento da qualidade da equipe independente da vitória, estabelecimento de novas e reforço de antigas relações sociais etc.

Além dessas, encontramos também uma definição relacionada ao futebol profissional: o futebol amador é de onde saem os craques, que reforça a idéia de celeiro já

apresentada em outros momentos. Por outro lado, surge também a idéia de diversão que aparece como uma contraposição à idéia de revelação de atletas, tendo no futebol amador do passado o sentido de celeiro de jogadores para os times profissionais e nos dias de hoje o sentido puramente de divertimento.

Já quando pensamos na importância do futebol amador, encontramos novamente a amizade e a busca da emoção, porém há uma predominância maior na revelação de jogadores e desenvolvimento de atletas. Além disso, encontramos outros elementos que não estiveram presentes na definição do futebol amador por aqueles que o fazem, mas em definições anteriores de gestores e cronistas, tais como: a melhoria da qualidade de vida e a questão da prevenção à marginalidade (aqui com ênfase no acesso às drogas pelos jovens). Surge um argumento novo, mas diretamente ligado aos anteriores, que é a contribuição para a formação dos jovens, apontando a participação neste futebol como um ponto diferenciador que influenciará na construção de valores e, conseqüentemente, no futuro daqueles que fizeram parte deste espaço.

A diferença que destacamos anteriormente entre os olhares de cronistas e gestores e os olhares de quem faz está no fato de que para os primeiros, significado e importância estão mesclados, apresentando pouca ou nenhuma diferença entre eles; já sob os olhares das lideranças, os últimos elementos apresentados (prevenção à marginalidade, construção de valores, entre outros) aparecem apenas na importância do futebol amador para a cidade, mas não na sua definição em si, o que nos permite indicar que existe uma diferenciação para aqueles que fazem, estando os significados ligados às propriedades que definem a figuração social do futebol amador, sem as quais teremos uma outra prática que não o futebol amador; já a importância carrega elementos mais instáveis, funções que

podem ser modificadas ao longo do tempo. O exemplo disto está nos diferentes discursos que justificaram/justificam a prática futebolística – ou mesmo esportiva de forma geral – que no passado, como nos mostra Pereira (2000), esteve associada a um discurso da saúde, da manutenção de corpos saudáveis e que hoje somasse a ele o discurso da prevenção às violências.



CAPÍTULO IV - AS RELAÇÕES DE INTERDEPENDÊNCIA E A TEIA DOS SIGNIFICADOS

A gente tem um lema:
Futebol faz amigos.
O Real faz futebol.
(Elias Gonçalves, entrevista da pesquisa)

Ao longo deste trabalho tivemos vários elementos que indicaram ligações entre os futebolis profissional e amador para além do jogo. A própria história do futebol nos mostra que essa divisão é recente e vai sendo desenvolvida a partir da prática desta modalidade esportiva como forma de trabalho e não apenas de divertimento. Até aqui pudemos encontrar as relações entre esses futebolis em algumas passagens, porém sem uma atenção maior ao tema. Aqui, tendo em vista o caminho escolhido para pensar o significado do futebol amador da cidade do Recife, retomaremos as relações apontadas anteriormente e outras que foram surgindo durante a investigação.

4.1 Semelhanças e diferenças

Para ajudar a evidenciar essas relações optamos como ponto de partida, no sentido de uma primeira aproximação entre estes futebolis, destacar as diferenças e semelhanças destas figurações. Neste sentido, iniciaremos com o que nossos informantes que nos apontaram como as semelhanças e diferenças entre estes dois futebolis. Os quadros que veremos a seguir sintetizam o que foi relatado.

Tabela 4 – Semelhanças e diferenças para os cronistas

SEMELHANÇAS	DIFERENÇAS
Cronistas	
Um possível dom?	No FP o jogador recebe toda a assistência
A rivalidade	FV: compromisso com a diversão, mas levada um pouco mais a sério do que na pelada.
Congregar pessoas	FP: jogador joga <i>full-time</i> , trabalhador
A vontade de ganhar, de jogar bem.	FV: jogador não tem como se dedicar tanto quanto o do FP
A intuição do brasileiro pelo futebol	FP: voltado para a questão tática, o treinador segue uma linha de raciocínio tática FV: futebol mais moleque, mais livre, treinador é uma figura pitoresca
O amor pelo esporte	Condição física e tática
O futebol amador imita o profissional: tem padrão, campo, mídia, benefícios para os jogadores	FP: as equipes são mais equilibradas, têm craques e bons jogadores FV: podem ter craques, jogadores bons, mas têm sempre os perna-de-pau que são amigos, conhecidos
	FP: Preparação física, técnica, posições estabelecidas FV: cerveja, churrasco, posições flexíveis
	FP: estrutura do profissionalismo comandada pela CBF FV: estrutura amadora, não há contratos regidos por leis
	FP: negócio FV: distração

* FP = Futebol Profissional * FV = Futebol de Várzea

Fonte: Elaborado pela autora deste trabalho

Tabela 5 – Semelhanças e diferenças para os gestores

SEMELHANÇAS	DIFERENÇAS
Gestores	
O amor, o gostar do futebol	FV: realizado sem compromisso, lazer
Prazer de jogar	FP: tem um regime a seguir, uma disciplina para alcançar os objetivos
A vibração no jogo	FV: é feito mais por amor FP: é feito mais por dinheiro
As regras e discussões	FV: joga porque quer, por prazer FP: prazer do jogo existe, mas é menor; tem muita cobrança, exigência
	FV: futebol de dono, é o dono que faz tudo FP: tem fonte de renda, patrocínio, associados
* FP = Futebol Profissional * FV = Futebol de Várzea	

Fonte: Elaborado pela autora deste trabalho

Analisando as tabelas aqui apresentadas, veremos que quando falamos de semelhanças encontramos, principalmente, características mais gerais ligadas ao jogo propriamente dito ou mesmo aos esportes de forma geral. Elas estão diretamente relacionadas ao caráter de divertimento, do futebol como atividade de lazer, seja para aqueles que assistem, seja para aqueles que jogam. Estas características são identificadas principalmente pelos cronistas e pelos gestores, tais como: a rivalidade, a reunião de pessoas, os sentimentos e sensações causados pelo jogo e as próprias regras que fazem as duas práticas serem chamadas de futebol.

Outras semelhanças apontadas parecem estar mais ligadas a um possível sentimento próprio do brasileiro e considerado quase inato. Esta diferenciação é pensada tanto para quem joga – no sentido da habilidade, uma espécie de dom²⁹ –, quanto para quem assiste – no sentido do amor a esta modalidade. Estas semelhanças estiveram mais presentes na fala dos cronistas.

Tabela 6 – Semelhanças e diferenças para as lideranças de time e esportiva

SEMELHANÇAS	DIFERENÇAS
<i>Lideranças de time e esportiva</i>	
A qualidade dos jogadores	Estrutura material e humana
A tradição	Preparo físico dos jogadores
O fanatismo	O profissional recebe cachê, a várzea não
A exigência dos dirigentes	Apoio da mídia
O jogo em si, as regras	O acabamento profissional
	No profissional não pode torcer
	O profissional joga por dinheiro e o amador não
	Alimentação
	O profissional tem vida de atleta

Fonte: Elaborado pela autora deste trabalho

No caso das lideranças de time e esportiva encontramos questões não encontradas nos outros relatos e que sugerem a intenção deste grupo de aproximar o futebol realizado por eles do futebol profissional. Isto pode ser percebido quando apontam

²⁹ O estudo de Damo (2007) faz uma análise da idéia de dom no futebol.

a qualidade dos jogadores e a exigência por parte dos dirigentes como pontos de intersecção destes futebóis.

Já quando falamos nas diferenças teremos três questões principais subjacentes: a estrutura material, o caráter da prática e a motivação para esta prática.

Aqui, a desigualdade quanto à estrutura material foi a regularidade mais encontrada para diferenciar estes dois futebóis, principalmente no relato das lideranças de time e esportiva. A diferença para eles é clara: o futebol profissional conta com todo um aparato em termos materiais; o futebol amador conta com toda uma precariedade quanto a isso, adaptando-se para se adequar ao mínimo necessário. Os vários olhares são unânimes: ainda que ter estrutura não seja um determinante sozinho para um time ser profissional, não tê-la é, certamente, um determinante para não sê-lo. Exemplo disso está na justificativa de alguns clubes com uma boa organização e o desempenho futebolístico necessário para competir na 2ª divisão da categoria profissional: a estrutura. Para estes times, que já foram inclusive convidados a participar dessa categoria – como é o caso do Barcelona do Jordão –, não adianta estar na divisão profissional sem a estrutura adequada.

Considerando a tendência a seriedade apontada por Elias & Dunning (1985), a partir da qual no processo de esportivização teremos a mudança do sentido do amadorismo para o profissionalismo, parece haver um entendimento do futebol profissional como o modelo, a referência, o objetivo natural de quaisquer clubes. Essa idéia aparece em praticamente todos os relatos, mesmo aqueles que colocam o futebol amador como relacionado a uma questão de amor. Nessa lógica, almejar ser um time profissional é um ponto indiscutível, mesmo quando esse interesse parece tão distante. Muitos clubes

apresentaram a vontade de ser profissional, mas não como uma meta do time e sim porque parece ser o mais coerente.

Surge aqui uma outra questão a ser destacada: estar na categoria profissional entre os últimos lugares significa menos reconhecimento para o clube do que estar entre os primeiros na categoria amador. Além disso, o futebol profissional está cada vez mais distante, na sua prática – excluindo aqui a questão das torcidas - do elemento nostálgico do futebol: o amor. O troca-troca de times por parte dos jogadores, as relações de interesse financeiro são apontados como elementos que parecem quebrar um pouco a idéia gloriosa do grande time e do futebol verdadeiramente brasileiro.

Um outro ponto, o caráter da prática, é evidenciado nos conceitos de lazer e trabalho. O futebol amador situado como uma prática de lazer e o futebol profissional como uma prática de trabalho. Isso corresponde à polarização convencional apontada por Elias & Dunning (1985) quando tratamos com estes dois conceitos.

O termo “trabalho” refere-se habitualmente a uma única forma específica de trabalho – o tipo de trabalho que as pessoas executam como modo de ganhar a vida. Nas sociedades mais diferenciadas e urbanizadas, este é um tempo rigidamente regulado e, na maior parte dos casos um tipo de trabalho altamente especializado (p.107)

Assim, no futebol amador haveria um compromisso com o divertimento, a diversão, com isso permitindo relações mais frouxas que deixam ao bel prazer do indivíduo a escolha de participação e engajamento nesta prática; já no futebol profissional haveria um compromisso com um retorno financeiro, com a questão da sobrevivência, exigindo disciplina e condições para sua prática, além do elemento formal: contratos, leis trabalhistas etc. Nesta mesma lógica, a questão da motivação para a prática emerge,

polarizando em dois interesses: o amor e o dinheiro. No futebol amador prevalecendo o primeiro e no futebol profissional prevalecendo o segundo. É preciso refletir um pouco sobre estas predominâncias.

Quando falamos em futebol amador, na definição empregada neste trabalho, estamos nos referindo a uma figuração que tem em comum com o futebol profissional a forma de organização clubística. Esta forma de organização pode ser considerada em um dos níveis de análise que o conceito elisiano nos possibilita, como uma figuração que possui uma relativa autonomia em relação aos indivíduos que a formam aqui e agora (ELIAS, 2006). Temos nesta figuração padrões de conduta estabelecidos legalmente, como por exemplo o não recebimento de remuneração por parte dos dirigentes, tendo em vista ser um entidade sem fins lucrativos. Isso é encontrado em ambos os futebolis. Pensando para além dos dirigentes, teremos o corpo técnico cada vez mais especializado que se faz presente na figuração clubística e que pode receber dinheiro pela sua atividade. São os treinadores, jogadores, entre outros. Em graus diferenciados, eles também se apresentam em ambos os futebolis e direcionam-se no mesmo sentido. No profissional é estabelecido um vínculo de trabalho formal, regido por lei. No amador, o vínculo de trabalho também existe, mas é regido pela relação entre dirigentes e jogadores.

Numa relação com a história do futebol, estaríamos novamente diante de um “amadorismo marrom” no futebol. Não apenas as grades de cerveja são os interesses daqueles que buscam jogar nos clubes. Os antigos “bichos”, agrados dados aos jogadores, permanecem sob a forma de eletrodomésticos, ajuda para pagar contas de luz, entre outros. Uma preocupação presente nas falas de algumas lideranças foi a exigência cada vez mais presente dos jogadores por uma recompensa financeira, o que estaria fazendo

com que a categoria titular/aberto/adulto estivesse começando a desaparecer. Esta categoria seria a mesma do futebol profissional e que ainda apresenta a possibilidade de trânsito de jogadores entre os diferentes futebóis.

De outro lado, uma categoria que tem crescido cada vez mais nos clubes amadores é a veterano. Composta por jogadores a partir dos 35 anos que não possuem perspectiva de se tornarem jogadores profissionais, ou que devido à idade já esgotaram sua atuação como profissionais, parece corresponder à polarização de interesses empreendida. Nesta categoria, o interesse do indivíduo está ligado ao prazer do jogo e à relação entre as pessoas. A necessidade financeira está ligada à realização dos campeonatos, às comemorações e à manutenção do próprio clube.

Há ainda que destacar as categorias infantil e juvenil. Nestas, os interesses parecem ainda mais imbricados, misturando-se entre o sonho de ser um profissional e o gosto pela prática. Nestas categorias aparecem os mais diferentes sentidos nos clubes amadores: formação profissional, formação de valores, diversão – que incorpora o gosto pela prática – e a busca da qualidade de vida – seja na prevenção à violência ou na melhoria da saúde. O interesse financeiro parece apresentar-se de maneira mais sutil, como uma consequência da formação profissional.

Estas análises reforçam que o sentido do profissionalismo prevalece no estágio atual do processo de esportivização, porém, é preciso destacar a existência de surtos em outra direção - como nos indica ELIAS (2006) -, que podem ser refletidos a partir de outra figuração que trouxemos a este trabalho: os times organizados.

Estes times, possuindo um outro formato de organização que não a clubística, revelam um distanciamento menor entre os que dirigem e os que jogam, assim como, uma

convergência de interesses maior. Esta figuração parece estar mais presente na realidade atual, principalmente pelas questões estruturais físicas terem um nível menor de exigência tendo em vista o desenvolvimento urbano da cidade e a pouca valorização dada aos espaços de prática do futebol amador, mas ainda mantendo certa diferenciação das chamadas peladas principalmente pelo compromisso com competições.

4.2 As relações de interdependência

Diante destas reflexões sobre as semelhanças e diferenças, pudemos perceber algumas características presentes nas figurações do futebol amador e profissional, mas que não funcionam necessariamente como relações de interdependência. As semelhanças, mais ligadas a pontos de relação entre estes futebolis, concentraram-se em questões que perpassam o futebol de forma geral. Já as diferenças indicaram distâncias entre estes futebolis, mas que não representam obstáculos ao diálogo entre eles.

É preciso ressaltar aqui que, para Elias (2006), as figurações são feitas exclusivamente por seres humanos, e as relações de interdependência nesse sentido só podem ser pensadas a partir dos indivíduos, mesmo que em diferentes níveis, no singular ou no plural. Nestes diferentes níveis, vamos encontrar relações entre estes futebolis, ontem e hoje, que retomam alguns elementos que foram trabalhados neste estudo anteriormente.

Unanimemente, para os informantes que participaram do nosso trabalho, um personagem estabelece o elo que estaria mais forte na relação entre futebol amador e futebol profissional: o olheiro.

O ponto de convergência entre o futebol de várzea e o futebol profissional está em que aquele funciona como o grande celeiro deste. Para isso existe o “olheiro”, quase sempre um profissional remunerado pelo clube, recebendo por serviços prestados. Gente que entende de futebol, que sabe vê o jogo, daí o nome de olheiro, vendo no meio de tantos o craque em potencial que se encontra escondido no peladeiro (Lucídio Oliveira, entrevista da pesquisa).

O olheiro seria o grande intermediário entre os clubes amadores e os clubes profissionais e consolida a função do futebol amador como celeiro de craques. Nos dias de hoje, porém, os relatos apontam uma diminuição grande da presença – e até existência – de indivíduos com essa função.

Assim, apesar do pouco tempo de existência das figurações futebol amador e profissional como a conhecemos hoje – algo como 60, 70 anos – é importante revisitar um pouco as relações de interdependência entre estes futebolis no passado, antes de alcançarmos os dias de hoje.

4.2.1 No passado

Pensar no passado parece estabelecer uma referência de proximidade maior entre os futebolis que tratamos aqui, principalmente devido à pequena distância que

separava os amadores e os profissionais no início da profissionalização deste esporte. Neste sentido, encontrar relações no passado parece mais fácil do que no presente.

É fundamental, porém, que não façamos confusões para pensar a história destes futebolis. A indicação do futebol suburbano como um ancestral do futebol amador se baseia muito mais nas características estruturais de sua prática, do que propriamente na diferenciação entre os futebolis de outrora. Deixemos claro que existia uma outra relação naquele momento que não a de amador e profissional, já que durante o início do desenvolvimento no Brasil o futebol não se realizava como atividade de trabalho, apenas como divertimento.

Dito isto, encontraremos algumas aproximações entre o futebol amador e o futebol profissional durante o desenvolvimento do segundo. Segundo os relatos, havia uma preocupação maior dos clubes profissionais com o futebol amador. Existiam pessoas específicas, contratadas para observar jogadores nos jogos dos subúrbios e a partir de seu destaque trazê-los para os grandes clubes. Esta função era exercida pelos olheiros. Os olheiros eram os “caça-talentos”. Geralmente estavam presentes nos jogos de bairro, nas cidades de interior e em estados próximos em busca dos destaques que pudessem levar ao clube.

Além do olheiro, considerado o elo mais forte entre estes futebolis, as equipes suburbanas também estavam mais próximas dos grandes clubes. Algumas delas, próximo a campeonatos, eram chamadas para fazer amistosos com os times profissionais. De outro lado, os grandes clubes participavam dos campeonatos de amadores, só que utilizando outro nome e, os treinadores, conseqüentemente, tinham mais contato com as equipes amadoras, seus jogadores e dirigentes.

Esse passado, porém, não está tão distante. É preciso lembrar que o futebol profissional moderno é uma invenção do século XX e que seu desenvolvimento tão profissionalizado e que caracteriza o distanciamento da várzea vem se dando nos últimos 40 anos. Assim, o passado dos olheiros e dos amistosos com os grandes clubes é um passado recente na cidade do Recife. Nele, o trânsito de jogadores entre clubes amadores e profissionais era mais intenso, pois não havia ainda uma supervalorização de conhecimentos táticos e os conhecimentos técnicos e físicos ainda podiam ser alcançados pelos jogadores que treinavam de forma não-sistemática nos campos de várzea.

4.2.2 As relações no presente

As relações, nos dias atuais, não se modificam muito, mas estão paulatinamente diminuindo sua intensidade. Além disso, é possível detectar algumas mudanças em curso.

O olheiro, este personagem nascido a partir da profissionalização do futebol, ainda faz parte da realidade do futebol nos dias de hoje. Sua presença, porém, é vista em menor proporção e muitas vezes há uma presença maior de olheiros de outros estados, do que do próprio local. Atrelado a isso está uma preocupação menor dos clubes em selecionar jogadores da várzea; hoje prioritariamente buscam selecionar jogadores nas categorias de base de seu time.

Com isso, um fenômeno se destaca na várzea: a proliferação de escolinhas esportivas - muitas voltadas para formação de atletas, na intenção de revelar jogadores

para os clubes grandes - e de campeonatos das categorias infantil e juvenil. A partir disso, clubes profissionais e amadores voltam a se encontrar (como nos amistosos de outrora), porém sob nova configuração. Exemplo disso é o Campeonato Futebol Amador da Capital, organizado pela Federação. Chamado de categoria Aberto (onde podem participar equipes de clubes filiados e não filiados), ele congrega equipes dos clubes profissionais e equipes dos clubes amadores. Interessante ressaltar, que, mesmo de clubes diferentes, esta é uma categoria considerada amadora tendo em vista a idade dos participantes. O que reforça as mudanças em curso no *campo* futebolístico, em ambas as figurações.

Entre as mudanças, está o surgimento de um outro personagem que vai substituindo gradativamente o olheiro: o empresário. Com a mudança da lei que coloca uma maior autonomia para os jogadores, o empresário aparece no futebol profissional como um intermediário entre o clube e o jogador. No caso da várzea, não temos informações precisas de como ocorre o processo, mas os relatos apontam a intervenção dele também na mediação entre estes futebolis, “negociando” os craques suburbanos.

Uma outra relação entre estes futebolis é apontada pelos entrevistados nos momentos de lazer dos jogadores profissionais. Segundo os relatos, os jogadores profissionais que vieram da várzea, em seus momentos de tempo livre, ou em festividades, voltam para bater pelada no local de onde vieram e para conviver com as pessoas.

É importante destacar também, que o jogador profissional não é um personagem tão distante como no passado, já que a profissionalização atinge dos grandes aos pequenos clubes. É nestes que ainda é possível termos a participação de jogadores amadores em competições profissionais. O Barcelona do Jordão trouxe um exemplo disso,

quando José Maurício dos Santos nos relatou que eles emprestaram quatro atletas para jogarem por um time profissional da segunda divisão.

4.3 Relações e significados

A relação que mais forte se apresentou em nossa investigação, como vimos até aqui, foi o trânsito de jogadores entre os clubes amadores e os grandes clubes. Aparentemente, isso pode sugerir a existência de uma relação de dependência do futebol amador para com o futebol profissional. O vetor da relação, porém, tem duplo sentido, ainda que, dentro do contexto atual do *campo* futebolístico, um possa ser mais enfatizado do que o outro.

Na perspectiva do futebol amador, formar atletas para o futebol profissional é a grande função deste futebol. É enviando os jogadores para os grandes clubes que as equipes legitimam sua prática. A figura do olheiro, nesse sentido, é fundamental e quando não se faz presente é percebida como uma desvalorização do futebol dos clubes para com o futebol amador.

Na perspectiva do futebol profissional, sob o olhar do futebol amador, os atletas das várzeas e subúrbios permanecem como os grandes artistas do futebol, que extrapolam o conhecimento técnico e levam consigo uma habilidade inata. Mesmo que nos dias atuais exista uma diretriz mais forte no futebol profissional voltada para a técnica e a tática, os habilidosos atletas da várzea teriam um atrativo a mais que sempre o destacam.

Admite-se, porém, que hoje as condições técnicas e táticas do profissional para o amador estão cada vez mais distantes. Com isso, os habilidosos precisam ser encontrados mais cedo, nas escolinhas e nos campeonatos infantil e juvenil para que possam ter as condições físicas necessárias para o jogo; os treinadores deixam de ser os donos do time, ou as figuras incentivadoras para serem treinadores específicos - ex-profissionais, jogadores mais habilidosos etc. - para que possam melhor preparar os futuros jogadores. O olheiro permanece então como figura importante, só que em espaços com jogadores cada vez mais jovens.

Pensando nos significados dessa prática para a cidade acreditamos que a idéia de “celeiro de craques”, mesmo sendo forte, não é suficiente, limitando esta prática a sua relação com o futebol profissional. Com isso, sentimos a necessidade de analisar o futebol amador a partir de dois níveis diferenciados.

Num nível mais estrutural, dos grupos e instituições que constroem esta prática, o significado do futebol amador está relacionado à revelação de jogadores, à descoberta de craques. Isto se traduz na nostalgia construída em torno do futebol como paixão e como prática de fácil e possível acesso a todos. Historicamente, o futebol amador se desenvolveu como espaço de revelação de jogadores, mas não de simples jogadores, mas daqueles que marcariam a história – seja local, seja mundial.

Neste nível, as características que se sobressaem quando pensamos em futebol amador está ligada: à organização local, no espaço dos bairros suburbanos, com precariedade infraestrutural e sob uma predominância do interesse pela formação profissional, numa relação direta com o amor pela prática; e à busca permanente de uma aproximação das características da organização do profissional, provocando a idéia de

pastiche. Mas, com o desenvolvimento cada vez maior do futebol profissional e das cidades, a imitação fica cada vez mais difícil de ser alcançada e os grupos vão buscando alternativas para tentar contornar essa distância.

Em outro nível, mais relacional, daqueles indivíduos que constroem esta prática, a interação social emerge como o significado primordial. Mais do que vitórias e derrotas, o sacrifício imposto pela falta de estrutura se reverte numa auto-organização para a realização de uma atividade prazerosa e que possibilita conhecer novas pessoas e lugares, estabelecer novos vínculos, conhecer e ser reconhecido. A amizade é reconhecida como um elemento fundamental desta figuração por parte das lideranças. O envolvimento em campeonatos, a realização de amistosos, até mesmo a busca por atletas, gera a construção de uma teia de ligações afetivas que é identificada como uma das características inerentes ao futebol amador. Neste nível, as relações de interdependência não se limitam - e nem descartam - o futebol profissional, construindo-se de forma muito mais ampla, extrapolando as fronteiras do próprio *campo* futebolístico.

Estes significados não se anulam e não parecem apontar claramente qualquer tipo de disputa. Pensando no *campo* futebolístico encontramos a predominância dos valores característicos do futebol profissional. Diferentemente de outrora, não há uma disputa evidente entre profissionais e amadores por parte dos clubes amadores. Os primeiros alcançaram a inversão do quadro de valores, consolidando-se no *campo*, e os segundos se transformaram em *tradição* como uma forma de se manter com algum capital. Sutilmente, as inquietações quanto à predominância de interesses financeiros em detrimento de interesses “amadores” sugerem a vontade de mudanças, mas não na estrutura do *campo*, e sim dentro da própria figuração do futebol profissional.

Já no relato dos gestores do Geraldão encontramos uma percepção diferenciada que pode caracterizá-los como recém-chegados para disputar o quadro de valores do *campo*. Eles retomam a defesa do amadorismo, a partir de uma lógica invertida que se contrapõe à lógica atual do futebol profissional – diferenciada do início do profissionalismo.

Historicamente, a profissionalização do futebol se desenvolve na busca do acesso dos trabalhadores a esta prática, num sentido de democratização daquele espaço social. Ao longo de seu desenvolvimento, porém, a tendência à seriedade nos esportes, apontada por Elias & Dunning (1985), se consolida num processo de seletividade cada vez maior. Assim, dentro do próprio futebol profissional se desenvolve uma distância entre os “grandes profissionais” que recebem grandes quantias de capitais – financeiros e simbólicos – e os “pequenos profissionais” que recebem muito menos capitais.

O amadorismo, naquele período, defendia a restrição da prática às elites através da manutenção do caráter de divertimento, buscando manter um caráter de exclusividade. Invertendo essa lógica, nos dias de hoje, os gestores defendem o amadorismo como forma de acesso das pessoas à prática esportiva. O caráter de divertimento, de lazer, possibilita o acesso de um maior número de pessoas; assim, o amadorismo é defendido agora para garantir a democratização dessa prática – não só do futebol, mas dos esportes de forma geral.

Porém, ao que parece, para os clubes o lazer por si só, como necessidade e/ou prática não se basta e não justificam todo o sacrifício realizado para a manutenção de toda a infra-estrutura necessária; o amor, talvez, baste. Mas a medida de avaliação do amor é o sacrifício e a medida de avaliação da importância é a relação com o futebol profissional.

Neste sentido, é importante questionar se a figuração social do futebol amador permanecerá existindo na cidade caso haja novamente a predominância não só dos valores amadores, mas da prática amadora no *campo* futebolístico. Diríamos aqui que não.

Para os entrevistados, a existência da prática específica que denominamos aqui futebol amador está completamente ligada ao espaço: o campo de várzea. Como vimos anteriormente, o lugar onde se realiza este futebol é um condicionante de sua permanência na cidade. Os relatos reforçam isso e atrelam a sobrevivência do futebol amador à existência de seu local específico.

Porém, mais do que um espaço, a configuração estudada aqui parece estar diretamente atrelada ao sentido do profissionalismo do processo de esportivização. A mudança de sentido, possivelmente, levaria à extinção desta figuração e à construção/reforço de outras, tais como a pelada.

O desaparecimento desta figuração, entretanto, não pode ser previsto e nem pode ser atrelado apenas à mudança de sentido. Mesmo com a permanência do sentido do profissionalismo, a possibilidade de mudanças, e até mesmo extinção desta figuração, é real e pode estar atrelada a outros fatores – considerando que há na sociedade contemporânea cadeias de interdependências cada vez mais fortes -, mas certamente isso levará muito tempo para acontecer.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos dias de hoje, o profissionalismo dá o sentido do processo social de esportivização. No *campo* do futebol este sentido é assimilado e atua nos outros futebolis como um padrão hegemônico. Assim, este futebol, ou a matriz de alto rendimento, é utilizado como parâmetro para definir e legitimar outras práticas, entre elas o futebol amador.

Em tempos anteriores, quando o amadorismo estava estabelecido como sentido do processo, o futebol amador era o parâmetro para as outras práticas, porém, sua realização restringia-se a uma parte da população, as elites. Com a democratização desta modalidade esportiva, o profissionalismo surgia como uma alternativa importante e necessária – tanto por já estar em desenvolvimento em outros países, como a Inglaterra, quanto por proporcionar um desenvolvimento cada vez maior do capital futebolístico necessário para alcançar vitórias.

Em consonância com os acontecimentos em outras áreas, como a política, o futebol representava povos, construía ídolos – jogadores e ídolos – nações. Em um país em clima de consolidação e busca por reconhecimento, a modalidade estrangeira foi primeiro recebida com resistência; depois com paixão. Essa paixão, que transformou multidões de pessoas em um único povo, durante eventos que se repetiam periodicamente e eram aguardados com emoção, recebe cada vez mais autonomia até tornar-se brasileiro.

O futebol brasileiro diferente de qualquer outro e defendido com ardor, tinha à época um diferencial que seria o diferencial brasileiro – sob o olhar atento de nomes como Gilberto Freyre –, a mestiçagem. Esse tempero do futebol brasileiro, presente nos

subúrbios de todo o país, conquistou corações e sonhos, de tal forma, que se espalhou por todo o território sendo praticado e recriado. Milhares de brasileiros queriam participar dele. Milhares de campos se espalhavam pela cidade.

Com o tempo, o profissionalismo aprofundava-se dando o caráter de maior seriedade ao jogo. A paixão foi se transferindo paulatinamente dos campos para as cadeiras e arquibancadas. Outras paixões foram surgindo: novos esportes, novas tecnologias, novas alternativas. Isso requisitou espaços; os campos se reduziram pela cidade e foram se construindo estádios.

Nos campos restantes consolidou-se um certo futebol: o amador. Sua prática foi sendo consolidada sob várias figurações: peladas, futebol de rua e futebol amador - uma figuração mestiça entre um futebol profissional e um futebol de pelada.

Este futebol amador diferencia-se daquele que se transformou em discurso ideológico em tempos passados. No *campo futebolístico* atual, a prevalência do sentido profissional é majoritária e entre seus agentes ele se consolidou como referência e modelo a ser seguido. Encontramos, porém, surtos na direção do amadorismo. Um dos exemplos, como vimos neste trabalho, é o projeto Campeonato Futebol Participativo, realizado pelo Geraldão, que se realiza a partir de um ponto de vista do futebol amador sem necessitar de uma validação pelo futebol profissional.

Foi a partir deste contexto que investigamos o significado social do futebol amador para a cidade do Recife. Uma tarefa árdua que se transmutou na descoberta de vários significados e nos desafiou a todo o momento a não chegar a um nível tão individual que variasse de indivíduo para indivíduo, ou tão generalista que se impusesse de forma plena em todas as figurações sociais. A integração entre os conceitos

bourdieusianos e elisianos parecem ter sido fundamentais para não cair nesta armadilha que acompanha os estudos sociológicos.

Entre os significados que se sobressaíram vimos, em diferentes níveis, a revelação de jogadores e a amizade como as mais fortes expressões do futebol amador na cidade do Recife. Estas expressões foram analisadas a partir de um prisma específico: aqueles que fazem o futebol amador, mais especificamente lideranças de times, gestores, lideranças esportivas e, como olhar externo, os cronistas. Mesmo neste foco específico, algumas vozes não foram ouvidas como a dos jogadores e a dos olheiros. Há ainda que considerar a necessidade de captar os olhares daqueles que constroem o futebol profissional comparando as duas perspectivas. Ainda que saiam do alcance do objetivo deste trabalho, essas outras possibilidades são destacadas aqui como proposições para trabalhos futuros.

Para além disso, acreditamos que este trabalho abre um leque de temas, e ao mesmo tempo lacunas, que estão presentes quando falamos em futebol amador, ou mesmo no futebol de forma geral. Entre eles destacamos aqui a história do futebol em Pernambuco. Existem muitos esforços no sentido de preservar a memória do futebol neste estado, mas pouca atenção do âmbito acadêmico no sentido de coletar, sistematizar e tratar os dados existentes.

Além disso, aprofundar a análise do amadorismo e do profissionalismo como sentidos do processo de esportivização, investigar as políticas públicas que trabalham com o futebol amador, assim como pesquisar os discursos sociais sobre o futebol amador, são interessantes temas a serem desenvolvidos.

Por fim, este trabalho reforça a importância que o futebol adquiriu na sociedade contemporânea, tornando-se um importante objeto de estudo das várias ciências e ressalta, aumentando o volume das palavras de Damo (2003), que existe muito mais coisas entre o futebol e a sociedade, do que pode nos mostrar o futebol profissional.



BIBLIOGRAFIA

ALVES, G. **História do futebol em Pernambuco**. Recife, Secretaria de Educação e Cultura, 1978.

ATHAYDE, P. de. Vida na Várzea. **Carta Capital**, São Paulo, SP, ano XIII, n.411, p.10-15, 20 de setembro de 2006.

BARRETO, T. V. ; MORAIS, J. V. Estudos sobre futebol no Brasil. **Diário de Pernambuco**, Recife, 05 set. 2008.

BITOUN, JAN. O que revelam os índices de desenvolvimento humano. **Atlas do Desenvolvimento Humano no Recife**, Prefeitura da Cidade do Recife, 2005. (cd-rom)

BOURDIEU, P. Alta costura e alta cultura. In: BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983, p. 154-161.

_____. A Gênese dos Conceitos de Habitus e de Campo. In: BOURDIEU, P. **O Poder Simbólico**. Lisboa/São Paulo: Difel/Bertrand Brasil, 1989, p.59-74.

_____. Programa Para uma Sociologia dos Esportes. In: BOURDIEU, P. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990a, p.207-220.

_____. Algunas propiedades de los campos. In: BOURDIEU, P. **Sociología y cultura**. México: Conaculta, 1990b, p. 135-141.

COUCEIRO, S. C. **Artes de viver a cidade**: conflito e convivências nos espaços de diversão e prazer do Recife dos anos 1920. 2003. 320 f.. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFPE, Recife, 2003.

_____. **Do dom à profissão**: formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Ed., Anpocs, 2007.

DAMO, A. S. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. **Movimento**. Porto Alegre, v.9, n.2, p.129-156, 2003.

DINIZ, M. **Os donos do saber**: profissões e monopólios profissionais. Rio de Janeiro: Revan, 2001.

ELIAS, N. **A Sociedade dos Indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994a.

- _____. **O Processo Civilizador**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1994b, vol. 1 e 2.
- _____. The Genesis of Sport as a sociological problem. In: DUNNING, E.; DOMINIC, M. **Sport: critical concepts in Sociology**. London: Routledge, 2003, p.102-126.
- _____. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2005.
- _____. **Escritos & Ensaios 1**: Estado, processo, opinião pública. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- ELIAS, N.; DUNNING, E. **A Busca da Excitação**. Lisboa: Difel, 1985.
- FERNANDES, F. **A revolução burguesa no Brasil**: ensaio de interpretação sociológica. São Paulo: Globo, 2006.
- FRANCO JÚNIOR, H. **A dança dos deuses**: futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (orgs.) **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 1995.
- GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol** – Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo, Nova Alexandria, 2002.
- GONÇALVES, A.M. A. **Futebol Amador**: Campo Emergente de Sociabilidade. 2002. 104f.. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade Regional do Cariri, UFC, Fortaleza, CE, 2002.
- GRAFMEYER, Y. **Sociologia Urbana**. Portugal: Europa-América, 1994.
- GUEDES, S. L. **O Futebol Brasileiro**: Instituição Zero. 1977. 175f.. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade do Rio de Janeiro, 1977.
- _____. **O Brasil no campo de futebol**: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro. Rio de Janeiro: EDUFF, 1998.
- GUIMARÃES, H. P. **Gol de Haroldo**: crônicas esportivas. Recife, Ed. Do Autor, 2001.

HOBSBAWN, E. J. **A era dos impérios**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. **Era dos Extremos**: o breve século XX: 1914-1991. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.

_____. **Globalização, democracia e terrorismo**. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

JESUS, G. M. de. À Geografia dos Esportes: uma introdução. **Scripta Nova** – Revista Eletrônica de Geografia e Ciências Sociais (ISSN 1138-9788), volumen III, n.35, Universidade de Barcelona, marzo/1999. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn-35.htm>

_____. Considerações Teórico-metodológicas sobre a difusão do futebol. **Scripta Nova** – Revista Eletrônica de Geografia e Ciências Sociais (ISSN 1138-9788), n.69(23), Universidad de Barcelona, agosto/2000. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn-69-23.htm>

_____. A Adoção do Futebol na Espanha: o papel das redes e da configuração do território. **Scripta Nova** – Revista Eletrônica de Geografia e Ciências Sociais (ISSN 1138-9788), n.87, Universidad de Barcelona, abril/2001. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn-87.htm>

_____. Várzeas, Operários e Futebol: uma outra geografia. **GEOgraphia**. UFF, RJ, ano IV, n. 8, jul – dez 2004 (publicação on-line). Disponível em: http://www.uff.br/geographia/rev_08/gilmar8.pdf

_____. A Mutante Dimensão Espacial do Futebol: Forma Simbólica e Identidade. **Espaço e Cultura**. UERJ, RJ, nº. 19-20, p. 61-70, jan/dez 2005.

LOPES, J. S. L. A vitória do futebol que incorporou a pelada. **Revista da USP**: Dossiê Futebol, São Paulo, n.22, p. 65-83, 1994.

_____. Futebol ‘mestiço’: história de sucessos e contradições. **Ciência Hoje**, 1998. Disponível em: <<http://cienciahoje.uol.com.br/images/ch%20on-line/especial/futebol/artigo1.rtf>>. Acesso em: 27 de outubro de 2008.

MAGNANI, J. G. C & MORGADO, N. Futebol de Várzea também é patrimônio. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, São Paulo, p.175-184, 1996.

MAGUIRE, J. A. **Sport Worlds**: a Sociological Perspective. Human Kinetics, 2002.

MAXIMO, João. Memórias do futebol brasileiro. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 13, n. 37, 1999, p. 179-188. Disponível em: <http://www.scielo.br>

MELO, V. **História da Educação Física e do Esporte no Brasil** – Panoramas e Perspectivas. 2ª, São Paulo, IBRASA, 1999.

_____. **Cidade sportiva**: primórdios do esporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Relume Dumará, FAPERJ, 2001

_____. A. de. **Dicionário do Esporte no Brasil**: Do século XIX ao início do século XX. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

MINAYO, M. C. de S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ, Vozes, 1994.

MONTESPERELLI, Paolo. **Sociologia de la memória**. Buenos Aires, Nueva Visión, 2004.

NEGREIROS, P. J.L. de C. Futebol nos anos 1930 e 1940: construindo a identidade nacional. **História: Questões & Debates**, Curitiba, Editora UFPR, n. 39, p. 121-151, 2003. Disponível em: <<http://calvados.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/historia/article/view/2727/2264>>. Acesso em: 27 de outubro de 2008.

PEREIRA, L. A. de M. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro: 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PIMENTA, R. D. **Desvendando o jogo**: o Futebol de Várzea e a “Pelada” na Cidade e no Sertão. 2007. 26f.. Projeto de Qualificação da Tese (Doutorado em Sociologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFPE, Recife, 2007.

SÁ CARNEIRO, Ana Rita; MESQUITA, Liana. **Espaços livres do Recife**, Prefeitura do Recife/UFPE, 2000.

SANTOS NETO, J. M. dos. **Visão do Jogo**: primórdios do futebol no Brasil. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desatinos. **Revista da USP** – Dossiê Futebol, São Paulo, n.22, p.30-37, 1994.

WISNIK, José Miguel. **Venero remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo, Companhia das Letras, 2008.

ANEXO A – Roteiros das entrevistas

ROTEIRO DE ENTREVISTAS (CRONISTAS)

- De modo geral, gostaria de saber como você define o futebol de várzea?
- Que diferenças você identifica entre o futebol profissional e o futebol de várzea?
- E que semelhanças você identifica entre estes “futebóis”?
- Além dessas semelhanças, você acha que existem relações/ligações entre o futebol de várzea e o futebol profissional?
Se sim, quais? Como elas acontecem?
- Nos remetendo ao passado, você acha que o futebol de várzea é diferente do de hoje?
Sim, porquê? (que diferenças você identifica)
- Você vê outras ligações entre o futebol de várzea e o futebol profissional no passado?
- Você acha que eles tinham mais semelhanças ou diferenças? Quais?
- Na sua opinião, para além destas ligações com o mundo do futebol profissional, que outras ligações você identifica no futebol de várzea?
- Na sua opinião, qual a importância do futebol de várzea?
- Você acha que ele um dia pode deixar de existir? Por quê?

Nome:

Idade:

Ligação com o futebol:

Atividade profissional:

Experiência com o futebol de várzea:

ROTEIRO DE ENTREVISTAS (PREFEITURA)

- De modo geral, gostaria de saber como você define o futebol de várzea?
- Que diferenças você identifica entre o futebol profissional e o futebol de várzea?
- E que semelhanças você identifica entre estes “futebóis”?
- Além dessas semelhanças, você acha que existem relações/ligações entre o futebol de várzea e o futebol profissional?
Se sim, quais? Como elas acontecem?
- Nos remetendo ao passado, você acha que o futebol de várzea é diferente do de hoje?
Sim, porquê? (que diferenças você identifica)
- Você vê outras ligações entre o futebol de várzea e o futebol profissional no passado?
- Você acha que eles tinham mais semelhanças ou diferenças? Quais?
- Na sua opinião, para além destas ligações com o mundo do futebol profissional, que outras ligações você identifica no futebol de várzea?
- Na sua opinião, qual a importância do futebol de várzea?
- Você acha que ele um dia pode deixar de existir? Por quê?
- Na Prefeitura do Recife como o futebol de várzea é tratado hoje? (que ações, como elas se desenvolvem)
- E no passado também era desta maneira? (como ele era tratado no passado)
- Quais as semelhanças e diferenças que você vê entre a forma como o futebol de várzea é visto pela Prefeitura no passado e agora?
- Dentro do trabalho que a Prefeitura desenvolve como o futebol de várzea se relaciona com o futebol profissional?
- Qual a importância do futebol de várzea para a Prefeitura?

Nome:

Idade:

Ligação com o futebol:

Atividade profissional:

Experiência com o futebol de várzea:

ROTEIRO DE ENTREVISTAS (FPF)

- De modo geral, gostaria de saber como você define o futebol de várzea?
- Que diferenças você identifica entre o futebol profissional e o futebol de várzea?
- E que semelhanças você identifica entre estes “futebóis”?
- Além dessas semelhanças, você acha que existem relações/ligações entre o futebol de várzea e o futebol profissional?
Se sim, quais? Como elas acontecem?
- Nos remetendo ao passado, você acha que o futebol de várzea é diferente do de hoje?
Sim, porquê? (que diferenças você identifica)
- Você vê outras ligações entre o futebol de várzea e o futebol profissional no passado?
- Você acha que eles tinham mais semelhanças ou diferenças? Quais?
- Na sua opinião, para além destas ligações com o mundo do futebol profissional, que outras ligações você identifica no futebol de várzea?
- Na sua opinião, qual a importância do futebol de várzea?
- Você acha que ele um dia pode deixar de existir? Por quê?
- Na Federação como o futebol de várzea é tratado hoje? (que ações, como elas se desenvolvem)
- E no passado também era desta maneira? (como ele era tratado no passado)
- Quais as semelhanças e diferenças que você vê entre a forma como o futebol de várzea é visto pela Federação no passado e agora?
- Dentro do trabalho que a Federação desenvolve como o futebol de várzea se relaciona com o futebol profissional?
- Qual a importância do futebol de várzea para a FPF?

Nome:

Idade:

Ligação com o futebol:

Atividade profissional:

Experiência com o futebol de várzea:

ROTEIRO DE ENTREVISTAS (LIDERANÇAS DE TIME)

Nome do time:

Responsável (is) pela equipe:

Contato:

Campo:

Próprio: () Público () Outro _____

1º momento: principais características internas

1. Como surgiu a equipe _____?

Pontos que precisam estar presentes: - período de fundação; nome do fundador; comunidade(s) de fundação

2. Por que o nome _____?

3. A equipe tem campo próprio? Como adquiriu?

4. A equipe é registrada?

5. De onde são as pessoas que fazem parte do time? Quais as categorias na equipe? A equipe realiza treinos? Com que frequência?

6. Quais os principais campeonatos /torneios /disputas que o time participou?

7. Como é o padrão da equipe?

8. Como o time se mantém? Como é a administração financeira?

9. Os jogadores e dirigentes recebem algum tipo de pagamento?

10. A equipe chama jogadores de outras equipes para disputar o campeonato?

11. A equipe nasceu para ser uma equipe profissional?

12. Almeja participar de campeonatos profissionais?

13. Pra o Sr., o que é o futebol de várzea/amador?

14. Quais as diferenças que o senhor vê entre o futebol de várzea e o futebol profissional?

15. E as semelhanças?

2º momento: características externas

16. A equipe é inscrita na FPF? Ela ajuda a equipe de alguma forma?

17. O governo ajuda a equipe de alguma forma?

18. E a comunidade?

19. E a mídia – rádio, jornal, tv – já noticiou a equipe de alguma forma? Como foi?

20. Existe diferença entre como era o futebol amador na época em que a equipe surgiu e a forma como ele é hoje?

21. O Governo ajudava em alguma coisa naquela época? Como?

22. E a TV e o Jornal, ajudavam? Como?

23. E naquele tempo o futebol era muito diferente do de hoje? Por quê?

3º momento: outras relações

24. Qual a importância do futebol amador?

25. Na sua opinião, qual a importância do futebol de várzea?

26. Você acha que ele um dia pode deixar de existir? Por quê?

ROTEIRO DE ENTREVISTAS (LIDERANÇA COMUNITÁRIA-ESPORTIVA)

- Quando começou sua relação com o futebol de várzea?
- Qual a sua relação com o futebol de várzea hoje?

- A partir de sua experiência, gostaria de saber como o Sr. define o futebol de várzea?
- Que diferenças o Sr. identifica entre o futebol profissional e o futebol de várzea?
- E que semelhanças o Sr. identifica entre estes “futebóis”?
- Além dessas semelhanças, o Sr. acha que existem relações/ligações entre o futebol de várzea e o futebol profissional?
- Se sim, quais? Como elas acontecem?

- Nos remetendo ao passado, o Sr. acha que o futebol de várzea é diferente do de hoje?
Sim, porquê? (que diferenças você identifica)
- O Sr. vê outras ligações entre o futebol de várzea e o futebol profissional no passado?
- O Sr. acha que eles tinham mais semelhanças ou diferenças? Quais?
- Na sua opinião, para além destas ligações com o mundo do futebol profissional, que outras ligações o Sr. identifica no futebol de várzea?

- Na sua opinião, qual a importância do futebol de várzea?
- O Sr. acha que ele um dia pode deixar de existir? Por quê?

- Na Comunidade como o futebol de várzea é tratado/acontece hoje? (que ações, como elas se desenvolvem)
- E no passado também era desta maneira? (como ele era tratado no passado)
- Quais as semelhanças e diferenças que o Sr. vê entre a forma como o futebol de várzea é visto pela Comunidade no passado e agora?
- Dentro da comunidade, como o futebol de várzea se relaciona com o futebol profissional?
- Qual a importância do futebol de várzea para a Comunidade?

Nome:

Ligação com o futebol:

Experiência com o futebol de várzea:

ANEXO B - LISTA DOS ENTREVISTADOS

(por ordem de entrevista)

Cronistas

1. José Bezerra Filho – 25/04/2008
2. Leonardo Guerreiro Ferreira Lima – 25/04/2008
3. Carlos Celso Cordeiro – 29/04/2008
4. Carlos Alberto de Melo Lago – 29/04/2008
5. Marcelo Cavalcante – 29/04/2008
6. Carlyle Paes Barreto – 29/04/2008
7. Álvaro Antônio Maia M. Filho – 30/04/2008
8. Lenivaldo Moraes Aragão – 30/04/2008
9. Haroldo Praça Guimarães – 23/05/2008
10. Lucídio José de Oliveira – por escrito

Gestores

11. César Gomes da Silva – GEGM – Prefeitura do Recife - 25/07/2008
12. Emerson Luis Sobral – GEGM – Prefeitura do Recife - - 25/07/2008
13. Romildo Correia de Sant´ana – Federação Pernambucana de Futebol - 05/09/2008

Lideranças de time e esportiva

14. José Maurício dos Santos – Barcelona do Jordão – 11/10/2008
(participaram também Adeilson, Paulo, Amilton, Roseli e Elimar)
15. Antônio Carlos Pereira Gonçalves (Fiu) – Centro Esportivo do Pina – 18/10/2008
16. Cláudio Antônio Alves (Dilson) – Santos F.C. – 11/11/2008
17. José Basílio da Silva – Liderança Esportiva – 17/11/2008
18. Elias Gonçalves da Silva – Real da Mustardinha – 18/11/2008
19. Agnaldo Barbosa do Nascimento - 10 de Novembro de Tejió – 20/11/2008
(participou também Paulo Roberto Melo)
20. Antônio Pereira da Silva (Toinho) – Cacique – 22/11/2008

21. Nelson Soares de Sena – Botafogo do Barro – 20/12/2008
22. Gilmar dos Santos – Floresta do Barro – 20/12/2008
23. Rogério de Oliveira Petersburgo – Ramezzoni de Santo Amaro - 21/12/2008

Silva, Joanna Lessa Fontes

Os significados do futebol amador recifense a partir de sua interdependência com o futebol profissional / Joanna Lessa Fontes Silva. -- Recife : O Autor, 2009. 137 folhas : il., tab.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. Sociologia, 2009.

Inclui : bibliografia e anexos.

1. Sociologia. 2. Futebol – Recife (PE). 3. Futebol – Aspectos – sociais. 4. Relações de Interdependência. I. Título.

**316
301**

**CDU (2. ed.) UFPE
CDD (22. ed.) BCFCH2009/48**